

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Andreia da Silva Laucas de Campos

**FÁBIO LUZ E A PEDAGOGIA LIBERTÁRIA:
TRAÇOS DA EDUCAÇÃO ANARQUISTA NO RIO DE JANEIRO (1898-1938)**

Rio de Janeiro
2007

ANDREIA DA SILVA LAUCAS DE CAMPOS

**FÁBIO LUZ E A PEDAGOGIA LIBERTÁRIA:
TRAÇOS DA EDUCAÇÃO ANARQUISTA NO RIO DE JANEIRO (1898-1938)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Doutor Roberto Luís Torres Conduru, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Rio de Janeiro
2007

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Dissertação: Fábio Luz e a Pedagogia Libertária: traços da educação anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)

Elaborada por: Andreia da Silva Laucas de Campos

Aprovada pela Banca Examinadora

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a) da Dissertação
Prof. Dr. Roberto Luís Torres Conduru

Prof^o. Dr^o.
Ana Chrystina Venancio Mignot

Prof^o. Dr^o.
Angela Maria Souza Martins

Aos meus queridos avós Abigail e Manuel (*in memoriam*), de quem guardo uma lembrança calorosa e afável.

*O agradecimento também é história
É lembrar, na própria trajetória,
Percalços, desejos, dificuldades, vitórias.
É celebrar, comungar e valorizar
Aqueles que guardamos na memória.*

À minha família em especial, pela atenção e carinho; minha mãe Luzia, minha avó Zilda, meus irmãos Felipe e Laís, minha prima Gabriella.

Ao meu primo Rafael, que sempre esteve presente em todos os momentos de minha vida, com quem compartilho especial afeição. Ao meu primo Marcelo, pelo auxílio no resumo.

À minha querida sogra Giannina, pelo auxílio amoroso na formatação e correção deste trabalho. Ao meu primo Rafael Laucas, pelo empenho em rever o trabalho impresso.

Ao carinho especial dos meus amigos sempre presentes. À atenção de Gláucio, as risadas de Mari, às broncas de Sheila.

Ao incentivo especial da amiga Heloisa, com quem estudei na Graduação, e da minha amiga Izabel, sempre lembradas.

Aos meus companheiros de trabalho, com quem compartilhei muitas experiências no magistério. Em especial, ao carinho de Haida e Rosângela. Aos alunos, com quem aprendi a ser professora.

Ao meu orientador Professor Roberto Conduru, pelo incentivo durante o curso e pelas interferências nos momentos oportunos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da UERJ, com quem tive a oportunidade de estudar e conversar, em especial, às Professoras Ana Chrystina Venancio Mignot e Tereza Helza Cyrillo Gomes.

Ao meu querido marido Renato, pela caminhada repleta de projetos e sonhos.

RESUMO

CAMPOS, Andreia da Silva Laucas de (2007). *Fábio Luz e a Pedagogia Libertária: traços da educação anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Rio de Janeiro: FE/UERJ, 2007.

Esta dissertação tem como objeto de estudo a história de vida e o pensamento educacional do anarquista Fábio Lopes dos Santos Luz. Sua trajetória de vida foi marcada pelo engajamento nas questões sociais de seu tempo, associando educação e transformação social. Utiliza como fontes arquivos policiais, os periódicos operários, os romances e o arquivo pessoal de Fábio Luz. Os ácratas entendiam que a educação seria a principal forma de construção de uma sociedade livre e justa. A figura de Fábio Luz é destacada a partir de sua produção literária e de sua atuação comprometida com a formação de consciências livres, prontas para viver em um mundo onde impere a justiça e a solidariedade. Seu papel como educador e sua participação no movimento operário são investigados em seus discursos e interlocuções com outros educadores anarquistas. Esta estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado às atividades educacionais de Fábio Luz nas escolas oficiais e aborda a concepção da escola libertária para a infância. O segundo capítulo compreende a educação dos trabalhadores e a construção da palavra operária como dimensões da militância de Fábio Luz, envolvendo a imprensa e a criação de espaços educativos diferenciados, como a Universidade Popular e o Centro de Estudos Sociais. E, finalmente, no último capítulo a atividade literária e educativa de Fábio Luz é destacada a partir dos seus romances de fundo social, compondo uma interpretação da sociedade da época.

Palavras- chave: Fábio Luz, Pedagogia Libertária, anarquismo.

ABSTRACT

CAMPOS, Andreia da Silva Laucas de (2007). Fábio Luz and the Libertarian Pedagogy: traces of the anarchist education in Rio de Janeiro (1898-1938). Presented to the Program of Post-Graduation in Education of UERJ as prerequisite to obtain the degree of Master. Rio de Janeiro: FE/UERJ, 2007.

The objective of this paper is to study the life and educational thinking of Fabio Lopes dos Santos Luz. His life was marked by his engagement in the social issues of his time, always associating education and social transformation. This paper uses police records, Luz's newsletters from the labor movement, his romance novels and own personal archives as sources. The anarchists believed that education was the foundation of a free and just society. Luz's figure gained notoriety from his literary production and from his stance on the formation of free minds ready to live in a world where justice and solidarity ruled. His role as an educator and his participation in the labor movement are examined in his speeches and conversations with other anarchist educators. This paper is divided into three chapters. The first chapter is dedicated to the educational activities of Fabio Luz in the official schools and describes the inception of the libertarian school for the youth. The second chapter covers the education process of workers and the beginnings of a proletarian voice as characteristics of Luz's activism, including the press and the creation of differentiated educational places, like *Universidade Popular* and *Centro de Estudos Sociais*. Finally, the last chapter highlights the Luz's literary and educational activities based on his romances covering social themes, compiling an interpretation of the society of his time.

Key-words: Fábio Luz, Libertarian Pedagogy, Anarchism

Sem os utopistas do passado, os homens ainda viveriam miseravelmente e nus em cavernas. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. (...) Dos sonhos generosos saem as realidades benfazejas. A utopia é o principio de todo o progresso e o desenho de um futuro melhor.

Anatole France
(*A Vida*, 1915)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. FÁBIO LUZ: O EDUCADOR	
1.1 A revolução pela educação.....	19
1.2 O Princípio Educativo.....	21
1.3 O Ensino Integral: a idéia.....	24
1.4 O Ensino Integral: a prática.....	28
1.5 Escolas Anarquistas: os caminhos que levaram ao Brasil.....	33
1.6 Lembranças do educador anarquista na inspeção escolar.....	49
2. FÁBIO LUZ E A EDUCAÇÃO OPERÁRIA	
2.1 A educação dos trabalhadores.....	52
2.2 A arte de ser anarquista: a resistência.....	55
2.3 A pedagogia libertária na imprensa e no sindicato.....	65
2.4 A <i>Universidade Popular</i>	80
2.5 O <i>Centro de Estudos Sociais</i>	82
3. FÁBIO LUZ: O ESCRITOR LIBERTÁRIO	
3.1 Literatura e militância anarquista.....	86
3.2 O ideólogo da nova sociedade.....	96
3.3 Os <i>Emancipados</i> e outros escritos.....	100
3.4 <i>Lua Nova e o Amor Livre</i> : pensando a educação feminina.....	106
3.5 Livros Escolares.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
FONTES DE PESQUISA	114

INTRODUÇÃO

A história, depois de ter sido a história dos reinos, tende a vir a ser a história dos povos, e, por fim, o estudo dos indivíduos.

Kropotkin, 1896.

As palavras do anarquista russo Piotr Kropotkin colocam a história como um campo marcado pelas experiências e singularidades humanas. Nesse sentido, para escrever sobre Fábio Luz, foi necessário considerar os múltiplos espaços que ocupou, compreendendo sua experiência de vida atrelada às condições sócio-históricas de suas escolhas na área educacional.

Este trabalho tem como objeto a trajetória de vida e o pensamento educacional desde médico libertário, que se tornou um educador engajado, um intelectual de sua época, que atuou no campo literário, na imprensa e nos sindicatos. A sua circulação entre diferentes grupos sociais caracterizou uma atividade literária preocupada com a educação e o esclarecimento da população. Seu envolvimento na criação de propostas educativas para os trabalhadores, para as mulheres e crianças identifica uma atuação ideológica capaz de converter a própria vida em uma atividade militante.

Este estudo biográfico não pretende fazer uma abordagem linear, construindo uma narrativa cronológica dos fatos por ele vivenciados. Pretende relacionar os diferentes espaços sociais nos quais atuou, enfocando os aspectos da sua atividade educacional.

Fábio Lopes do Santos Luz (1864-1938) nasceu em Valença, Bahia, onde passou a infância e a adolescência, ao lado dos seus quatro irmãos. Sua mãe foi professora e seu pai funcionário público. Fábio Luz escreveu que, durante a infância, sempre desejou a liberdade, pois sua saúde não lhe permitia a mesma vida de seus irmãos.

Nem sempre, entretanto, me foi dado gozar a liberdade completa concedida a meus irmãos. Moléstias longas me prenderam ao leito por dias intermináveis. Sofri de coréia, em recaídas sucessivas, com rápidas intermitências de saúde. Isso me fez sonhador. Preso ao leito, na agitação tremenda de todos os músculos da vida de relação, na desordem e na incordenação dos movimentos, meu cérebro trabalhava mais do que era natural na minha idade. Aquela moléstia apurou, sutilizou minha fantasia [...] (LUZ, 1926).

Este texto aponta o lugar do sonho, do desejo por liberdade e da crença na construção de uma sociedade justa e igualitária. Sua fantasia foi direcionada para a escrita de romances, atividade esta que marcou sua singularidade entre os militantes anarquistas da época. Foi autor dos seguintes livros: *Ideólogo* (1903), *Os Emancipados* (1906), *Elias Barrão e Xica Maria* (1915), *Memórias de Joãozinho* (1917), *A paisagem no conto, na novela e no romance* (1922), *Nunca: O soldado e Cânticos da Aurora e do Crepúsculo* (1922), *Leituras de Ilka e Alba* (1926), *Estudos de Literatura* (1926), *Ensaio* (1930), *Diomaras* (1934), *Manuscrito de Helena* (1951).

As formas como ficou conhecido e como foi avaliado em diferentes momentos da sua vida trazem opiniões divergentes sobre sua memória, que vão compor um prisma multifacetado, aproximando sua história pessoal dos processos formadores.

Nasceu na Bahia, onde se formou em medicina. Foi ainda escritor e jornalista. Publicou várias obras, entre elas: *Leituras de Ilka e Alba*, e *Memórias de Joãozinho* (obras didáticas); *Novelas*, *Ideólogo* e *Os emancipados*. No jornalismo, em idade já robusta, dedicou-se à crítica literária, com grande elevação. Como médico, fez-se conhecidíssimo nos arrabaldes do Méier, pela sua extrema dedicação aos pobres, de cujas casas, muita vez, em lugar de trazer o dinheiro que lhe era devido pela visita, deixava do seu, para que pudesse ser aviada a receita que passava. Nomeado Inspetor Escolar, cargo que exerceu mais de trinta anos, destinou os serviços médicos, apenas, aos pobres e íntimos. [...] Não contente com orientar a instrução nas escolas, lá ia ele aos sindicatos, quando estes eram ainda dos trabalhadores, levar cheio de modéstia, os seus conhecimentos sólidos e de difícil refutação. Um seu colega, que o achava talhado para o cargo de Diretor de Instrução, dissera que o não atingira, por ser homem de independência de caráter, que jamais se sujeitaria às injunções políticas, burocráticas e de todas as espécies.¹

Fábio Luz foi lembrado entre seus correligionários como um exemplo de esforço em prol da causa libertária. Sua escrita foi o testemunho de sua militância e de como percebia a situação política brasileira. Criticava a ordem estabelecida, buscando apontar uma forma diversa de vida social.

Suas obras circularam pelo Brasil e foram traduzidas para outros idiomas, sendo divulgadas no Uruguai e na Argentina. Atingiu um público diversificado tanto no meio de correligionários do anarquismo como entre os escritores. Seus livros e conferências atingiram escolas oficiais, a imprensa libertária e as associações dos trabalhadores, tanto

¹ Ação Direta, 22 de dezembro de 1947.

na dimensão oral quanto na dimensão escrita. Algumas conferências que proferiu foram publicadas na imprensa operária.²

Participou, enquanto estudante da Faculdade de Medicina da Bahia (1883-1888), dos ideais abolicionistas e republicanos. Mudou-se para o Rio de Janeiro, no ano seguinte a sua formatura, quando se casou com Rita Tourinho Furtado, com quem teve cinco filhos. Foi na Capital Federal que desenvolveu suas atividades como Inspetor Escolar, cargo no qual se aposentou.

Foi perseguindo seu sonho de liberdade que se envolveu com a militância anarquista. Seus escritos refletem as mudanças que vivenciou no panorama político de seu tempo. No Rio de Janeiro, participou dos debates entre socialistas, anarquistas e comunistas, entrando em contato com o anarquismo no espaço da livraria Garnier, com a leitura de Kropotkin. Esbarrou no processo de consolidação da legislação trabalhista, durante o governo de Getúlio Vargas. Assim, a luta travada entre o Estado e classe trabalhadora marca a trajetória deste militante e sua atuação como educador.

Como considera Hobsbawm (1987), a história das classes trabalhadoras não pode estar submetida à história das organizações, dos partidos, das fábricas ou dos sindicatos. O fenômeno histórico acontece na vida e na experiência de homens reais. É assim que as relações que este médico e educador anarquista estabelece, durante sua vida, com diferentes personalidades e instituições, são entendidas como primordiais para a compreensão da sua trajetória.

O arquivo pessoal é uma fonte importante de sua vida profissional e de sua militância. Foi doado por ele ao Arquivo Nacional nos anos de 1930/1933. Contém aproximadamente setecentos e cinquenta documentos e abrange o período de 1889 a 1933. Entre os documentos, encontram-se cartas, postais, fotos, recortes de jornais, cartões de visita, poesias. O arquivo se constitui em um importante acervo, como escreve Artières (1998), pois possui uma intenção autobiográfica. A seleção dos documentos não é uma escolha neutra, é um processo de subjetivação, no qual o indivíduo constrói a memória de si.

Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTIÉRES, 1998, p. 3).

² Arquivo Pessoal de Fábio Luz.

Os documentos do arquivo pessoal de Fábio Luz trazem vestígios de sua militância, de sua vida literária e de sua atuação como Inspetor Escolar. A interpretação de tais documentos está presente no corpo desta dissertação com o intuito de responder às indagações sobre sua atividade como educador. Como se deu a sua atuação como educador libertário? Em quais espaços atuou? Quais materiais pedagógicos utilizou? Quais foram seus interlocutores na ação educativa?

Fábio Luz atuou na propagação do anarquismo e dedicou-se à atividade de educador, pois a educação era vista como uma forma de emancipação da humanidade. As formas de propaganda do anarquismo envolveram um planejamento em duas frentes principais: a imprensa e a ação educacional. Fábio Luz foi um intelectual que participou amplamente do movimento nas duas frentes, com o objetivo de propagar a doutrina e desenvolver a intelectualidade do trabalhador. A sua formação como educador anarquista se deu na relação com diversos componentes do movimento, tanto intelectuais quanto operários, participando da consolidação de uma Pedagogia Libertária.

No final do século XIX, a História da Educação surgiu como disciplina nas instituições de ensino européias marcadamente com um caráter positivista. Um dos primeiros livros de história da educação: *Histoire de l'instruction et de l'éducation*, de François Guex, dividia a pedagogia da seguinte forma: clássica, niilista, pedagogia da educação nova e pedagogia baseada na psicologia experimental.

Neste livro, a Pedagogia Niilista [ou anarquista] é desacreditada em prol da Pedagogia Nova e associada a uma idéia de destruição e negativismo. Os pedagogos ácratas são classificados como indivíduos que se colocam contra o progresso e contra o papel das escolas. Tais estudos históricos

manifestam um certo tipo de história crônica, na qual a interpretação é construída predominantemente pelos critérios de construção da narrativa e pelos critérios de seleção dos fatos. É inegável o seu caráter anacrônico (corporificação do etnocentrismo, quando as diferenças são localizadas no tempo). Nessa prática de narrar a história, o outro só aparece como negação implícita ou explícita do mesmo (veja-se o caso dos niilistas que são apresentados como *les négatifs*). Os acontecimentos, por sua vez, são explicados por seu encadeamento na narrativa e não pela sua configuração social. (NUNES; CARVALHO, 2005, p. 3).

Os estudos sobre a classe operária brasileira surgiram no final dos anos 40. Realizados por militantes, foram marcadas por suas opções ideológicas. Entre estes estudos, estão os de Rui Faco, Edgar Leuenroth, Jover Tolles e Edgar Rodrigues. Tais autores tiveram a preocupação de perpetuar a história do movimento de militância e foram responsáveis pela conservação de documentos.

A partir dos anos 1960, surgiram produções acadêmicas que incorporaram as obras dos militantes como memória do movimento operário. O foco da análise passou a ser as lutas sindicais e partidárias, como práticas sociais e organizadas. Na década de 1970, surgiram trabalhos que analisaram a formação sindical e política institucional, valorizando a influência das lideranças operárias. É deste período o livro de John Foster Dulles, *Anarquistas e comunistas no Brasil*, que relata, com riqueza de detalhes, a participação dos líderes operários nas greves dos trabalhadores e as suas divergências na condução do movimento operário.

No início da década de 1980, a pesquisa tem como foco o cotidiano da classe operária, sua vida e suas condições de luta. Seus principais autores são Margareth Rago, Boris Fausto e Francisco Foot Hardman. Os livros que mais influenciaram esta década foram *A formação da classe operária inglesa* de Thompson e *Mundos do Trabalho* de Hobsbawm. Este último autor considerou o fenômeno histórico como algo que acontece nas relações humanas, resultando da experiência de homens reais. O objeto das pesquisas são os homens e as mulheres, trabalhadores reais (Jardel, 1997).

Nos últimos anos, o estudo sobre o anarquismo destacou a vida dos militantes e a filosofia anarquista. Rago volta ao tema escrevendo uma biografia sobre a militante Luci Fabri. Iza Salles escreve sobre o militante Bernardo Canellas. Silvio Gallo escreve sobre as experiências anarquistas e sua filosofia. Noam Chomsky escreve sobre a atualidade do anarquismo como uma filosofia capaz de pensar a liberdade humana.

O primeiro texto que li sobre a educação anarquista foi na graduação em Pedagogia.³ A disciplina acadêmica de Estágio Produtivo em História da Educação possibilitou uma reflexão sobre a atividade educativa dos anarquistas. O estudo sobre o conceito de anarquismo e sobre a Pedagogia Libertária, que pode ser definida como um

³ GALLO, Silvio. Ética, Ciência e Educação na perspectiva anarquista. Revista Educação e Filosofia. Uberlândia: EDUF n. 9, jul./dez. 1995. p. 7-29.

conjunto de atividades educacionais não restrito à instituição escolar resultou na monografia do final da graduação⁴.

A Pedagogia Libertária continuou sendo objeto de pesquisa durante o curso de Pós-Graduação Lato-Sensu realizado na UERJ. O tema da educação libertária salientou o papel educativo dos jornais produzidos pelo movimento dos trabalhadores. A imprensa operária traduziu, em sua forma e conteúdo, o pensamento educacional anarquista. O teor da educação libertária foi eminentemente político e o jornal operário constituiu uma forma de educar os trabalhadores. A imprensa ocupou um papel de destaque na atividade militante como um porta-voz do movimento dos trabalhadores e seus líderes. O tema da educação e da imprensa resultou em um estudo monográfico que teve como foco o periódico operário *A Voz do Trabalhador*.⁵ Este trabalho foi apresentado no III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação.

O meu interesse pelo pensamento de Fábio Luz surgiu quando encontrei o Centro de Cultura Social⁶, que funciona no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro. Lá, tive contato com algumas de suas obras, bem como com sua história, que se associa à história desse Centro de Cultura. Esta casa foi sede da Associação de Trabalhadores Baianos, lugar freqüentado pelo militante Fábio Luz. Hoje, esta casa abriga a Biblioteca Social Fábio Luz, fundada em sua homenagem.

No decorrer da pesquisa sobre a vida do educador Fábio Luz, os resultados foram apresentados em dois congressos. No II Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica, o enfoque foi sobre a trajetória de vida do educador a partir de seus escritos. A comunicação teve como título *Fábio Luz: um educador anarquista no Rio de Janeiro 1898-1933*. No IV Congresso Brasileiro de História da Educação, o trabalho *Fábio Luz, ação pedagógica e imprensa libertária no Rio de Janeiro 1900/1920* teve como tema a ação educativa de Fábio Luz relacionada à imprensa operária.

Os escritos de Fábio Luz foram tema da dissertação de mestrado de Lima (1995)⁷, que discutiu sua militância, fazendo uma aliança entre a dimensão oral e escrita de suas palavras. Partindo de seus estudos, priorizo a sua produção no campo educacional, entendendo a sua trajetória como a de um educador anarquista brasileiro.

⁴ CAMPOS, Andreia. *Educação anarquista: uma proposta pela liberdade*. UERJ: monografia de conclusão de curso de Pedagogia. 1997. O trabalho foi orientado pela Professora Tereza Elza Cyrillo Gomes.

⁵ CAMPOS, Andreia. *A educação na Voz do Trabalhador*. Monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Supervisão da Educação e Orientação Educacional, UERJ: 2000. Este trabalho foi orientado pela Professora Doutora Ana Chrystina Venâncio Mingot.

⁶ O Centro de Cultura Social fica localizado na Rua Torres Homem, nº 790, Vila Isabel, Rio de Janeiro.

⁷ Dissertação de Mestrado em História.

Edgar Rodrigues (1993) destaca a importância e a singularidade deste médico ressaltando sua trajetória para a memória operária. Foster Dulles (1973) também cita o nome de Fábio Luz em algumas passagens sobre os anarquistas e suas atuações nas associações de trabalhadores.

Fábio Luz recebeu também uma homenagem da Prefeitura do Rio de Janeiro, caso raro para um anarquista, conferindo-lhe o nome a uma rua no bairro do Méier. Bairro no qual atuou como médico abnegado, onde passava longas horas atendendo fraternalmente àqueles que o procuravam. Esteve em contato tanto com os intelectuais e escritores da época como com os operários e outros militantes.

O que este estudo histórico pode trazer para a atualidade da vida dos educadores? Traz a atualidade do sonho, o despertar do desejo e o espaço para pensar, e — quem sabe? — viver a solidariedade no meio social.

Esta dissertação é fruto de uma interrogação sobre o sentido da educação e seu papel transformador. Uma interrogação que não se apaga com o tempo, que se faz presente na questão da alfabetização, da leitura, do papel das escolas e do conhecimento na sociedade. Este estudo sobre a vida deste militante relaciona a educação e o seu sentido político. Retoma, ao mesmo tempo, a ‘palavra operária’ e sua importância na construção da identidade do trabalhador brasileiro durante os primeiros anos da República. Como afirma Gomes (2005, p.13) “a palavra está com as lideranças da classe trabalhadora. São elas que colocam suas demandas publicamente, desafiando e ao mesmo tempo reagindo ao contexto da época”.

O primeiro capítulo desta dissertação é dedicado à atuação de Fábio Luz como educador nas escolas oficiais e como Inspetor Escolar. Procura responder à seguinte indagação: como foi a atuação deste militante libertário nas escolas oficiais? Neste capítulo, a escola anarquista é analisada segundo a visão de alguns educadores libertários. As experiências libertárias são pensadas a partir da teoria desenvolvida pelos principais teóricos do anarquismo, como Bakunin, Max Stiner, Ferrer y Guardia. O espaço de atuação do militante Fábio Luz destacado aqui é o espaço escolar, confrontando sua experiência de militante com a sua função de Inspetor Escolar.

A educação anarquista ou libertária, tanto no plano da teoria como no da prática, preocupou-se com a educação política dos trabalhadores. Entre os seus principais teóricos estão Proudhon, Bakunin e Kropotkin. No Brasil, as idéias foram apropriadas e colocadas em prática por militantes como Fábio Luz, José Oiticica, Neno Vasco e Adelino de Pinho.

Para a compreensão do tema, destaco algumas obras como: Ghiraldelli (1987), que trata da tendência comunista e socialista da educação; Rodrigues (1982), que procura formular uma idéia geral do movimento anarquista, preservando sua memória e destacando sua importância; Rago (1997), que faz uma leitura da questão feminina através da imprensa. Jomini (1989), que trata da educação desenvolvida para a infância; Gallo (1995), que reflete sobre a Pedagogia Libertária.

Os anarquistas pretendiam revolucionar a sociedade, consolidando uma ética libertária. Não previam a criação de etapas para a instauração de uma nova ordem social, nem tampouco a criação de um governo provisório, uma vez que a revolução social não necessitaria de uma revolução política, instituindo qualquer espécie de poder central. Um dos pressupostos centrais do anarquismo se tornou uma questão educacional: a autogestão.

A autogestão defendida pelos anarquistas eliminaria a hierarquia social e os mecanismos capitalistas de organização da produção, como o lucro e a propriedade privada. Todos poderiam usufruir os bens produzidos, segundo suas necessidades. E todos participariam da sua produção, segundo suas habilidades. O processo educativo seria o responsável pela formação de sujeitos éticos e autônomos, capazes de viver em sociedade sem causar prejuízo e sem se deixar aniquilar por outrem.

Neste contexto, os agentes de transformação social deviam ser os próprios envolvidos. Para que esta ocorresse, seria necessária a conscientização dos indivíduos, que se concretizaria através do processo educacional. A educação, modificando a forma de pensar dos indivíduos, seria responsável pela revolução social.

No segundo capítulo, a construção da palavra operária é entendida como um meio de educação dos trabalhadores, na qual é possível identificar a questão educacional presente na formação da classe trabalhadora. O esforço deste trabalho é o de trazer a palavra operária de Fábio Luz.

A palavra operária foi difundida pelos militantes por meio da imprensa, de conferências e de folhetos, materiais designados para informar e formar a classe trabalhadora. Fábio Luz proferiu várias conferências, algumas das quais foram publicadas, como: *A Bahia Renovada* (1951), *Considerações em torno de Religiões*

Comparadas (1930), *Nós e os outros* (1922), *A Imprensa e o Proletariado* (1919), *Castro Alves. Mulher Inspiradora e Poeta anunciador* (1951).⁸

Fábio Luz discutiu o papel da imprensa na sociedade, como uma questão de interesse e formação da opinião pública. Além da colaboração na imprensa sindical, participou também de publicações de revistas literárias e científicas. Quais demandas foram enunciadas por ele e como a questão educacional está presente nos jornais operários pela palavra de Fábio Luz? Cabe também neste capítulo abordar a dimensão da atuação de Fábio Luz como educador e sua participação nas associações de trabalhadores. A atividade combativa se expressa no confronto com outros militantes e políticos, assim como na intenção de educar o trabalhador, incitando uma ética do trabalho e um desejo pela liberdade.

[...] os libertários reforçaram a ética do trabalho que vinha sendo construída pelos socialistas, bem como seu projeto de identidade fundado na solidariedade dos interesses dos que trabalham. Além disso, enriqueceram o modelo de homem trabalhador com uma perspectiva de educação integral que objetivava sua elevação intelectual e moral. O operário – sem deixar de ser definido como aquele que trabalha com suas próprias mãos – devia ser também um homem educado, o que se traduzia não só pelo acesso à educação básica (ler e escrever) e profissional, como também pelo acesso à cultura (à arte e à política, por exemplo). (GOMES, 2005, p. 29).

O terceiro capítulo desta dissertação é dedicado ao estudo da produção literária de Fábio Luz, considerado o primeiro a escrever romances de fundo social anarquistas no Brasil, como afirma Rodrigues (1926). O anarquismo literário, segundo Luizetto (1987), foi um movimento criado por Kropotkin, no campo da literatura. Pretendia divulgar a doutrina anarquista elaborando material como romances de fundo social. Tais romances pretendiam atingir diferentes grupos sociais, e não apenas os operários, pois o anarquismo não deveria ser considerado um movimento de classes sociais, mas para todas as classes sociais. Kropotkin idealizou o movimento denominado de Anarquismo Literário a fim de atingir outras camadas da sociedade.

É possível observar um caráter moral em sua obra, criando caricaturas sobre temas sociais políticos e educacionais, como a função das escolas, a educação feminina,

⁸ A data de publicação dessas conferências não corresponde à data dos colóquios, assim como *Bahia Renovada* e *Castro Alves: Mulher Inspiradora e Poeta Anunciador*, são publicações póstumas. As outras conferências foram publicadas em vida.

a educação do trabalhador, o sentido da educação. É possível perceber, nos romances, qual foi o teor de suas idéias educativas.

Os ideais libertários colocavam o homem no centro da construção de uma nova sociedade, defendendo a destruição de qualquer forma de poder exterior à consciência humana. Seus princípios mais difundidos foram a abolição do Estado, da Igreja e da propriedade privada. Ao mesmo tempo privilegiavam a educação como forma de construção de uma nova sociedade. A trajetória de Fábio Luz acompanha este esforço de síntese sobre a educação libertária no Rio de Janeiro.

CAPÍTULO I – FÁBIO LUZ: O EDUCADOR

O mal está nos homens do governo, na educação que recebem, e nas suas tendências de sugadores parasitas, pouco afeitos a um regime de igualdade e de trabalho fecundo em bem da humanidade que reverte em benefício do indivíduo. Seu individualismo é errado, pois que é puro egoísmo, e não o individualismo que se baseia no altruísmo. (LUZ, 1919)

Neste capítulo, encontra-se um estudo bibliográfico da aplicação da teoria anarquista na educação, mormente na educação da infância. Dessa maneira, são analisados os seguintes itens: princípios filosóficos da educação libertária; experiências no chamado Ensino Integral anarquista, realizadas na Europa; vestígios desse Ensino Integral europeu na educação dos trabalhadores cariocas; dicotomia ideológica de Fábio Luz na prática da educação infantil: de um lado, sua atuação como inspetor escolar e, de outro, suas idéias como educador libertário.

1.1 A revolução pela educação

Como revolucionário devia saber que as revoluções políticas somente mudam as posições de mando, fazendo-se para conservar o existente sob novas denominações, sem nada renovar nem reconstruir sob bases novas. A revolução social somente se consegue por longas etapas de educação das massas; não sendo assim continuará o domínio do mais forte e a opressão tirânica por parte dos que conquistarem o poder pela força bruta das armas, como irrefragável afirmação da mentalidade burguesa: o direito é a força.

Fábio Luz

A educação libertária exprimiu o desejo de revolução, entendida como uma conquista gradual da sociedade. O trabalho de educação foi colocado em questão e planejado no movimento anarquista nacional e internacional. No início do século XIX e final do século XX, a produção libertária que combatia o capitalismo e o socialismo autoritário propôs uma nova organização social, na qual a produção seria gerida pelos trabalhadores. A emancipação dos trabalhadores foi entendida como um aspecto imprescindível, que sustentava a educação como uma forma de revolução. Sobre isso, assim escreveu Kassick (2004, p.16): “Ao mesmo tempo que a educação anarquista buscava novos métodos pedagógicos condizentes com o projeto revolucionário,

realizava a denúncia da escola enquanto instituição de reprodução dos interesses da Igreja e do Estado.”

Idealizavam uma educação que não fosse diferenciada para ricos e pobres. A escola libertária só pode ser entendida no espaço de contestação à estrutura social da época. Estas escolas estiveram associadas aos Centros de Estudos Sociais, à imprensa operária, a greves e panfletagens. Constituem um espaço de atuação da Pedagogia Libertária e inspirou-se em figuras como Paul Robin (1837-1912), Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Sébastien Faure (1858-1942).

As idéias sobre educação escolar chegavam do exterior e eram publicadas na imprensa. A proposta, segundo Luizetto (1982), foi a criação de uma Pedagogia oposta e paralela ao sistema de ensino oficial. Os militantes envolvidos com a imprensa tiveram um papel primordial na divulgação das idéias sobre a educação e as escolas anarquistas.

Rodrigues (1992) escreve que os operários trocavam a escola pela fábrica, antes de aprenderem a ler, por isso os jornais tinham que ser lidos em voz alta para que as idéias e métodos de luta fossem compreendidos. A educação foi compreendida como uma forte aliada da emancipação. Emancipar novas gerações seria fundamental para a criação de uma nova estética da existência, opondo-se às escolas oficiais e confessionais.

A idéia de Fábio Luz a respeito da educação das crianças diferia da sua atuação como militante anarquista engajado. Enquanto membro da imprensa e indivíduo presente nas reuniões de operários, trabalhou por um ideal de transformação social. Entretanto, no que se referiu à organização escolar para crianças, reconheceu benefícios na escola oficial.

A escola municipal é a escola do proletariado. O ensino integral que lhe devemos deve ser fornecido por menor espaço de tempo possível, pois não temos o direito de retardar-lhe a entrada na vida de labuta, de caça ao pão nosso de cada dia. (LUZ, [192-?] apud LUZ FILHO, 1960).

A educação escolar foi muito discutida entre os anarquistas, pois foi um aspecto fundamental da teoria. Entretanto, acreditavam que as escolas oficiais jamais poderiam ser um local de educação e emancipação do proletariado. Aspecto que torna as idéias de

Fábio Luz diferentes das idéias de outros libertários da época e de seus principais teóricos.

Fábio Luz, autor de romances de fundo social, escreveu também livros escolares, tais como foram *Memórias de Joãozinho* e *Leituras de Ilka e Alba*, aceitos nas escolas oficiais. Esses livros foram de uma natureza bastante diferente dos seus romances e textos de protesto na imprensa. No que se refere à educação infantil, esteve de acordo com as obrigações a que sua função de Inspetor Escolar o ateve, sendo lembrado no jornal *Ação Direta* em sua edição de 22 de dezembro de 1947, como “homem de independência de caráter, que jamais se sujeitaria às injunções políticas, burocráticas e de todas as espécies.” Opinião que justifica o seu desinteresse em ocupar um cargo de Diretor de Instrução.

A atividade na educação para a infância que desenvolveu, embora não fosse aquela partilhada pelos anarquistas, não o afastou das idéias libertárias no campo da educação dos adultos trabalhadores. Sua militância foi essencialmente anarquista, o que pode ser observado na sua atuação como escritor de romances de fundo social, na imprensa e na educação dos trabalhadores.

Fábio Luz acreditou que a escola oficial poderia ser um local onde se realizaria o “ensino integral”, termo utilizado pelos libertários para definir suas concepções sobre o ensino infantil. É possível pensar também que atuando naquele espaço, fez o melhor possível para consolidação de uma educação de qualidade.

1.2 O princípio educativo

A infância foi entendida pelos libertários como um período especial, no qual os indivíduos estariam maleáveis à influência do meio. O desenvolvimento de um programa para a infância foi tema de reflexão entre os principais pensadores anarquistas. A contribuição de cada um pode ser encontrada tanto no campo teórico, expressa em diferentes textos, quanto no prático, através da criação de espaços escolares.

A doutrina anarquista gira em torno de uma educação para a transformação. Os conceitos de liberdade e igualdade aparecem constantemente como necessários para a formação de uma sociedade justa e igualitária. O principal questionamento dos libertários foi o de que a educação, tal como estava sendo concretizada nas escolas oficiais, não contribuía para a criação de homens livres. Em contrapartida, o objetivo do

ensino anarquista foi o de educar indivíduos livres e solidários, capazes de criar uma sociedade igualitária.

Entre os partidários anarquistas que escreveram sobre educação, Max Stiner (1806-1856) questionou o sistema educativo, propondo uma reflexão sobre o sentido da educação. Seu questionamento foi quanto ao sentido da educação escolar. Para isso análise fez uma oposição entre uma educação humanista, valorizando a erudição e a cultura clássica, e uma educação realista, ressaltando o conhecimento prático do mundo. Suas concepções e seus questionamentos exprimem o desejo da educação libertária, de educar o homem livre, conjugando tanto a cultura como o conhecimento prático do mundo. Desse ponto de vista, contempla o desejo libertário de educação, quando questiona os sistemas educativos e propõe a educação de homens livres.

Stiner colocou a escolarização como uma questão fundamental para a sociedade. Na sua visão, a coletividade refletia cada indivíduo, e sendo cada um perfeito, a coletividade também o seria. Assim é que colocou o problema da educação como uma questão vital. Os processos educativos poderiam estar a favor da domesticação ou da emancipação dos indivíduos.

No seu texto *O Falso Principio da nossa educação*, escrito em meados do século XIX, questionou o início da escolarização como uma afirmação do projeto iluminista. A concepção de educação que trazia questionava tanto os humanistas, que valorizavam a aquisição de conhecimentos e a erudição, quanto os realistas, preocupados em formar indivíduos com saberes práticos para adequar-se à sociedade como bons cidadãos.

Seu questionamento foi direcionado contra uma educação que buscava um acúmulo de conhecimento, ou seja, uma educação que se preocupava apenas com o Saber, sem mais implicações. Um saber que tanto poderia significar erudição, quanto conhecimento prático para a vida, mas que educava o homem sem autonomia, conforme texto abaixo:

Sufocam pela força nossa saudável tendência à indisciplina e impedem ao mesmo tempo o Saber de desenvolver-se em Vontade Livre. A vida escolar só engendra filisteus. Adquirimos o hábito, em nossa infância, de resignarmo-nos com tudo o que nos era imposto: do mesmo modo, mais tarde, resignamo-nos e adaptamo-nos à vida positiva, adaptamo-nos à nossa época, tornamo-nos servidores, o que se conveio chamar de bons cidadãos. (STINER, 2001, p. 77).

Os programas pedagógicos desenvolvidos, para serem aplicados a todos, pressupõem uma idéia de igualdade, pois o acesso ao mesmo saber, a erudição, tornaria os homens iguais. O questionamento de Stiner refere-se ao problema de que este saber pesaria sobre o homem como um bem, como uma posse, e não como um objeto do próprio eu. E para Stiner, o saber só poderia libertar o homem quando fosse transcendido em vontade. Assim, ele questiona:

No entanto, onde encorajam o espírito de submissão nutrido até o presente momento? Onde se formam indivíduos que criam e não indivíduos que aprendem? Onde o mestre se transforma em companheiro de trabalho e reconhece que o saber deve tornar-se Vontade? (STINER, 2001, p. 78).

Para Stiner, o objetivo da educação não poderia ser o saber, mas o “querer nascido do saber”. A verdadeira liberdade não seria a liberdade do pensamento, mas a liberdade da vontade. O homem teria que se livrar da autoridade e conhecer a si mesmo. O saber só tornaria o homem livre quando sublimado, quando interiorizado. Passaria a ser um saber da idéia, uma autoconsciência do espírito, um impulso que conduz o homem.

Assim todas as educações convergem a uma fonte única: a personalidade. [...] O Saber realiza essa transformação cessando de apegar-se unicamente aos objetos, tornando-se Saber de si mesmo, ou, se isso parece mais claro, Saber da idéia, autoconsciência do espírito. (STINER, 2001, p. 80).

A vontade é entendida, assim, como um atributo essencial do homem que o leva à sua libertação, pois possibilita o fortalecimento e o desenvolvimento da personalidade. A grande miséria da educação, segundo Stiner, seria o enfraquecimento do desejo de querer, da vontade, que precede a realização de si. Os homens só poderiam exprimir toda a sua personalidade como indivíduos criadores, livres do jugo das instituições que imprimem uma moral constrangedora. A educação entendida como um modo de personalização do ser e de formação do caráter, permitiria ao homem conhecer a si mesmo e criar sua forma de estar no mundo.

Guérin (2003) escreveu que reabilitar a importância do indivíduo opondo-se ao individualismo burguês foi uma das maiores contribuições de Stiner. Este exalta o valor

do indivíduo como único como uma criação singular da natureza. Só o homem capaz de compreender sua individualidade poderia viver em sociedade de forma harmoniosa.

O grande desafio da educação seria conciliar a liberdade individual e o desenvolvimento das personalidades com os interesses da coletividade. A instituição escolar foi pensada pelos libertários como uma força a serviço da emancipação, associando o pleno desenvolvimento dos indivíduos com a vida social.

1.2 O Ensino Integral: a idéia

Para os anarquistas, a escola municipal, ou seja, a escola oficial, jamais poderia ser a escola dos trabalhadores. O ensino integral só poderia ser oferecido em escolas organizadas pelos trabalhadores, sem qualquer vínculo governamental ou religioso. Os anarquistas contestavam a idéia de governo e a idéia de um sistema de ensino gerido por este.

O projeto educacional dos anarquistas fazia parte de um projeto mais amplo: a criação de uma sociedade sem classes. Como escreveu Bakunin, a educação da criança deveria ser regida por um princípio de autoridade que cultivasse a liberdade e o respeito pela liberdade alheia. Para tal, a educação deveria ser integral, desenvolvendo a força física, o espírito e a vontade.

Conforme definiu o Comitê de Iniciativa para o Ensino Integral (1898)⁹, o ensino deveria ser “*integral, racional, misto e libertário*”. Integral porque pretendia desenvolver o ser de forma harmoniosa, associando o trabalho manual ao intelectual. Bakunin em seu texto sobre a Instrução Integral considerou que as massas operárias não se poderiam emancipar enquanto recebessem instrução inferior à dos burgueses.

Mas estamos convencidos que no homem vivo e íntegro cada uma destas atividades, muscular e nervosa, deve ser desenvolvida igualmente e, longe de se prejudicarem mutuamente, cada qual deve apoiar, ampliar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o intelectual não ignorar o trabalho manual; e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte, mais produtivo do que o do operário ignorante. (BAKUNIN 2003).

⁹ Extraído do Conselho da Escola Unificada da Catalunha. A liberdade pelo ensino. Comitê de iniciativa para o ensino integral (1898). Asinado por: Élisée Reclus, Louise Michel, Jean Grave, J. Ardoïn, Carlos Malato, e. Janvion, L. Matha, J. Desgraves, Lieve Tolstoi, A. Girard, Piotr Kropotkin, J. Ferrière, L. Malquin. In: SAFÓN, Ramón. O Racionalismo combatente: Francisco Ferrer y Guardia.

A educação integral parte do pressuposto de que todas as pessoas na sociedade deveriam receber o mesmo nível de educação, propondo, assim, um ensino igualitário. Colocou ainda a questão das capacidades individuais, formulando a seguinte questão: todos os indivíduos têm capacidade para serem submetidos ao mesmo grau de instrução?

Bakunin considera que em uma sociedade dividida em classes, o que predomina não são as capacidades individuais, mas os privilégios. Esses privilégios decorrem do direito da herança, que propicia pontos de partida diferentes para cada indivíduo. Assim, concluiu que os privilégios econômicos e sociais influenciam no sucesso ou fracasso de cada indivíduo, determinando sua carreira e seu êxito. Considerou que os homens são diferentes, porém equivalentes em capacidades. Todos devem receber uma educação e uma instrução absolutamente iguais, pois a definição do espaço que cada um ocupará na sociedade será fruto das suas inclinações e diversidade, e não da posição social que ocupe.

A instrução integral foi constituída pelo ensino científico e industrial. A ciência deveria dar ao homem o conhecimento dos principais elementos de toda a natureza, permitindo a escolha de uma especialidade. Tal escolha não poderia ser direcionada por ninguém, caberia integralmente ao envolvido.

O ensino industrial daria à criança o conhecimento de todos os ofícios que existem na indústria, permitindo a escolha de uma área específica, pela qual mais se interessassem. A estes dois tipos de instrução deveria acoplar-se o ensino moral, fundamentado em uma moral humana, e não divina. Pois, segundo Bakunin, a moral humana funda-se na valorização do trabalho e no respeito pela liberdade e pela humanidade.

Para que os homens sejam morais, quer dizer, homens completos no pleno sentido da palavra, três coisas são necessárias: um nascimento higiênico, uma instrução racional e integral, acompanhada de uma educação baseada no respeito ao trabalho, à razão, à igualdade e à liberdade, e um meio social onde cada indivíduo goze de sua plena liberdade e seja realmente, de fato e de direito, igual aos demais. (BAKUNIN, 2003).

A pergunta que segue o texto de Bakunin é sobre a possibilidade da concretização de tal projeto educativo nas escolas. Ela afirma que a instituição escolar

não poderia preceder à existência de uma sociedade justa. Mesmo que uma educação integral fosse realizada dentro de uma instituição escolar, a sociedade corromperia os indivíduos. Para Bakunin, a escola não poderia modificar a sociedade.

Bakunin considerou impossível instruir o povo para depois emancipá-lo. Como instruir o trabalhador após dezesseis horas de trabalho dentro de um ambiente insalubre? Acreditava que a emancipação econômica seria a mãe de todas as outras emancipações. Esta concepção não impediu que militantes libertários trabalhassem na criação de escolas e na consolidação de um projeto educativo para os trabalhadores e seus filhos, utilizando os princípios educacionais preconizados por Bakunin.

A educação anarquista também teve como pressuposto a racionalidade. Esta racionalidade buscava um fundamento na Ciência, opondo-se à Religião. A influência da religião na atividade educativa foi combatida pelos anarquistas, pois consideravam que o misticismo obscurecia a compreensão do mundo, subjugando a autonomia e a liberdade. Assim definiam que o ensino racional:

Racional porque será embasado na razão e conforme aos princípios da ciência atual e não na fé; no desenvolvimento da dignidade e da independência pessoais e não no da piedade e da obediência; na abolição da ficção de Deus, causa eterna e absoluta da subjugação.¹⁰

A atividade anticlerical fez parte do programa anarquista, pois, segundo os libertários, a fé divina levava à subjugação e à conformidade. A revolução seria inviável enquanto os homens fossem educados pelos princípios de uma moral divina. A única moral aceitável, segundo Bakunin, seria uma moral humana, aquela que possibilita a convivência harmônica entre os homens e o fim da exploração.

O ensino libertário pretendia favorecer a co-educação dos sexos, a fim de que a convivência harmônica e fraternal entre meninos e meninas garantisse a solidariedade e igualdade na sociedade. Consideravam que tanto os homens quanto as mulheres são dotados da mesma capacidade intelectual, o que não justificava uma educação diferenciada nem por classe social, nem por gênero. As escolas mistas opunham-se às escolas femininas e masculinas, que realizavam uma educação diferenciada, de acordo com o papel que homens e mulheres ocupavam na sociedade.

¹⁰ A liberdade pelo ensino. Comitê de iniciativa para o ensino integral (1898).

Enfim, o objetivo final da educação anarquista seria formar homens livres e cheios de respeito pela liberdade do próximo. Um ensino libertário seria o propulsor contra a mentira e a injustiça social e teria, por fim, a elevação da humanidade.

O Comitê de Iniciativa pelo Ensino Integral delineou as diretrizes fundamentais das iniciativas educacionais do movimento libertário. As ações pedagógicas para a educação de crianças e adultos trabalhadores seguiram estas premissas, acreditando que do ponto de vista educativo deveria ser suprimida a disciplina, o programa e a hierarquia, pois foram consideradas como:

[...] as três iniquidades da regulação escolar, das quais decorrem todas as iniquidades sociais: a disciplina geradora de simulação, dissimulação, mentira. Os programas niveladores de originalidade, iniciativa, responsabilidade. A hierarquia geradora de rivalidades, invejas e ódios.¹¹

Observa-se assim que existiam, entre os anarquistas, duas posturas diferenciadas sobre as possibilidades educativas: uma que considerava impossível uma educação libertária na sociedade de classes; e outra que considerava a educação como uma propulsora das mudanças sociais.

Se as condições sociais permitissem o desenvolvimento completo dos indivíduos, este desenvolvimento intelectual, artístico e idealista bastaria mais que todas as polícias, que todas as morais e todos os códigos, para assegurar pelo próprio indivíduo o refreio dos apetites prejudiciais a outrem. [...] A educação não basta para assegurar o triunfo da idéia. [...] é preciso suscitar cada vez mais os sentimentos de indignação e de justiça, é preciso chegar até a paixão. [...] Esta crise passional ou revolucionária é necessária para [...] os heroísmos da ação e para transformar a moral atual; é necessária para assegurar a coesão e a ação conjunta. [...] A educação tão lenta e tão difícil nos períodos de calma faz-se por si mesmo e depressa nos períodos de turbulência. [...] Ação revolucionária ou educação? Em realidade não se pode opor uma à outra. A educação e a propaganda preparam para a revolta. (PIERROT, In: *A Vida*, 30-04-1915).

A Pedagogia Libertária realizou um projeto educacional associando propaganda, imprensa operária, escolas para crianças e atividades diferenciadas para os adultos trabalhadores, tais como os *Centros de Estudos Sociais* (1914) e a *Universidade Popular* (1904).

¹¹ A liberdade pelo ensino. Comitê de iniciativa para o ensino integral (1898).

Ao defender a escola municipal como a escola do proletariado, Fábio Luz considerou a dificuldade na instrução dos trabalhadores e a brevidade de sua permanência na escola. Entretanto, tal pensamento jamais seria admitido pelas escolas libertárias, especialmente no que se refere à educação de crianças. Esta parece ser uma contradição na atuação e no pensamento de Fábio Luz, que nunca se rebelou contra o sistema escolar tradicional em que trabalhava, chegando a se aposentar no serviço público, de forma honrosa, conforme os padrões da época.

1.4 Ensino Integral: a prática

A revolução social proposta pelos anarquistas negava a instituição de um poder provisório para a instauração de uma nova sociedade. Negavam a possibilidade de um governo revolucionário provisório para o estabelecimento de uma nova ordem. Moryón (1989) escreveu que os anarquistas não planejavam uma revolução dividida em etapas para a destruição da sociedade atual. Seria necessário a preparação de uma nova ordem para a consolidação de uma nova sociedade.

Opondo-se a todas as formas de governo e impedidos de institucionalizar a sociedade, não poderiam impor uma nova ordem social. Assim, a educação seria a garantia de êxito de uma nova sociedade, pois atuaria como agente formador de novas mentalidades libertárias.

A educação seria o meio de combater a ignorância e a razão, o meio de conduzir os homens contra a subjugação e a exploração. As crianças deveriam ser educadas desde pequenas, cultivando os valores como liberdade e solidariedade. Os anarquistas atuaram nas fábricas, nos sindicatos, nas ruas, mas consideraram a família e a escola como pilares para a criação de um novo homem. Este foi o ponto de vista do qual Fábio Luz participou.

As escolas foram criadas segundo os preceitos de liberdade e solidariedade e pautadas nos princípios educativos da educação integral. As experiências educacionais mais significativas voltadas para crianças foram as do Orfanato de Cempuis, dirigido por Paul Robin. La Ruche, fundada por Sébastien Faure; e a Escola Moderna, uma iniciativa do espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Tais experiências foram inspiração e referência para a criação das escolas libertárias.

Paul Robin foi o diretor do Orfanato de Cempuis, que funcionou de 1880 a 1894. Em seu texto sobre a educação integral, defendeu a organização de uma atividade

pedagógica, com a finalidade de desenvolver as faculdades intelectuais e físicas de cada homem. Considerou que a primeira fase da educação da criança seria definida pela espontaneidade infantil e pela ação.

O contato com diferentes assuntos despertaria na criança a necessidade de completar seu estudo, estabelecendo uma ordem racional. Ele dividiu a educação em dois períodos: espontâneo e dogmático. O primeiro seria o período ideal para a constituição do que denominou de base prática da moral. A criança deveria desenvolver o gosto por trabalhos úteis à coletividade. Esse desenvolvimento se daria explorando a curiosidade natural da criança e pelo estímulo à aquisição de noções úteis à coletividade.

O segundo período do ensino seria aquele responsável pelo conhecimento da ciência. Os alunos seriam iniciados nas diferentes especialidades científicas e no conhecimento das profissões. O ensino também incluía música, jogos, escultura, línguas, dança, pintura, desenho e escritura. A metodologia de trabalho envolvia uma educação estimulada por jogos e brincadeiras, opondo-se à prostração a que as crianças eram submetidas nas escolas oficiais.

A atividade racional e científica provinha do trabalho e do movimento e deveria ser estimulada pelos educadores, sempre cultivando a liberdade da descoberta infantil. A aprendizagem envolvia o corpo e os sentidos, para depois chegar à moral, ao intelecto e ao desenvolvimento da imaginação. Segundo Moryón (1989), o orfanato de Cempuis foi criticado pelas inovações a que se propunha, além de ser submetido a constantes denúncias. Entretanto, foi um empreendimento que influenciou outras experiências pedagógicas, como a Escola Moderna de Ferrer.

Em 1916 Sébastien Faure publica um folheto sobre a experiência educacional que fundou em 1904 na França: La Ruche (a colméia). Ele definiu que a escola do futuro não seria do Estado ou da Igreja, mas da criança. Assim escreveu Faure (1916) sobre a escola que considera ideal:

A Escola simplesmente, organizada para a criança, de tal maneira que, deixando de ser o bem, o objeto, a propriedade da Religião ou do Estado, se pertença a si mesmo e encontre nela o pão, o saber e a ternura, que seu corpo, cérebro e coração necessitem.

Sébastien Faure iniciou a escola com as economias advindas de sua atividade como conferencista. Alugou um terreno com horta, jardins e um prédio amplo, com a

finalidade de educar a infância, que, diferente da maturidade, estava receptível a uma educação fraternal.

A escola possuía colaboradores e um diretor, que se dividiam na organização e manutenção das tarefas de educar e organizar o espaço. Nenhum colaborador recebia salário, tirando da caixa coletiva apenas o que fosse necessário. Funcionava com quarenta alunos, meninos e meninas. Os alunos eram divididos entre pequenos, médios e grandes, participando de atividades diferenciadas.

Os pequenos assistiam aula, brincavam e faziam pequenos serviços domésticos; os médios dividiam seu tempo entre estudo e trabalho braçal. Os grandes tinham aulas para aprimorar a cultura geral e vivenciavam a aprendizagem técnica, escolhendo entre os diferentes ofícios o que seria sua profissão.

Para Faure, o método foi uma questão importante. Colocou o método dedutivo como um método dogmático, no qual o mestre expressa uma regra como uma certeza, e o aluno admite-a, porque o livro e o professor a ensinam. Em oposição a este, o método indutivo foi entendido como um método positivo, pois abandonando toda a crença em favor do espírito crítico, permitia a verificação e a experimentação.

Ainda segundo Faure, a criança só poderia ser comparada a ela mesma, ou seja, ao progresso que realizou. Considerou a classificação do desenvolvimento da criança, que outorgava prêmio para aqueles que se destacassem, como pernicioso à aprendizagem e ao desenvolvimento moral. A criança só poderia competir com ela mesma. E conhecendo as diferentes habilidades dos alunos, seria deplorável submetê-los às mesmas tarefas e depois comparar os resultados.

Quando expostas às mesmas tarefas, as crianças mais capazes tendem a tornar-se preguiçosas e desenvolvem pouco suas habilidades. As crianças que não têm o privilégio dos dons mais apreciados, como a memória, a imaginação, tendem a empenhar um esforço muito maior para a realização da mesma tarefa. O que vale mais, o esforço ou a aptidão? Esta questão colocada por Faure desqualifica o sistema de classificação e competição como um sistema de avaliação válido na escola. O professor deveria valorizar, o que fez parte da proposta da Colméia, o empenho e o progresso do aluno ao realizar as atividades.

Faure definiu os fundamentos para uma educação integral, que deve ser física, intelectual e também moral. Dedicou especial atenção aos procedimentos educativos necessários para o desenvolvimento moral da criança. Para os anarquistas, o desenvolvimento moral foi uma questão crucial do movimento, pois a revolução

pretendida dependia da transformação no modo de pensar dos indivíduos. Mas como desenvolver o senso moral da criança? Faure considera este um problema a ser discutido pelos educadores, afirmando que:

Também já começamos a nos entender sobre quais são os métodos pedagógicos mais adequados para o desenvolvimento intelectual, porém continua havendo desacordo, e muito, sobre os procedimentos educativos que devem ser empregados para o seu desenvolvimento moral: para a educação metódica de sua vontade, a formação de sua consciência e a expansão de seu coração. Neste campo está tudo por fazer, ou melhor, por refazer. O conflito entre estes dois métodos é duro: severidade ou docilidade; obrigação ou liberdade; adestramento ou educação (FAURE, 1916)

A severidade seria utilizada pelas pessoas que consideram a criança como um ser de natureza má. Nestes casos, a educação seria estimulada pela recompensa e os desejos nefastos reprimidos para evitar o castigo. Faure considera que a obediência passiva não tem nenhum caráter de moralidade, pois a natureza da criança pede movimento. Considera ainda que a severidade e o castigo só possuem como resultado a hipocrisia, uma vez que, não sendo descoberta, não será punida.

O resultado de uma educação severa seria a dissimulação, condenando a criança a uma falta grave: a mentira. Entretanto, combater a severidade não significa ser permissivo. Faure compreendia que a função do professor seria aconselhar, estimular e proteger a criança. E quando esta agisse mal, o professor deveria explicar-lhe o motivo da falta, fazendo com que ela entendesse que agiu mal. Deveria orientar a criança, mostrando as conseqüências de seus atos, para que pudesse conduzir-se sozinha em situações semelhantes.

A relação entre educador e aluno deveria ser efetivada com laços de respeito e afeto, sem lugar para a severidade. A criança, orientada com serenidade, construiria laços com o educador, que deveria tornar-se um amigo mais experiente, capaz de conquistar a confiança do aprendiz.

Para Faure o importante não é o resultado que uma metodologia educacional poderá conquistar, mas o processo e as conseqüências na formação moral da criança. Conseguir a obediência infantil por meio de castigos e recompensas inibe a vontade e a personalidade infantil. A criança deve ser encorajada, por meios que apelem à sua razão e à sua dignidade a seguir regras básicas de convivência e segurança.

A criança desenvolverá sua iniciativa desde que seja educada em um ambiente onde possa exercer sua liberdade. Enunciada como um princípio fundamental do anarquismo, a liberdade foi entendida por Faure como uma atitude que pode ser aprendida na escola. O educador deveria instruir a criança de forma que ela pudesse gradualmente exercê-la.

Na Colméia, o exemplo foi entendido como uma metodologia para a maior força moralizadora. Os pais foram encorajados por Faure a reconhecer o poder do exemplo, refletindo sobre sua conduta como fundadora da conduta de seus filhos. Todos os educadores deveriam partilhar desse ideal, considerando que as crianças iriam reproduzir o tipo de relação a que estivessem submetidas. O papel do educador seria o de fortalecer a vontade, instruir e comover a criança para a causa do bem comum. Sobre a criança, escreveu que: “Esta tem juízo e minha missão e dever é formá-la; tem vontade e eu tenho a obrigação de fortalecê-la; tem consciência e eu devo iluminá-la; tem coração e eu devo tentar comovê-la.” (Faure, 1916).

A ignorância foi vista como um mal, como um perigo. Outro tema que tomou a pauta dos anarquistas em todo mundo foi a educação sexual. Na Colméia conviviam meninos e meninas, uma atitude criticada por incitar o despertar da sexualidade nos alunos. A co-educação previa também o mesmo tipo de ensino para meninos e meninas, o que incluía uma educação sexual.

A educação sexual foi incentivada nas escolas anarquistas como um meio de instruir e esclarecer os assuntos ligados à sexualidade e à reprodução. Os anarquistas consideravam que a ignorância sempre seria um grande mal. Deixar de esclarecer as crianças nestes assuntos possibilitava a desinformação, criando preconceitos de todas as espécies.

A I Grande Guerra impossibilitou a continuação da escola, as crianças que tinham família voltaram para casa, as que não tinham foram abrigadas entre correligionários. Em 1917, a escola fecha suas portas definitivamente. Sébastien Faure, então com mais de setenta anos de idade, escreve lamentando o fim de seu empreendimento educativo, e desejando que sua obra inspire outros educadores libertários. Sobre sua atividade militante e educativa, escreveu:

Muita gente sem convicção, sem ideal, não tem senão uma preocupação: enriquecer-se, de qualquer forma, economizar para a velhice. Não se encontra um só militante com esta preocupação. O militante anda totalmente desperto em seu sonho. Como não tem

outra paixão mais ardente do que a que o move sem cessar para a meta que voluntariamente traçou para si, só valoriza o dinheiro na medida em que este se torna indispensável para a realização do seu sonho, para a obtenção do seu objetivo. Durante vinte anos fiz como todos os meus amigos: dar tudo o que ganhava às obras de propaganda, às campanhas de agitação, ao esforço de educação, aos gestos de solidariedade que esperitam e solicitam a cada momento o educador das multidões. (FAURE, 1916.).

A escola rural dirigida por Sébastien Faure durante treze anos consolidou os princípios de uma educação integral, idealizados por Bakunin. Entretanto, as notícias que chegavam Ao Brasil, publicadas nos periódicos anarquistas, destacavam a Escola Moderna, uma iniciativa do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia. A Escola Moderna inspirou a criação de escolas libertárias no Brasil, especialmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

1.5 Escola anarquista: os caminhos que levaram ao Brasil

Educar para a vida a mocidade.
Para uma vida forte e sem mentiras?
Horror! Isto é anarquia, isto conspira
Contra o Céu, mais o Trono, mais o Abade!

Morte ao infiel, ao que a loucura aspira!
A terra é muito nossa propriedade,
Não deixemos morrer a autoridade,
Como se esvai o fumo de uma pira!

Morte ao infiel! – E a terra horrorizada
Viu a ressurreição de Torquemada
Dum mar de sangue, horrível e iracundo!

Num renascer da inquisitória sanha,
Viu Ferrer sucumbir dentro da Espanha,
— Para viver no coração do mundo!

(A Lanterna, 1911).

O poema acima foi uma das manifestações de protesto ocorridas no Brasil pelo fuzilamento do educador espanhol Francisco Ferrer y Guardia. Idealizador da Escola Moderna, foi influenciado pelas idéias do ensino integral defendidas por Bakunin. A trajetória de Ferrer incluiu uma intensa atividade militante marcada por um forte traço anticlerical. Participou da imprensa libertária e fundou, em 1884, uma biblioteca

circulante entre os trabalhadores da empresa onde trabalhava (Companhia de Caminhos de Ferro).

Propôs um ensino racional, laico, misto e integral; tais escolas ficaram conhecidas como escolas racionalistas. A primeira Escola Moderna, fundada em Barcelona, ficou conhecida como Escola-Mãe. O empreendimento apresentou um resultado positivo, divulgando os princípios educativos de liberdade e solidariedade dos anarquistas. Ferrer conquistou a confiança e simpatia da população. Rodrigues (1921) escreveu sobre esta escola, afirmando que “Em 1902, a Escola-Mãe possuía 70 alunos, em 1904, a escola abrigou 126 alunos. Em 1908 a Escola Moderna atendia a mil alunos distribuídos em 10 escolas.”

Foram criadas escolas modernas por toda a Espanha e em outros lugares como Portugal, Brasil e Amsterdã. O objetivo da escola moderna foi o de fazer com que as crianças identificassem as mazelas e injustiças sociais, opondo-se a elas. Tal escola colocou em prática uma educação que valorizava a espontaneidade da criança, educada pela razão. Os dogmas religiosos e preconceitos deveriam ser combatidos, pois foram entendidos como limitadores. Assim define Guardia o ensino baseado na razão:

O ensino racionalista e científico da Escola Moderna deve abraçar, conforme o indicamos, o estudo de tudo o que é favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, sob um regime de paz, amor e bem-estar para todos sem distinção de classe nem sexo. (GUARDIA, 1907. Apud SAFÓN, 2003.).

Ferrer defendeu que uma razão bem educada iluminaria a inteligência infantil, possibilitando a construção da paz e da felicidade. A emancipação completa — moral, intelectual e econômica — só poderia surgir depois que os indivíduos compreendessem uma nova possibilidade de organização social, estando aptos para viver nela.

O fuzilamento de Francisco Ferrer, em 1909, iniciou no Brasil uma série de comícios e protestos. Foi criada uma Comissão Pró- Escola Moderna, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro. Segundo Rodrigues (1989) o objetivo desta comissão no Rio de Janeiro foi o de angariar fundos para a edição de livros e preparação do material didático necessário para a criação de escolas racionalistas. Os associados deveriam contribuir com uma cota mensal, assim como divulgar a iniciativa.

A primeira Escola Moderna foi aberta em São Paulo com aulas diurnas e noturnas, acompanhadas da construção de um museu e de uma biblioteca para

complemento das aulas. No programa constava, além das matérias regulares (leitura, gramática, aritmética, geografia, história, desenho etc, conferências científicas e sessões artísticas.¹²

A metodologia utilizada na Escola Moderna aboliu provas e exames. Segundo Jomini (1989) os alunos foram habituados à prática de uma auto-avaliação, que ,além do aspecto intelectual, englobou o aspecto moral. Deveriam redigir uma pequena redação avaliando seu comportamento. Um dos objetivos deste tipo de avaliação foi o de suscitar nos alunos a necessidade de assumir a responsabilidade sobre seus atos. Sem que cada indivíduo se considerasse responsável sobre seus atos, o ideário anarquista deixaria de existir. Prêmios e castigos foram extintos da escola anarquista. Cada aluno deveria ser incentivado em seu potencial, sem recorrer à competição, à inveja ou ao orgulho. As vivências deveriam ressignificar a sociedade incentivando uma prática solidária.

A obra educacional de Ferrer teve início com a doação de uma pequena fortuna por parte de uma admiradora das idéias e entusiasmo de Ferrer. Além da escola, este educador fundou bibliotecas especiais e criou uma editora.

A Escola Moderna foi responsável pela publicação de seus livros. Contribuíram para isso anarquistas como Anselmo de Lorenzo, Eliseu Reclus e Jean Grave. Ferrer considerou os livros já existentes inadequados para o ensino infantil e foi o responsável por uma série de publicações de acordo com os ideais libertários. Rodrigues (1992) oferece uma pista dos livros utilizados nas escolas libertárias, descrita abaixo:

CARTILHA (primeiro livro de leitura), dedicado ao ensino racionalista de adultos e crianças. Continua, além do ensino do mecanismo da leitura fundado em um sistema original, uma aplicação prática do conhecimento adquirido, em que expõe de modo conciso e simples a existência do universo. Um volume.

LAS AVENTURAS DE NONO (segundo livro de leitura), por Jean Grave. Destinado a robustecer o senso comum inicial na inteligência das crianças e para que repilam o preconceito estacionário. Um volume.

EL NIÑO Y EL ADOLESCENTE – desenvolvimento Normal – Vida Livre por Michel Petit, dedicado aos alunos da Escola Moderna (segundo livro de leitura). No desenvolvimento desta obra destacam-se todos os erros que por preconceitos e por rotina cometem-se contra

¹² Segundo Rodrigues (1989), no Rio de Janeiro foram fundadas as seguintes escolas anarquistas: Escola Primeiro de Maio (1909) em Vila Isabel; Escola Operária Primeiro de Maio (1919) em Olaria, Nova Escola (1920), Escolas Profissionais fundadas pela União Operária em fábricas de tecidos (1920), Escola Livre (1920) Petrópolis; Escola da Liga de Construção Civil (1921), em Niterói.

a higiene, expondo-se com método e clareza as regras que constituem a verdadeira ciência da vida. Um volume.

PRELÚDIOS DE LA LUTA. (segundo livro de leitura), por Pi y Arsuaga, com notas editoriais. Exposição clara e precisa das injustiças sociais que sofrem a humanidade. Um volume.

SEMBRANDO FLORES, por Fedrerico Urales. Poema de vida, tão delicioso como instrutivo. Um volume.

PATRIOTISMO Y COLONIZACIÓN (terceiro livro de leitura). Instruídos pelas leituras anteriores das diferenças entre a sociedade real e ideal, os alunos encontrarão nesta obra, bases seguras para abominar a defesa de interesses mesquinhos. Um volume.

PRIMEIRO MANUSCRITO. Interessante correspondência escolar, e diversos modelos de ditado. Um volume.

ORIGEM DEL CRISTIANISMO (quarto livro de leitura). Crítica positiva, que ilumina a inteligência do aluno, senão da infância, depois, já homem, quando intervenha no mecanismo social, utilíssimo, além disso, por não dirigir-se exclusivamente as escolas primárias, mas também as livres escolas de adultos. Um volume.

ARITMÉTICA ELEMENTAR, por Fabián Pelasí. Obra tão simples como útil, de grande facilidade para as inteligências infantis. Um volume.

EDADES DE LA TIERRA, por Odón Buen. Contém a descrição da Gênese e evolução do sistema solar resultando a história das vicissitudes por que passou o mundo que habitamos. Um volume.

PSICOLOGIA ÉTNICA, por Ch. Leutourneau, tradução de Anselmo Lorenzo. Importantíssimo estudo científico-sociológico que explica racionalmente e sem nebulosidades metafísicas a história da humanidade. Quatro volumes.

Os livros de leitura são divididos em primeiro, segundo e terceiro, e são indicados para adultos e crianças. O primeiro livro de leitura tem como tema a existência do Universo, caracterizando a preocupação com um ensino científico e racional. Esta pequena descrição das obras escolares possibilita a percepção de algumas características do ensino e os conteúdos privilegiados. Os livros mostram a preocupação de oferecer aos alunos leituras sobre temas sociais, analisados à luz da doutrina libertária. Os autores dos livros são intelectuais e militantes. Tais livros, edições da Escola Moderna de Barcelona, inspiraram a educação racionalista também no Brasil.

A criação de livros para o ensino racionalista foi um empreendimento valorizado e difundido entre os libertários. No Brasil, os protestos contra os livros utilizados nas escolas oficiais ilustraram as páginas da imprensa. A leitura foi uma atividade valorizada na escola. A preocupação com os livros utilizados e seu conteúdo ideológico mereceu protestos na imprensa, como o ilustrado a seguir.

Temos lido dezenas d'estes volumes, e sempre o nosso espírito é obrigado a acompanhar a espiral de conceitos maus, contrários á

perfeição intermina que almejamos. E todos repetem uníssonos o canto venenoso – amai vossa pátria, ela é melhor que todas as outras! Acatai as ordens sagradas da autoridade! Adorai vosso Deus! Nada de sublevações, obedecei, obedecei! Como são doentios, nocivos, todos esses livros que conhecemos para usos das escolas! (LIMA. *A Instrução e o Estado*. In: *A Vida*, 1915).

Preocupados com a educação moral e com a ideologia dos livros utilizados nas escolas oficiais, os primeiros livros foram destinados ao ensino da leitura, sempre conjugado a um conhecimento científico, como o funcionamento do Universo. Tal preocupação se justificava pelo combate intenso que os anarquistas estabeleceram contra a Igreja e a religião. As inteligências infantis deveriam ser estimuladas a pensar livres de preconceitos religiosos e influenciadas pela ciência, fazendo-as compreender que a sociedade real poderia ser substituída pela sociedade ideal. Sociedade esta livre de preconceito e exploração.

Os autores dos livros escolares foram os militantes, envolvidos tanto nas associações quanto na educação de crianças e trabalhadores. Jean Grave (1854-1939), autor do segundo livro de leituras, foi o responsável pelo importante periódico *Les Temps Nouveaux* (França). Imprimiram nos livros escolares as marcas da luta social que empreendiam. Os professores das escolas eram ativos militantes, que escreviam na imprensa e proferiam palestras em comícios. O magistério constituía mais um campo da atividade de militância, o que não foi diferente no Brasil.

Um exemplo da atividade militante foi o funcionamento da Escola Livre Primeiro de Maio, que funcionou nos moldes da Escola Moderna de Ferrer. Seu professor foi um militante envolvido com a causa operária. Os alunos encontram-se entre os filhos da classe trabalhadora e a marca desta escola foi o protesto social, como pode ser lido nos jornais operários.

A Escola Livre Primeiro de Maio, fundada em 1909, no bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro, funcionou com muitas dificuldades. O movimento grevista dos operários da fábrica de tecelagem Confiança provocou uma intensa perseguição policial que se desdobrou sobre a escola. Pedro Matera, professor desta escola, escreveu sobre este fato no jornal *A voz do Trabalhador*, de 30 de outubro de 1909: “Não obstante os ataques que esta [a escola] há sofrido por parte da burguesia do bairro de Vila Isabel, aqui se continua a ensinar, a preparar homens para que cada um seja seu próprio defensor [...]”.

No ano de sua fundação os alunos participaram das manifestações do Dia do Trabalho, organizadas pela Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ). A

participação dos alunos foi sugerida pelo professor Pedro Matera, desde que fosse oferecido o transporte. Tal manifestação ocorreu simultaneamente na França, Argentina e no Brasil. Assim foi noticiado o ato no Rio de Janeiro, no jornal *A Voz do Trabalhador*, de 17 de maio de 1909:

Com algum espalhafato, mais do que seria preciso, passou a data do 1º de maio. A Federação Operária organizou uma passeata e um comício, que se realizou no Largo de São Francisco [...]. Nesta manifestação não houve bandas de música. Houve, porém um excesso de bandeiras... As crianças da Escola Livre Primeiro de Maio, de Vila Izabel, incorporaram-se à manifestação entoando em coro o hino A Internacional, cantado na rua e na sede da federação.

O fato narrado remete à existência de um ritual realizado na escola libertária. Os alunos estavam aptos a cantar o hino em uma manifestação popular. O hino cantado possui uma história que acompanha as reivindicações trabalhistas mundiais. A letra do hino “*A Internacional Socialista*” escrita por Eugène Pottier, em 1870, e transformada em música em 1888 por Pierre Degeyter, foi entoada em 1896 no Congresso Operário Francês. Em 1910, no Congresso da II Internacional, o hino foi cantado por um coral de quinhentas pessoas acompanhado de orquestra. Serviu como Hino Nacional da União Soviética de 1917 a 1941 e foi usado como hino do Partido Comunista da União Soviética. Acompanhou uma série de congressos e esteve presente na história do movimento operário. Qual foi sua importância como material incorporado na cultura escolar e o que ele pode significar?

O conceito de ritual aplicado às relações escolares não pode ser limitado ao ato de entoar um hino, pois traz contribuições que permitem refletir sobre as aprendizagens escolares e a sua influência nas subjetividades dos atores envolvidos. McLaren (1991) faz um estudo sobre a significação dos rituais na cultura escolar, que devem ser relacionados a conceitos culturais mais amplos. Assim, a escolha do hino e a utilização do espaço da rua remetem a opções políticas. Os rituais variam conforme a cultura e não se limitam a contextos religiosos ou institucionais, mas estão presentes na sociedade.

As crianças foram envolvidas em um trabalho de propaganda da doutrina, trabalho este organizado sistematicamente pelos militantes. A propaganda tinha o papel primordial de divulgar as concepções libertárias, conquistando adeptos entre os trabalhadores. A presença das crianças na manifestação possuía um significado de

vivência dos conhecimentos privilegiados na escola, mas também de sensibilização dos operários que podiam acompanhar o hino nas vozes infantis.

A participação dos alunos em um protesto na rua pode causar estranhamento. A infância foi exposta ao mesmo perigo de repressão policial a que os manifestantes (adultos) estavam sujeitos. A presença da infância neste ritual envolveu uma série de aprendizagens tanto de aquisição de conhecimentos como de prática simbólica e ideológica.

A escola procurava estabelecer uma integração com a família, considerando a importância da participação dos pais na educação da criança. Levar os alunos para uma manifestação pública significava a aceitação e o consentimento da família, simpática à causa operária. Acreditavam que, para criar uma sociedade igualitária, deveriam educar indivíduos preocupados com o bem comum. O exemplo de solidariedade e participação deveria ser dado pela família e pelos professores.

A escola anarquista foi criada visando a desenvolver uma infância iluminada pela razão. Seus rituais e sua materialidade podem ser expressos nas formas como procuravam integrar o mundo do trabalho e as idéias de revolução com o mundo escolar. O hino *A Internacional* apresenta uma significação, enquanto objeto que possui uma história particular e enquanto prática simbólica vivida por diferentes indivíduos envolvidos em um processo educativo. Não foi um objeto que marcou uma cultura nacional, mas a história da luta dos trabalhadores em diferentes países.

O dia primeiro de maio marcou a história do movimento operário. A reivindicação por oito horas de trabalho teve como consequência a morte e prisão dos trabalhadores no ano de 1886, em Chicago. A partir deste fato, a data passou a ser um marco das lutas operárias. O nome escolhido para a escola remete a este universo de representação.

A participação dos alunos nas festividades e manifestações dos trabalhadores mostra o caráter da educação libertária colocada em prática. Tal manifestação não foi um fato isolado e único da escola Livre Primeiro de Maio, preocupada em aproximar a educação da criança da educação do trabalhador. Jomini (1989) cita, como exemplo, a comemoração de maio de 1915, quando educadores reuniram-se ao movimento operário. Após um dia de passeata e comícios pelas ruas de São Paulo, os festejos foram encerrados na Escola Moderna nº 1, onde foi realizado um histórico do dia primeiro de maio. As comemorações escolares estavam ligadas a datas e fatos relevantes para a

memória operária. E nestas datas ocorriam a entoação de hinos, encenação de peças teatrais, leitura de poesias e palestras.

Ainda segundo MacLaren (1991), os rituais operam o mundo simbólico e o corpóreo dos indivíduos, resultando em uma compreensão visceral, na qual o corpo é o principal símbolo. A participação das crianças no ato do dia do trabalho proporcionou a corporificação do significado das lutas operárias e das ações transformadoras, como definiu o autor:

Ao nível do agenciamento humano, a hegemonia é sustentada e também contestada pelo nosso estilo de engajamento no mundo e no modo pelo qual ritualizamos nossas vidas diárias: através de nossos gestos incorporados, nossas práticas rítmicas e nossas formas vividas de resistência. (MC LAREN, 1991, p.279.).

A escola proporcionava, quando integrava seu cotidiano com a reivindicação trabalhista, uma forma de esculpir nos corpos a experiência da resistência. O conhecimento privilegiado dentro da escola tornava-se uma experiência vivida. Imprimia-se cor e ritmo que significavam também um investimento afetivo. A letra do hino enfatizava a resistência vivida como um processo solidário entre os trabalhadores, como exemplificado neste trecho.

Fomos de fumo embriagados,
Paz entre nós, guerra aos senhores!
Façamos greve de soldados!
Somos irmãos, trabalhadores!
Se a raça vil, cheia de galas,
Nos quer à força canibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais!

A educação libertária foi uma proposta do movimento anarquista que desenvolveu uma série de ações pedagógicas de caráter internacionalista. As idéias libertárias foram divulgadas por personalidades como Bakunin, Kropotkin, Reclus e Malatesta. Defendiam uma sociedade sem classes sociais, na qual cada indivíduo usufruísse plena liberdade. A proposta do movimento anarquista está ligada aos ideais iluministas de liberdade, igualdade e solidariedade. Acreditavam que o conhecimento iluminaria as consciências, que uma vez libertas da ignorância, constituiriam um mundo de paz e felicidade.

A revolução social proposta pelos anarquistas não previa a instauração de um poder provisório, previa uma ruptura da ordem social. Esta ruptura se daria através da abolição da propriedade privada e do Estado. A luta armada foi considerada uma alternativa para alguns anarquistas, mas a educação ocupava um papel primordial nesta transformação, pois seria responsável pela criação de homens novos. A razão e a ciência foram as armas utilizadas na luta contra a ignorância que escravizava as consciências.

Os anarquistas preocuparam-se em criar um currículo que rompesse com a lógica de dominação da sociedade dividida em classes. Bakunin defendia que o saber era um forte fator de dominação, quem soubesse mais dominaria quem soubesse menos. Assim, para que houvesse justiça social, a educação deveria ser igualitária. Estavam engajados em um processo de produção de subjetividades que rompesse com a ordem social dominante.

A letra do hino mostra outro tema comum no movimento que foi a luta contra a guerra entre os povos: movimento pacifista. O hino reflete as idéias dos revolucionários contra a religião e contra o Estado e o princípio da ação direta, segundo o qual cada um seria responsável pelas suas ações no mundo, sem delegar seu poder de decisão.

Messias, Deus, chefes supremos,
Nada esperemos de nenhum!
Sejamos nós quem conquistemos
A Terra-Mãe livre e comum!
Para não ter protestos vãos,
Para sair deste antro estreito,
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que nos diz respeito!

Os hinos e as canções foram parte das manifestações dos trabalhadores no Rio de Janeiro, especialmente até 1919. A preocupação de ensiná-los nas escolas libertárias acompanha a preocupação de divulgar o anarquismo entre os trabalhadores. Elvira Boni, militante anarquista, quando questionada sobre a importância da música para o sentimento de união entre os trabalhadores, respondeu:

Era muito importante. O povo fazia questão de cantar. Não havia bem um planejamento, porque os operários não tinham instrução para fazer melhor ou pior. Começavam a cantar, e muitas vezes era preciso mandar calar a boca e recomendar, porque o negócio ia desafinando. Era uma coisa espontânea mesmo. (GOMES, 1988, p. 62)

A iniciativa do professor Pedro Matera, ao ensinar o hino para seus alunos, pode ser relacionada a uma prática integradora, característica dos processos rituais. Segundo McLaren (1991) estes processos não podem ser entendidos como o reflexo da realidade, mas como participativos da sua construção. Estabeleciam a referência coletiva de um grupo, podendo ser considerados como um evento político.

A educação realizada nas escolas libertárias buscou a construção de uma infância preparada para a ação política e contestação. O significado do hino *A Internacional* foi vivido pelas crianças, considerando a escola como um lugar de produção de subjetividades e rompimento da ordem social dominante. As práticas simbólicas estabelecidas na escola, observando a natureza do objeto destacado, consideraram a vida do aluno dentro e fora da escola.

A *Internacional* foi destacada para representar a cultura material da escola libertária e sua prática ritualística. Entretanto, existiram outros hinos tais como o *Hino do Primeiro de Maio* de Pietro Gori, *Marselhesa de Fogo* de Neno Vasco, *Marselhesa da Paz* de Fábio Luz, que encontram lugar na história dos trabalhadores e no seu movimento educacional.

A Escola Livre Primeiro de Maio resistiu até 1913, quando aparecem os últimos vestígios de sua existência na imprensa operária. O movimento libertário perdeu gradativamente sua força, de modo que as escolas no Rio de Janeiro e em São Paulo, principais centros do movimento operário, foram desaparecendo. Elvira Boni lembra a última vez que ouviu *A Internacional* ser cantada em público:

Foi uma conferência que o Prestes fez em 1945 na Escola Nacional de Música, na rua do Passeio. Ele falou mais de três horas consecutivas, e no final disse: 'Para encerrarmos, o João Amazonas vai cantar *A Internacional*.' Não me contive e comecei a cantar também. Algumas pessoas acompanharam, mas nem todas sabiam a letra. Nessa ocasião já não sabiam mais. Já não se cantava com tanta veemência como até 1919, quando o povo todo sabia cantar. (GOMES, 1988, p. 67.).

Reiterando a sua fala, as últimas estrofes que dizem:

Bem unidos façamos
Nesta luta final
De uma terra sem amos
A Internacional!

A escola anarquista marcou uma educação voltada para a transformação e associada à luta dos trabalhadores no período. Nos jornais anarquistas foram publicados artigos sobre a função da escola na sociedade. Mas qual foi a diferença entre as escolas oficiais e as escolas anarquistas?

As escolas anarquistas construíam uma educação paralela ao movimento dos trabalhadores. A educação fora vista com um importante papel transformador. Assim, a educação da infância foi planejada como um meio de luta, ou seja, como um meio de elucidar e formar consciências libertárias. O principal papel da escola seria o de formar consciências libertárias calcadas na razão e na solidariedade. O jornal *A Vida*, em 1915, expressa uma crítica contra a participação das crianças no movimento eleitoral.

Os correligionários do sr. João Peçanha julgaram interessante promover uma série de manifestadelas de apreço e solidariedade ao seu ídolo de hoje [...] É um direito que ninguém lhes nega. [...] Mas dentre aquelas manifestadelas, uma houve que não pode oferecer a nossa indiferença [...] a manifestação infantil. As crianças enchiam um bonde e daí, pelas ruas de Niterói, vivavam o sr. Nilo, cantando, ao mesmo tempo, o hino nacional aprendido nas escolas primárias.

Para os libertários, as atividades desenvolvidas na escola deveriam denunciar as injustiças sociais, e não servir para propaganda política ou patriótica. As crianças poderiam ir às ruas para entoar *A Internacional*, entretanto, jamais para prestigiar um candidato, ou para reforçar o sistema político de representação. As formas de contestação do Estado foram uma preocupação constante das escolas anarquistas. As vivências escolares deveriam fazer parte de uma aprendizagem coerente e racional, inculcando os valores libertários. Como exemplifica o artigo do jornal *A Vida*, de 1915:

[...] Que diabos têm a ver as crianças com as esterqueiras políticas em que vivemos atolados? Sabem elas o que são e o que fazem os políticos? É claro que não. [...] Como então levá-las a manifestar sentimentos e pensamentos que não podem sentir nem pensar? Com que direito?

A escola tinha como pressuposto o racionalismo. As crianças não poderiam participar de uma atividade sem conhecer os fundamentos políticos desta. Tais atividades deveriam propiciar uma vivência solidária, contrária a interesses políticos individualistas. Assim escreve Brito, no jornal *O Debate*, de 1917:

[...] os governos fabricantes de escolas normais de dotar mocinhas casamenteiras e servindo-se das suas inutilidades patéticas para transformar o ensino prático, elementar numa ridícula escola de hinos e cânticos horrorosos, esganiçados diante dos retratos dos ídolos de carne político [...].

O conteúdo das aulas foi vinculado ao ideal de sociedade que se queria construir. Assim, os temas estudados referiam-se às datas importantes para o movimento dos trabalhadores, como a comemoração do Dia do Trabalhador, a morte de Francisco Ferrer, da Libertação dos Escravos. Jomini (1989) escreve que os eventos organizados em torno das datas comemoradas marcam a importância do estudo da História para a educação anarquista.

Os eventos organizados pelos trabalhadores em torno da história do movimento, seus símbolos e personalidades foram tema das aulas, muitas vezes realizadas no espaço da rua e das praças públicas. Tais momentos mostraram um vínculo da educação com a propaganda anarquista. Ainda segundo Jomini, a participação das crianças nas atividades de propaganda foi coerente com o ideário anarquista, uma vez que a sensibilização dos indivíduos foi uma tarefa importante para a concretização de uma sociedade igualitária.

Pensando em trabalhar em prol da criação de uma sociedade igualitária, os anarquistas selecionavam conteúdos da história dos trabalhadores, eleitos como tema de estudo. As datas comemorativas e as personalidades estudadas davam o tom do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas. O ideário de lutas e reivindicações foi elaborado sobre um passado que enfocava a constante luta em favor da emancipação e da justiça. Preocupavam-se com questões referentes à classe trabalhadora, embora considerassem tarefa de todos os homens a edificação de uma sociedade justa, independente da classe social.

Os libertários discordavam das escolas oficiais que cerceavam a liberdade e o raciocínio infantil, inculcando preconceitos e formando homens submissos e temerosos ao poder estatal. A escola anarquista, ao contrário, queria formar homens livres de mitos e idéias preconcebidas. Queria formar um homem instruído, livre de preconceito religioso e capaz de se autogovernar.

Jomini (1989) escreve que os alunos das escolas libertárias realizavam atividades em conjunto, passeios e exercitavam-se na produção de textos para a

imprensa, confeccionando jornais escolares. As festas e os passeios realizados pelos alunos transformavam-se em temas para este exercício. Essas festas também objetivavam angariar fundos para o funcionamento das escolas. Embora estas cobrassem mensalidades, a arrecadação não era suficiente para todas as despesas. Apelavam com frequência para a colaboração da comunidade.

Para os libertários, o ensino não deveria ser gratuito, todos deveriam pagar de acordo com suas possibilidades. O ensino gratuito oferecido pelo Estado favorecia a desigualdade, pois a educação destinada ao proletariado favorecia a exploração. Proudhon (1809-1865) defendeu o sistema mutualista de ensino em oposição ao sistema de gratuidade escolar oferecido pelo Estado.

A palavra *mutuel*, *mutualité*, *mutuation*, que tem por sinônimo *réci-proque*, *réciprocité*, vem do latim *mutuum*, que significa 'empréstimo' (de consumação) e, num sentido mais amplo, 'troca'. [...] O que nos interessa é saber como, sobre esta idéia de mutualidade, reciprocidade, troca, justiça, substituindo as de autoridade, comunidade ou caridade, se chegou, em política e em economia política, a construir um sistema de relações que tende, nada mais nada menos que a mudar a ordem social do começo ao fim. (PROUDHON, 1986, p.120. apud QUEIROZ, 2002, p. 47.).

Este sistema idealizado por Proudhon defendeu a substituição da autoridade do Estado e a constituição de relações sociais solidárias. Os conhecimentos e as tarefas deveriam ser compartilhados por todos.

Os anarquistas julgavam que cada escola deveria funcionar de acordo com os interesses de seus alunos, pais e professores. Tais escolas deveriam estar livres do jugo do Estado e da Igreja. A educação deveria ser extensiva a todos e sem divisão de classes sociais. Assim, a escola não poderia representar os interesses de uma classe, educando para uma sociedade injusta.

Para os anarquistas, a educação se concretizaria através da experiência, do convívio social, do trabalho e da possibilidade de emancipação. Proudhon defendeu a instrução fora da escola, pois a aprendizagem ocorreria durante toda a vida, em todos os espaços. A escola deveria ser transformada em uma oficina-escola, unindo trabalho manual ao intelectual. Nos jornais da época, os militantes escreviam criticando as escolas oficiais e defendendo a criação de escolas que valorizassem o trabalho manual e o aprendizado de um ofício. No Brasil, as idéias de Proudhon inspiraram a seguinte crítica, publicada no jornal *O Debate*, 1917:

Antes corrosiva que inócua, neste sentido, a política nada faz pelas gerações futuras, a não ser um moinho de programas exóticos, sem tratar de facultar o ensino elementar às crianças de todas as idades e até a adultos, despertando ao mesmo tempo o gosto pelos ofícios e a lavoura, segundo as idades, em cursos práticos, mistos, primários e profissionais, exercidos em campos de demonstração oferecidos por todas as municipalidades. A par destes cursos racionais deviam também ter lugar os ensinamentos de cooperação – livre, de modo a propagar entre as débeis inteligências embrionárias e fecundas o sentimento de associação econômica tão necessária á espécie humana, que se distingue das inferiores, qual dos amimaís de rapina, que vivem sós, a procura de presas, que avistam, encarapitadas nos galhos secos dos píncaros, cá embaixo na planície.

As críticas empreendidas contra as escolas oficiais traziam uma influência das experiências educacionais libertárias desenvolvidas em outros países, criando, entre os anarquistas, a perspectiva de uma escola ligada à vida social e econômica da comunidade. A escola deveria integrar-se à vida econômica, cumprindo um papel de construtora de uma nova forma de organização e de uma forma solidária de convivência entre os indivíduos.

Segundo os anarquistas, a escola oficial ou religiosa não educa para a formação singular das personalidades, mas imprime nos indivíduos a marca da subserviência. Um ensino moderno prezaria pela espontaneidade e alegria infantil, a fim de conduzir a formação de um indivíduo saudável e comprometido com a transformação social.

Para o professor libertário Adelino de Pinho, as escolas oficiais e a educação pública estavam destinadas a formar cidadãos-soldados. Jomini (1989) conclui que o ensino nas escolas públicas, ainda que científico, estava estruturado com rigidez e pautado na autoridade do mestre. Para que a ciência cumprisse seu papel libertador, a individualidade do aluno e seu ritmo de aprendizagem deveriam ser respeitados.

O programa de ensino libertário não se distanciou da necessidade de preparar o aluno para uma atuação no campo econômico. Proudhon propôs a união do ensino formal e do intelectual com aprendizagem de um ofício. Ao pensar um ensino voltado para a politecnia facultou a possibilidade da utilização de espaços diferenciados para a aprendizagem, nos quais o conhecimento científico seria vivenciado com os instrumentos de trabalho. Como escreveu Gallo (1995), a aprendizagem deveria ser realista, prática e inserida em um contexto produtivo, como uma oficina ou uma fábrica.

As escolas oficiais trabalhavam com uma concepção semelhante de aprendizagem de um ofício, porém, tais ofícios vinham de encontro ao papel que os alunos ocupavam na sociedade, como por exemplo, as oficinas desenvolvidas na escola feminina, que priorizava a aprendizagem de ofícios referentes à vida doméstica e ao espaço destinado à mulher na sociedade. Os ofícios ensinados na escola, segundo Proudhon, deveriam ter um caráter prático, sem cercear a liberdade de escolha dos indivíduos.

Os anarquistas propuseram a criação de escolas como um ponto de referência para a transformação da sociedade. Entenderam a escola como um lugar poderoso de construção de um novo homem, e assim criticaram a escola oficial como uma instituição de opressão dos indivíduos. A necessidade da construção de novas escolas advinha do desprezo com que as escolas oficiais eram vistas pelos militantes, como expressou, nas suas palavras, o militante Adelino de Pinho, publicadas no jornal *A Vida*, do ano de 1915:

Vejamos: demonstrando como fica a influencia primacial que as primeiras impressões exercem no ulterior desenvolvimento individual e coletivo dos indivíduos, e por outro lado observando-se o cuidado que os governantes têm em se apoderar das escolas infantis para as transformar em instrumentos de embrutecimento e de domínio, já naturalmente todos notaram que é de máxima urgência e necessidade a abertura e a manutenção de Escolas Racionais onde as mentes infantis desabrochem e se desenvolvam livres de toda a pressão e de toda imposição. E si queremos, desejamos e aspiramos um mundo melhor onde todos gozem a alegria de viver, satisfeitos da vida e libertos da fome, da opressão e da ignorância bestial; si queremos edificar este belo monumento, ‘a escola, — a Escola Racional — é o PEDESTAL!

A infância foi valorizada como um período de formação da personalidade. Educar a infância em escolas libertárias seria um passo importante para a transformação social. A contestação da organização do trabalho e da estrutura social passava pela organização de um modelo de educação diferenciado. Conforme escreve Rodrigues (1989), para os anarquistas, a escola oficial tinha o mérito de ensinar a ler, mas o defeito irremediável de deformar a inteligência juvenil.

Os educadores anarquistas, brasileiros e estrangeiros, estavam atentos com as idéias de renovação pedagógica do século XIX. Conforme afirma Jomini (1989), as idéias de instrução ligadas a explicações científicas, os passeios, o lugar do lazer e do

prazer na escola, a coeducação sexual, foram princípios de algumas pedagogias, como: a protestante americana, a escolanovista e a libertária.

O livro de Ferrer sobre a Escola Moderna contém um texto sobre a importância do jogo para a aprendizagem. Ele cita Froebel afirmando que todo jogo quando bem dirigido se converte em trabalho, assim como todo trabalho se converte em jogo. A Pedagogia Libertária constitui-se de um corpo teórico influenciado pela colaboração tanto dos militantes anarquistas quanto dos pedagogos da época.

A Pedagogia Libertária procurou colocar em prática o que de mais moderno havia no campo educacional. Empreendeu uma intensa luta contra o ensino religioso, elegendo a ciência como paradigma a ser difundido. Ao defender uma educação racional, pautada nas explicações científicas e no método de ensino que levasse o aluno a realizar descobertas, procurou espaço para uma educação que fosse eminentemente política.

Aliada à razão, esteve referta de uma forte carga emotiva impulsionando uma educação voltada para a criação de homens preocupados com o bem — estar social. A pedagogia libertária se difere das outras propostas do período, quando propõe uma educação voltada para a criação de uma sociedade solidária. A educação foi marcada ainda por um caráter político, que envolvia os sindicatos e a imprensa e por um ensino moral, de acordo com as idéias de liberdade e solidariedade.

A educação moral libertária veio mostrar que, ser anarquista, significava se deixar impregnar pela preocupação com o social e agir de acordo com esse princípio. Os professores libertários deram provas de coerência entre seu pensamento e atitudes. Sua ação pedagógica esteve indissociada de sua prática política na sociedade. (JOMINI, 1989, p. 148.).

A escola tinha um papel fundamental na prática libertária, o de formar um novo homem para uma nova sociedade. Todavia, a escola não foi o único empreendimento educativo entre os anarquistas, foi o lugar destinado ao ensino infantil. Existem algumas indicações de cursos noturnos em algumas escolas para adultos, embora a teoria educativa ligada à escola seja destinada a infância.

Os professores libertários foram indivíduos ligados à prática educacional eminentemente política. Atuaram como professores e militantes, unindo o trabalho no sindicato e na imprensa com o trabalho nas escolas, pois o aspecto do ensino moral

precisava ser consolidado através do exemplo. Cada professor deveria ser um exemplo da vivência política que defendia.

1.6 Lembranças do educador anarquista na inspeção escolar

Fábio Luz ocupou o cargo de Inspetor Escolar na Capital Federal, de 1893 até 1918. Da sua atuação como Inspetor Escolar não foi possível encontrar muitas pistas. Em seu Arquivo Pessoal, encontram-se algumas correspondências que fazem referências às suas atividades de Inspeção.

As cartas guardadas expressam elogios e gratidão pelo cumprimento do trabalho realizado, ao longo do tempo, na inspeção de escolas, por parte de diretores e professores. Entre as suas funções como Inspetor estava a de conceder atestação de bons serviços para os professores do 9º distrito. As lembranças por ele guardadas constroem a imagem de uma convivência harmônica com os professores e as escolas que vistoriava.

Não tenho em mãos, nem me havendo sido fornecido à relação nominal daqueles que dependem de atestação de bons serviços, pois que aqueles que em tempo me procuraram dei certificados conscienciosos, até depois de aposentado: considerando eu soube, com auxílio das boas administrações, afastar do serviço do distrito a meu cargo os maus elementos, declaro com ufania que o professorado do antigo 9º distrito foi sempre em geral digno de todos os elogios pela sua competência, amor ao trabalho, assiduidade. Cometeria agora, com certeza, injustas omissões se Vos indicasse alguns nomes, involuntariamente esquecendo outros. Além disso, nesses dois anos decorridos, é possível que alguns, funcionários exemplares, que contavam no meu tempo com a justiça imparcial do seu chefe, se tenha tornado, no presente maus cumpridores de deveres. (LUZ, 10 de abril de 1920.).

Em outra correspondência, recebe uma homenagem de alguns professores, agradecendo a dedicação, a influência benéfica exercida sobre os professores e as palavras brandas e amigas destinadas aos alunos.

Dentro de nós é profunda a vossa imagem. Guardaremos em toda vida a recordação sempre nova de vossa figura respeitosa e simpática, da harmonia de vossa voz no concerto dos hinos e dos jogos escolares, da ternura companheira do vosso olhar. (LUZ, 1918).

O trabalho que exerceu como Inspetor Escolar foi condizente com sua função e com os programas oficiais, tão combatidos pelos anarquistas. Este foi um campo de sua atividade profissional no qual não realizou propaganda dos ideais libertários. Defendeu uma escola que estivesse em consonância com a realidade do trabalhador e da necessidade de produção da subsistência. Uma escola que fosse eficiente em um curto espaço de tempo, mas que oferecesse um ensino integral.

Quando a primeira escola anarquista foi inaugurada no Rio de Janeiro, em maio de 1909, já exercia a profissão há quatorze anos. Provavelmente não esteve alheio a todo movimento em favor da Escola Moderna, do qual manifestaram opinião favorável alguns de seus correligionários, como Maria Lacerda de Moura e José Oiticica. Entretanto, seu envolvimento no trabalho com a infância havia se constituído de modo peculiar, dentro das escolas oficiais.

A luta empreendida por Fábio Luz pela doutrina anarquista foi travada fora da escola infantil. Não se envolveu na edificação de escolas racionalistas. Sua crença no poder da escola oficial vem do desejo de consolidar, ainda que em um espaço oficial, uma educação proveitosa às classes trabalhadoras. Suas ações educacionais efetivaram-se no campo literário, nos sindicatos, e na imprensa libertária. Escreve no jornal *Spartacus* de 4 de outubro de 1919, depois de sua aposentadoria como inspetor escolar:

[...] empreguei com lealdade absoluta todas as minhas energias de moço ferindo-me sempre contra as barreiras, o arame farpado e as armadilhas em que se emboscam as mais venenosas espécies de burocratas. Também eu posso agora, enfim, dedicar-me inteiramente a causa da liberdade. Contribuo com o que está nas minhas fracas aptidões e creio prestar um serviço sincero, embora desvalorizado, à reforma social transmitindo o que sei aos meus camaradas.

No livro *Manuscritos de Helena* (1951), existe uma pequena biografia de Fábio Luz, escrita por Leôncio de Carvalho. Este texto traz informações sobre a carreira de Fábio Luz, desvinculando sua imagem do anarquismo e enfatiza a sua atuação como educador, professor, escritor e Inspetor Escolar.

A escola renovada teve nele um dos seus precursores. Introduziu no Distrito Federal as caixas escolares e o slodj (trabalhos manuais) escolar, a festa da primavera, as primeiras exposições de trabalho manuais, os filmes educativos, etc. [...] Escreveu inúmeras peças de teatro infantil. [...] Lecionou Francês, Português, História e Latim. Serviu de examinador de Português no Colégio Pedro II, e depois de

aposentado, a cadeira de Português do 2º ano. Prelecionou no Rio de Janeiro História do Brasil, Francês, Português, História Natural e Higiene em vários estabelecimentos de ensino e em centros operários.

Entre os lugares que lecionou, ainda estão a *Escola Profissional Orsina da Fonseca* e a *Escola Royal de Dactilografia*. Leôncio de Carvalho informou neste mesmo texto que Fábio Luz foi diretor do Liceu Popular de Inhaúma. Entretanto, a passagem da sua vida como professor de escolas oficiais não está documentada e seu nome não consta nos arquivos escolares pesquisados. No livro *Manuscritos de Helena*, existe uma referência às peças de teatro escritas por Fábio Luz, como *A Paz do Senhor*, com uma nota explicativa classificando-a como peça dramática de tese social, traduzida para o castelhano.

Das referências da atuação de Fábio Luz nas escolas oficiais, só foi possível encontrar vestígios de seu trabalho como inspetor escolar. A atuação na escola como professor ficou na obscuridade. Das suas peças teatrais, só foram encontradas os títulos, sem referências de datas: *A Paz do Senhor*, *Para tão grande amor tão curta a vida* e *Antheros*, uma peça infantil.

As marcas que Fábio Luz deixou na imprensa operária e seus livros permitem entender melhor a dimensão da sua atividade como educador.

CAPÍTULO II – FÁBIO LUZ E A EDUCAÇÃO OPERÁRIA

Bem sabemos as enormes dificuldades que nos esperam. Despidos de enganadoras ilusões, somos, no entanto, otimistas, e temos confiança na eficiência dos esforços sérios e tenazes.¹³ (LUZ, 1915).

Este capítulo aborda os esforços de Fábio Luz e seus correligionários no sentido de constituir um projeto educativo para os trabalhadores, o qual visava divulgar o anarquismo no meio operário. Trata de como foi pensada a educação dos trabalhadores, em meio ao processo de repressão, e como a imprensa e o sindicato constituíram-se em espaços educativos na visão dos libertários. A fundação da *Universidade Popular* e do *Centro de Estudos Sociais* acompanham os esforços de mobilização e de consolidação de um ensino integral.

2.1 A educação dos trabalhadores

O projeto educativo teve um papel central para os anarquistas. Para militantes como Fábio Luz, as propostas educacionais ocuparam um papel central, fazendo com que realizasse esforços no sentido de educar a classe trabalhadora. A construção da palavra operária significou o planejamento de atividades educativas diversas, que tiveram como espaço de concretização as ruas e os sindicatos. O jornal operário foi um importante material educativo, meio mais expressivo de construção dessa palavra.

Além das escolas infantis, da imprensa e da ação educativa nas ruas, Fábio Luz idealizou, associado a seus correligionários, espaços específicos para a educação de adultos. A criação da Universidade Popular (1904) e do Centro de Estudos Sociais (1914) foram iniciativas marcadas pelo otimismo e pelo esforço organizado. Estes empreendimentos tiveram curta duração, mas marcaram a Pedagogia Libertária, de tal forma que estas ações foram redimensionadas posteriormente no movimento anarquista.

A Pedagogia Libertária não esteve presente apenas na escola. O anarquismo procurou projeção em diferentes espaços, especialmente junto aos trabalhadores, utilizando a imprensa, os sindicatos e as manifestações públicas, como tentativa de envolver o trabalhador na questão social.

¹³ LUZ. *Na barricada*: jornal de combate e crítica social, agosto de 1915.

A trajetória de Fábio Luz transcorreu em um cenário de transições políticas. Sua atuação como republicano e abolicionista se transformou quando definiu sua opção pelo anarquismo. Foi um militante anarquista que não deixou de atuar nas escolas oficiais e um escritor de romances de fundo social. Entre os diversos campos de atuação aos quais esteve ligado, sua vida como educador libertário se afirmou em uma contínua atuação na educação dos trabalhadores.

Esteve envolvido em questões que valorizavam a ética do trabalho e a figura do trabalhador. Sua atividade contemplou diferentes espaços, como os sindicatos, a imprensa e a criação de ambientes educativos para os adultos. A educação libertária esteve vinculada à propaganda do anarquismo. A construção de uma nova sociedade só poderia ocorrer concomitantemente à construção de novas mentalidades, pautadas na moral e na ética anarquistas. Educação e propaganda se confundem no decorrer da militância libertária.

A palavra operária foi edificada por meio de uma atividade específica de propaganda, que pode ser classificada em três grupos: propaganda pelo exemplo, propaganda pelo enfrentamento e propaganda pela palavra (Peres, 2003). A vida dos militantes foi transformada em exemplo de boa conduta, ligada à moral libertária. Os anarquistas procuravam construir uma imagem oposta àquela difundida pelo Governo e pela Igreja.

Os anarquistas, especialmente na Primeira República, não constituíram uma ameaça significativa para o Governo, ainda que constituíssem a presença mais forte no movimento operário. Este período foi marcado pela Revolução Russa de 1917 e pelo levante carioca de 1918, eventos que contribuíram para a constituição da imagem dos anarquistas como inimigos do poder. Foram apontados pela força policial como estrangeiros e terroristas. Identificados como o “inimigo objetivo”, não pela sua força real, mas pela possibilidade de criar instabilidade na organização social. O inimigo objetivo “é justamente aquele que é construído e veiculado pelo discurso como um elemento de alta periculosidade, quer porque esteja em via de promover conflitos, quer porque, por definição, possa vir a fazê-lo”. (Gomes, 2005, p. 85.).

Os libertários procuravam divulgar a doutrina, educar a população e manter uma imagem íntegra, compatível com suas idéias. Não queriam ser identificados nem como terroristas promotores de ataque à bomba, nem como homens de moral duvidosa. É neste contexto que é possível identificar Fábio Luz e alguns correligionários como José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Florentino de Carvalho e Manuel

Moscoso. Buscavam construir uma visão positiva do anarquismo, da classe operária e de seus militantes.

Nem toda ação anarquista pareceu ter sido pautada na resistência pacífica. A imagem constituída a partir dos arquivos de expulsão dos anarquistas estrangeiros possibilita compreender as dimensões da atuação libertária e as diferentes imagens dos militantes. A proposta anarquista envolveu a ação de propaganda e enfrentamento. A propaganda pelo enfrentamento refere-se a ações específicas envolvendo greves, passeatas e destruição do maquinário utilizado para a realização dos trabalhos nas fábricas.

Considero que para libertários como Fábio Luz, o mais importante foi a construção da palavra operária. A propaganda pela palavra incluiu a ação dos militantes em palestras, conferências, recitais de poesia, peças teatrais. Envolveu a confecção de material impresso: textos, ilustrações, folhetos. Entretanto, as atividades de propaganda pela palavra e pelo enfrentamento se encontram, constituindo um conjunto de ações que podem ser percebidas tanto nas palavras dos militantes quanto nos arquivos policiais.

[...] há efetivamente em cidades brasileiras núcleos anarquistas; existem no Brasil as causas que despertam os sentimentos anarquistas? [...] Nós responderemos pela afirmativa. [...] Que entende o ilustre jornalista por núcleo anarquista? Não lhe bastarão as afirmativas do senhor chefe de polícia atribuindo a influencia de anarquistas os recentes movimento operários e deportando para o Norte e para o Sul, conservando detido para averiguações, sem culpa formada, nacionais e naturalizados, sob op pretexto de professarem opiniões libertárias? (LUZ, *O Debate*, 1917.).

Assim, a militância foi uma atividade essencialmente transformadora que se caracterizou pela ênfase na educação dos trabalhadores e pela resistência. A arte de ser anarquista fundamentou-se na criação de uma estética da existência onde houvesse lugar para a formação e para a transformação das subjetividades. A proposta de educação envolveu a criação de uma nova ética, pautada na solidariedade. Ao recriar a própria vida, os militantes tornaram-se sujeitos singulares, que reagiam ao poder fazendo de suas vidas uma obra de arte.

2.2 A arte de ser anarquista: a resistência

A partir do I Congresso Operário realizado no Rio de Janeiro em 1906, os anarquistas tornaram-se os maiores responsáveis pelo direcionamento do movimento operário. Influenciaram as associações de trabalhadores e, formados por militantes estrangeiros e brasileiros, defenderam que a força do movimento operário estaria na união de todos os trabalhadores, independente de cor ou nacionalidade. No entanto, a figura do militante foi associada à imagem do estrangeiro desordeiro que combatia a nação.¹⁴ Os militantes procuravam manter uma imagem diferente desta difundida pela força policial e pela imprensa oficial. Para tal, utilizavam a imprensa operária e o sindicato como espaços de consolidação da palavra operária, que envolvia educação e propaganda.

Os anarquistas acabaram sendo identificados como inimigos da pátria e como indivíduos perigosos, pois negavam os instrumentos institucionais do Estado, assim como alguns de seus valores fundamentais. Enquanto combateram a carestia de vida e exigiram direitos trabalhistas, estavam inseridos no mundo prático. Entretanto, quando questionaram a organização da sociedade como um todo, colocaram em discussão conceitos fundamentais como trabalho, sociedade, pátria. Tal questionamento possibilitou uma reação liderada pelo Estado, associando a imagem dos libertários a estrangeiros inimigos da nação.

Para os anarquistas, a pátria poderia ser definida como um conjunto de indivíduos ligados por valores universais. Opunham-se à idéia de nacionalismo ligada ao militarismo, como, por exemplo, a campanha nacionalista organizada por Olavo Bilac, em 1915. Esta campanha destacou a educação cívica e o serviço militar obrigatório. Os anarquistas foram contra a participação do Brasil na Primeira Guerra e a favor da solidariedade entre os povos. Consideravam que um país patriótico deveria ter como prioridade a questão social.

A proposta libertária tramitava em dois horizontes distintos. O primeiro referia-se a um conjunto de ganhos reais para os trabalhadores, ligados a conquistas materiais. O segundo esteve relacionado a mudanças não mensuráveis, ligadas à construção de novos valores que negavam a organização social existente. A solidariedade que

¹⁴ GOMES, 2005.

propunham para a classe trabalhadora estava ligada a um conjunto de práticas e valores que deveriam ser aprendidos.

O projeto de solidariedade que construíram estava acima de uma lógica de ganhos mensuráveis e envolvia uma lógica simbólica. Os libertários construíram sua militância ligada a uma visão heróica e verdadeira de dirigentes da classe operária. Diferentes definições dos anarquistas enunciam suas qualidades como loucos românticos que desejavam mudar o mundo. De onde vem tal desejo e intenção de acreditar na modificação da sociedade?

Os pioneiros da transformação social seriam os militantes. Tais militantes, que exerciam um papel de vanguarda no movimento, pareciam movidos por um sentimento de solidariedade e uma extrema capacidade de acreditar que as mudanças sociais seriam possíveis e realizáveis.

Estes sujeitos singulares, entre os quais encontra-se Fábio Luz, foram os educadores libertários, os quais “queriam, enfim, liquidar com todo tipo de poder e impedir, ao mesmo tempo, que surgissem novas formas de dominação”.¹⁵ As palavras de Fábio Luz, publicadas no jornal *Spartacus*, de 4 de outubro de 1919, explicitam bem estes sentimentos:

Não tenho outra preocupação, nem outra aspiração que não seja a Victoria do ideal que me alentou a alma de moço e se cristalizou em prisma facetado, de onde a luz de um futuro de amor e felicidade tira chispas douradas que iluminam o caminho da velhice. Não desejo ser oráculo, guia, mestre ou dirigente, como supõe alguém. [...] É um alto sentimento de justiça que me impulsiona para convosco alcançar a realização de uma reforma social de igualdade absoluta.

A perseguição aos anarquistas constitui uma história importante do movimento operário, e marca a luta cotidiana pela consolidação de uma ética do trabalho. Após a abolição da escravatura, os trabalhadores livres deveriam cultivar o hábito do trabalho, como atividade digna e moralizadora. Este discurso pode ser entendido de duas formas diversas. A primeira delas, associada ao Estado, foi pautada em uma moral saneadora, que pretendia banir do espaço urbano uma ética do não-trabalho.

Em oposição ao conceito de saneamento moral difundido pelo Estado, os anarquistas procuraram valorizar a dignidade do trabalhador e seu papel transformador. O trabalho foi entendido como a forma digna de manter a vida individual e social. Neste

¹⁵ LUIZETTO, 1987, p.41.

contexto discursivo a palavra operária foi construída valorizando a figura do trabalhador como um indivíduo ético. Esta ética pode ser entendida com a capacidade do indivíduo de transformar a si mesmo, criando uma nova forma de existência. Ela refere-se à criação de uma outra forma de estar no mundo, como define o texto abaixo:

Numa reflexão sobre a possibilidade de uma transformação de si mesmo, as artes da existência constituem técnicas de formação do eu, o que implica uma ligação entre a ética e a política (através das noções de perigo e risco), assim como uma ligação entre a ética e a ontologia, uma vez que a ética se apresenta como a capacidade de criar uma outra forma de ser. (VILELA, 2006, p. 123).

A educação proposta pelos anarquistas pretende constituir um novo discurso para que o homem possa pensar em si mesmo, criando uma nova forma de existência. Para tal, desenvolveu estratégias educativas que atingissem todos os trabalhadores. Os arquivos policiais guardam testemunhos singulares para a reflexão histórica, trazendo vestígios de como a educação libertária foi disseminada pelos militantes.

A proposta de atuação libertária possuía um caráter internacional de construção de solidariedade entre os trabalhadores, e as formas de propaganda da doutrina não foram constituídas apenas pelo emprego da palavra operária, mas pela contestação, envolvendo ações de resistência e enfrentamento. Essas formas foram divulgadas pela imprensa oficial como resultante da ação de estrangeiros anarquistas violentos e ameaçadores. Os anarquistas procuraram se desvencilhar desta imagem, utilizando a imprensa como o principal espaço público de divulgação, como escreveu Gomes:

Seria também através deste espaço público que os anarquistas poderiam explicar suas idéias, demonstrando que não eram terroristas violentos e homens sem caráter, inimigos da família, da pátria e da moral. Não eram uma terrível ameaça, como se propagava. Aliás tão pouco eram fortes, como afirmava o chefe de polícia. Tinham seus direitos legais permanentemente desrespeitados e não eram sequer ouvidos, mas sim perseguidos, presos e violentados. (GOMES, 2005, p. 106.).

A contenda entre os anarquistas e o poder público resultou na produção de arquivos policiais.¹⁶ A luta dos anarquistas pela constituição de laços políticos e

¹⁶ O conjunto de documentos destes processos foi formado por uma ficha de identificação do acusado, um relatório da acusação, depoimento de três testemunhas, depoimento do acusado e sentença. Incluía também recortes de jornal, cartas e panfletos, como provas do crime de anarquia.

culturais que estabelecessem uma ligação entre os trabalhadores é fruto de um confronto entre o Estado e os militantes libertários. Tais figuras, fichadas nos arquivos policiais da época, representam uma constante diversidade nas formas de luta, mas valorizavam a educação da classe trabalhadora como um aspecto crucial.

Os arquivos policiais podem ser entendidos como um testemunho importante da época, pois são constituídos pelas informações dos delegados de polícia e, em alguns casos, são adicionadas como provas do crime de anarquia recortes de jornais, cartas e panfletos. Qual seria a importância do testemunho deste conjunto singular de vozes para a História da Educação? Seria o de observar a vocação política da educação pelas palavras dos infames, dos excluídos e dos marginais, lidas no discurso daqueles que foram calados e deportados.

Os militantes estrangeiros foram alvos de constante perseguição policial. Influenciaram na direção da classe trabalhadora e conviveram com os libertários brasileiros, como interlocutores na propagação da doutrina anarquista. Nos arquivos de expulsão de anarquistas estrangeiros, foi possível encontrar informações sobre a atividade de propaganda que desenvolveram, marcada pelo enfrentamento e pela resistência. Acusados de perturbar a paz pública promovendo greves e comícios, foram associados a vagabundos. Porém, a singularidade de sua atuação esteve ligada à utilização da palavra como forma de disseminação da cultura libertária.

Os libertários conviveram com a repressão e com a imagem de desordeiros. Militantes pacíficos como Fábio Luz, tiveram passagem policial, em virtude de sua participação na imprensa operária e seu envolvimento em projetos de educação dos trabalhadores.

Os anarquistas estrangeiros mantiveram estreitas relações com os militantes brasileiros, principalmente na imprensa. A vertente representada pelo enérgico anarquista russo Bakunin esteve atuante, organizando uma ação combativa por meio de boicotes e depredação dos instrumentos de trabalho. Os relatos policiais enfatizam a figura dos anarquistas envolvidos em greves e promotores de ataques violentos.

Fábio Luz repudiou esta imagem, seu discurso se constrói contra a violência e contra a guerra entre as nações, colocando a solidariedade entre os povos como uma questão primordial.

Muitos militantes, figuras pouco conhecidas no movimento libertário nacional e internacional, foram julgados e expulsos do país assim que o governo criou a Lei Adolfo Gordo, sancionada em 1907. A polícia passou a constituir um inquérito policial,

estando protegidos da pena de expulsão aqueles estrangeiros que fossem casados com brasileiros, viúvos com filhos brasileiros ou residentes no Brasil por dois anos seguidos.¹⁷

O movimento grevista foi intensificado após o Primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906. Neste congresso prevaleceram as idéias anarquistas, definindo como estratégias, além da greve, a sabotagem, o boicote e as manifestações públicas. Tal atitude intensificou a perseguição policial, constituindo os processos de expulsão dos estrangeiros envolvidos em atividades de protesto.

Os documentos mostram que nem todos os anarquistas participavam das idéias do comunismo libertário de Fábio Luz. Muitos deles optaram por uma prática que envolvia violência e estava distante da diplomacia literária. A estratégia de luta escolhida não foi a mudança das consciências pela propaganda e atividades educativas, foi o boicote, a sabotagem e a greve. Muitas vezes revestidas por sinais de violência.

O processo de um português de nome José Maria Coelho aponta para uma greve que interrompeu o serviço de entrega de pão. O “perigoso agitador anarquista” foi acusado de estar envolvido em todas as greves desta categoria, com uso da violência. De fato, a Liga dos Padeiros apontava a greve, o boicote e o ataque à bomba como solução dos problemas.

Como contou João Lopes de Souza¹⁸ em um depoimento oral, o líder dos padeiros foi um homem brutal e truculento. Orientava a maneira de sabotar as padarias, além de ensinar a fazer bomba-relógio. O estudo e a leitura estavam presentes, mas com um caráter bastante distinto do difundido por militantes como Fábio Luz. Quando interrogado sobre a existência de alguma leitura ou prática educativa de seu líder, respondeu:

Ele lia, tinha livros, e ensinava os padeiros na questão social. Dizia que o anarquismo ia salvar o mundo. [...] Os anarquistas não queriam saber de educar o povo, não. Iam na força: ‘Esse camarada não vai fazer greve, não? Mete o pau nele, derruba ele no cacete!’ Eu achava isso um pouco brabo. (GOMES, 1988)

¹⁷ C.f.Dulles, 1973.

¹⁸ João Lopes de Souza, descendente de escravos angolanos, participou do movimento anarquista no Rio de Janeiro e em São Paulo. In: Gomes, 1988.

Tais estratégias refletem uma vocação para o coletivismo de Michail Bakunin¹⁹. O estilo de ação proposto por Bakunin consistiu no embate corpo a corpo, da luta propriamente dita, do conflito e das barricadas, das associações clandestinas, da conquista de espaço por meio combativo. Acreditava que o homem era bom, e que a sociedade deveria proporcionar os meios materiais e morais para que cada um pudesse se desenvolver plenamente. Considerava a possibilidade de um combate armado, pois a conquista de uma sociedade igualitária teria um custo.

O relatório do espanhol Gregório Febres retratou o mesmo tipo de atividade subversiva, acusado de obrigar os operários que ainda se mantinham no trabalho a participar das greves. O espanhol também foi acusado de colocar bombas nas portas das padarias, “ainda mais depois da greve da Leopoldina”, como escreveu o delegado. A situação dos padeiros descrita por João Lopes de Souza consistia em uma carga de trabalho abusiva, pois, além de fazer os pães, deveriam entregá-los, voltar à padaria e continuar o serviço. Os padeiros organizaram-se a fim de reivindicar modificações na sua estrutura de trabalho, e tais reivindicações estiveram ligadas a uma luta anarquista que utilizava explosivos e incentivava a sabotagem na entrega e produção dos pães.

A greve da Leopoldina ocorreu em março de 1920, exigindo a contratação dos operários que trabalhavam como diaristas e aumento salarial. Como não foram atendidos, paralisaram o trabalho, sendo substituídos por outros trabalhadores sem experiência. A imprensa noticiou um grande número de acidentes ferroviários. A greve recebeu o apoio da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e da Federação dos Condutores de Veículos. Aderiram à greve os metalúrgicos, os alfaiates, os padeiros, os operários em construção civil. Segundo Dulles (1977, p. 12): “Num enorme comício, um padeiro grevista disse que chegara o momento de todas as classes apresentarem publicamente as queixas e reclamações”.

No dia 24 de março, formou-se um enorme comício, e no dia 25 de março a greve se estendeu com a adesão de outras categorias de trabalhadores, incitando uma forte repressão policial. O número de presos lotou a casa de detenção, sendo necessário utilizar um armazém das docas. Os presos foram cuidadosamente identificados e fotografados, a fim de se descobrir os líderes e estrangeiros. Foram presos vários

¹⁹ Filho de aristocratas russos tornou-se um ativista por convicção de idéias. Polemizou com Marx sobre o encaminhamento das questões relativas à libertação do povo. Defendeu a abolição do Estado como única solução para o bem estar do homem, enquanto Marx propôs a criação de um Estado provisório.

colaborados do jornal *A Voz do Povo*, entre eles Fábio Luz, José Oiticica e Octávio Brandão.

O espanhol Gregório Febres, cujo processo de expulsão data de 25 de abril de 1920, foi acusado de difundir idéias subversivas. E como consta no relatório “confessasse francamente anarquista e afirma que seu ideal é a implementação do regime comunista, neste país, recusando-se a assinar seu depoimento por não reconhecer princípio de autoridade embora fosse ele verdadeiro”.²⁰

Considerados perigosos, dispunham da palavra escrita ou oral para convencer os trabalhadores livres a participarem das greves e freqüentarem as associações. O auge de suas atividades, no período de 1920, constituiu-se em um conjunto de ações que colaboraram para a formação de uma ética do trabalho. A atividade de trabalhar com as próprias mãos foi valorizada pelos libertários e vista como produto de uma ação social coletiva (Gomes, 2005).

Os militantes libertários possuíam formação intelectual e diferenciavam-se da maioria dos trabalhadores que não freqüentavam escolas. Acreditavam na formação intelectual como um fator importante na luta operária. Possuíam uma educação intelectual ligada aos ideais libertários, sabiam ler e tinham desenvoltura para falar em público, sendo muitas vezes colaboradores dos jornais operários, como exemplifica o relatório policial que segue:

Aos quinze dias do mês de fevereiro de mil novecentos e dezenove, compareceu nesta inspetoria Gumerindo Esteves, (...) empregado do comércio (...), o qual interrogado, declarou que a educação intelectual que possui o leva a simpatizar-se com a causa do operariado, que é também a sua, porquanto é um produtor; que, tendo, então, usado da palavra em várias assembléias para combater, como fez, o capitalismo, (...) que a seu modo de ver, vivem iludindo o povo; que não acha justo que, como se verifica com a atual organização da sociedade, uns indivíduos vivam em grande abastança e outros, que trabalham demasiadamente, permaneçam na miséria, sem mesmo poderem constituir família;²¹

Tal testemunho permite observar a natureza das reivindicações e das subjetividades que conviveram neste período, convergindo em ações e interesses comuns. Fábio Luz era brasileiro e foi intitulado como um intelectual anarquista

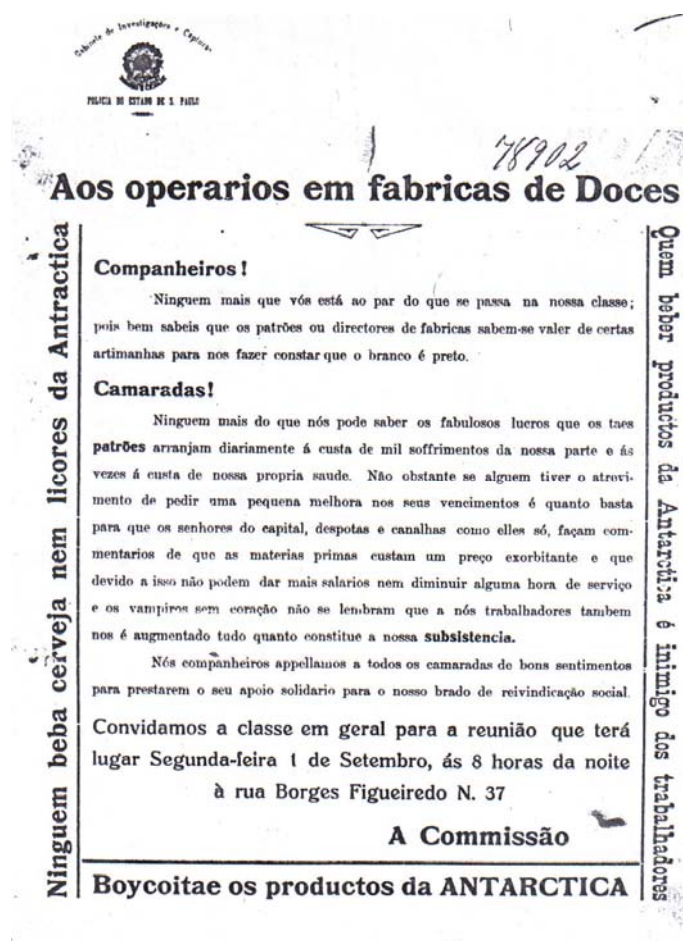
²⁰ (Relatório do delegado policial)

²¹ Arquivo Nacional, Processo de Expulsão.

burguês²², porque, não sendo operário, confraternizou e lutou pela causa social, que incluía a defesa dos interesses dos grupos entendidos como inferiores.

Dentre os depoimentos da época, o de Gumercindo apresenta uma constante: a educação intelectual. A educação foi entendida como um meio de libertação das consciências e criação de uma nova sociedade. A educação intelectual foi considerada como um importante modo de esclarecer e mobilizar os trabalhadores.

A orientação anarquista previa uma militância repleta de atividades educativas. A questão da liberdade e da auto-gestão resultou em diversas frentes para a educação dos trabalhadores. Uma delas foi a imprensa, editando jornais e distribuindo panfletos.



23

O folheto acima, encontrado nos arquivos de expulsão, como prova de crime de anarquia, revela a organização dos trabalhadores contra a exploração. Motivados pela questão salarial, os trabalhadores eram convidados a participar das manifestações públicas, nas quais eram apresentadas as idéias socialistas. O apelo aos bons

²² DULLES, 1973.

²³ Acervo do Arquivo Nacional.

sentimentos dos trabalhadores procurava desenvolver a solidariedade entre os diferentes ofícios. O boicote proposto procurava unir os trabalhadores contra a exploração, apontando um inimigo comum a ser combatido.

Os libertários desejavam salientar a situação atual das condições de trabalho para mobilizar os trabalhadores. O próximo passo na educação seria a educação intelectual, transformando a ação de enfrentamento no primeiro passo de mobilização. A perpetuação das idéias libertárias levou a organização dos trabalhadores a planejar estratégias educacionais ligadas à formação de uma consciência operária. Os anarquistas desenvolveram ações educativas, a fim de formar um novo homem.

O operário – sem deixar de ser definido como aquele que trabalha com suas próprias mãos – devia ser também um homem educado, o que se traduzia não só pelo acesso à educação básica (ler e escrever) e profissional, como também pelo acesso à cultura (à arte e à política, por exemplo). (GOMES, 2005, p. 28.).

Os arquivos policiais mostram ainda que os militantes estavam em contato com trabalhadores de outras nacionalidades, não apenas os europeus. O anarquista italiano Leone Lampiano foi condenado à expulsão por ser um anarquista perigoso, pois além de orador nos centros libertários, também mantinha correspondência com anarquistas no exterior, especialmente com argentinos. Foi assim descrito pelo delegado auxiliar:

[...] inteligente e dotado de algum preparo, quer oralmente, quer pela imprensa e boletins, não se cansa de aconselhar ao proletariado toda a sorte de exigências aos patrões, indo até a depredação de suas propriedades, quando suas descabidas pretensões não forem satisfeitas.

Os militantes estrangeiros são descritos nos processos como pessoas cultas, embora sua figura seja associada à ação violenta. As ações culturais que desenvolveram visavam à formação de um novo homem para uma nova sociedade. Os meios para a efetivação desta sociedade divergiam. No entanto, a intelectualidade do trabalhador foi um projeto libertário por meio do qual os indivíduos seriam emancipados.

Os anarquistas consideravam a razão como uma forma de emancipação e um aspecto crucial da educação, mas atribuíam um papel de destaque ao sujeito ético. A sociedade deveria ser dotada da integração harmoniosa dos indivíduos e orientada por

valores coletivos. Os interesses de grupos particulares deveriam ser abolidos em favor da coletividade.

O que caracterizava o projeto anarquista era exatamente a recuperação de valores primordiais: o justo, o belo, o racional, o moral. A coletividade assim construída não possuiria fronteiras de interesses contrapostos e sobretudo não poderia ser pensada em termos de dicotomia indivíduo/sociedade. [...] A proposta era de um arranjo onde o social e o humano pudessem convergir. (GOMES, 2005, p. 98.).

A centralidade da questão educacional para os anarquistas envolveu o aperfeiçoamento humano, o desenvolvimento da virtude, do belo, do justo. Os líderes anarquistas valorizavam o bem coletivo e a solidariedade. Prezavam a formação intelectual, mas a esperança e o otimismo foram propulsores do seu desejo de modificação social.

Rosa, [...] eu não tenho em conta o ganhar dinheiro mas estou empenhado n'uma luta de vida ou de morte contra o capitalismo que desde pequeno odeio. Nenhuma utilidade tira o homem que vem ao mundo só para comer e trabalhar. É preciso fazer alguma pela verdade e pela justiça e o seu lema de ver: triunfar ou morrer. Nenhum prazer me oferece a vida enquanto houver seres que sofrem. Serei chamado louco. Mas seja. É melhor ser louco fazendo algum bem em prol da verdade e da justiça, que ser um sábio sem ser útil a ninguém.²⁴

A solidariedade e o envolvimento com que os anarquistas se dedicavam à causa que professaram marcaram sua atividade de militância. Fábio Luz participava desse sentimento solidário e acreditava na possibilidade de mudança social sem a luta armada. Como muitos militantes da época, tornou-se um libertário acometido de uma forte carga emocional, que parecia mover alguns militantes da época. Acreditavam, assim como Kropotkin, que “todas as coisas no mundo são de todos os homens, porque todos os homens precisam delas.” (SALLES, 2005.)

²⁴ Carta escrita por José Augusto Gonçalves Amorim, datada de 24 de novembro de 1919. Arquivo Nacional. Processos de Expulsão.

2.3 A Pedagogia Libertária na Imprensa e no Sindicato

A palavra operária visava a construir a identidade dos trabalhadores como sujeitos honestos e explorados econômica e socialmente. O I Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, no Rio de Janeiro, deu a direção que o movimento anarquista tomou neste período, optando pelo sindicalismo revolucionário, por uma postura antimilitarista, pela organização banindo partidos políticos e pelo ensino laico.²⁵

A educação foi uma preocupação constante do movimento anarquista, e uma forma de propaganda doutrinária. Preocupação esta presente nos jornais operários, que visavam a organizar e educar os trabalhadores. A imprensa libertária constituiu uma produção intensa fazendo, muitos periódicos desaparecerem rapidamente, enquanto outros surgiam.

Os jornais foram freqüentemente apreendidos, as gráficas, destruídas e os militantes, envolvidos nas edições, presos. Muitos periódicos tiveram sua circulação e publicação restrita, tanto pela perseguição policial, quanto pela falta de recursos materiais. O anonimato na assinatura de artigos para a imprensa operária foi comum, assim como a utilização de pseudônimos.

O alcance que os jornais tiveram no meio operário não é possível saber com exatidão. Rodrigues (1969) escreve que os jornais eram lidos para os trabalhadores nas portas das fábricas ou nas associações. Tinham uma função importante na organização e na mobilização dos trabalhadores, como um veículo de informação e formação. Dulles (1973) identificou a participação de alguns trabalhadores na escrita dos jornais, confirmando que a edição do jornal estaria aberta a contribuições dos operários.

Fábio Luz realizou esforços no sentido de educar os trabalhadores por meio de uma ‘conversa amigável’, ensinando um idioma para que estes pudessem realizar a leitura dos jornais. Estas informações mostram o caráter educativo que o jornal possuía, ocupando o espaço das ruas, das residências e das associações de trabalhadores. A ‘conversa amigável’ a que Fábio Luz se referiu traz uma importância da oralidade na educação.

O jornal possuiu uma dimensão de um veículo escrito, transformado em uma motivação para o desenvolvimento de uma conversa educativa, que trabalhava a partir do cotidiano da classe trabalhadora e que valorizava a oralidade. Os assuntos

²⁵ FERREIRA, 1978.

abordavam as questões práticas referentes aos conflitos entre empregados e patrões, definidas como fatos do cotidiano. Refletiam sobre as questões do di-a-dia, procurando mobilizar os trabalhadores e despertar a solidariedade para as causas comuns.

Os periódicos tinham espaço para a poesia, como no caso do periódico *A Vida*, cujo primeiro número conta com a publicação inédita de Hermes Fontes, intitulada *Justiça*²⁶. As poesias faziam parte do conjunto do jornal e apresentavam uma crítica social. Pareciam preocupar-se em atingir um público diversificado, como em *Reivindicações*, de Manoel Custodio Mello Filho.

Vós que fartos viveis num meio perfumado,
Da vida conhecendo os gozos e alegrias;
Que nem pensais sequer talvez que ao vosso lado
Outros há que só têm da vida as agonias; [...]

O jornal operário foi idealizado por diferentes militantes ligados à causa social e pode ser entendido como um recurso elaborado para a educação dos seus leitores. Constitui-se em um material utilizado para a consolidação da atividade educativa dos libertários, que planejavam a mobilização dos trabalhadores e transformação das consciências. A informação e o estudo foram os meios eleitos para a divulgação da doutrina. A propaganda pela palavra fez dos jornais um dos principais meios de educação dos trabalhadores.

Além dos fatos do cotidiano dos trabalhadores, das greves, da carestia de vida e das poesias, os jornais abordavam também a doutrina libertária. Era comum a publicação de textos, como *Sobre o Individualismo*, de Marc Pierrot,²⁸ contemplando questões fundamentais para os anarquistas. Era usual que tais textos fossem repetidos em números seguidos do mesmo jornal. Além dos autores estrangeiros, os conferencistas como Fábio Luz e José Oiticica escreviam freqüentemente artigos de elucidação sobre a doutrina anarquista.

A sociedade como está organizada, de efeito que esta, tornou-se causa e consequência da corrupção dos costumes, do deturpamento das virtudes e do predomínio da cultura exclusiva da inteligência, com menosprezo do sentimento tornou-se a geratria de todos os vícios, de todas as degradações.²⁹

²⁶ A Vida, 30 de novembro de 1914.

²⁷ Trecho retirado de A Vida, 30 de abril de 1915.

²⁸ A Vida, 30 de abril de 1915.

²⁹ Fábio Luz. Na Barricada, agosto de 1915.

Os males sociais eram colocados como consequência da sociedade gerida por leis, nas quais prevalecia a vontade imposta por instituições. A crítica à sociedade foi concomitante a uma exposição sobre o tipo de sociedade que deveria ser construída. A educação moral e intelectual foi um tema valorizado por Fábio Luz e divulgado nos periódicos. Como nesta passagem “Quando o homem tiver capacidade moral e intelectual para se governar a si mesmo, e sua cultura estiver generalizada, para que comando, orientação, diretriz imposta por outrem?”³⁰

A autogestão é apresentada por Fábio Luz como um mecanismo da sociedade futura e entendida como solução para que os homens possam viver em harmonia. A capacidade intelectual, valorizada no discurso de Fábio Luz, foi incentivada nos periódicos por um constante convite à leitura.

Fábio Luz fez parte do grupo de editores de jornais como *O Debate*, *Spartacus* e foi colaborador do periódico *A Vida*. Os periódicos se constituíram em um material educativo, não só publicando artigos de divulgação da doutrina, mas também indicando bibliografia, folhetos e a leitura de outros jornais. Na publicação de *A Vida* havia uma sugestão dos livros que “todos deveriam ler” disponibilizados para venda. O jornal convidava os leitores para publicar artigos, desde que fossem assinados e relacionados com a causa libertária.

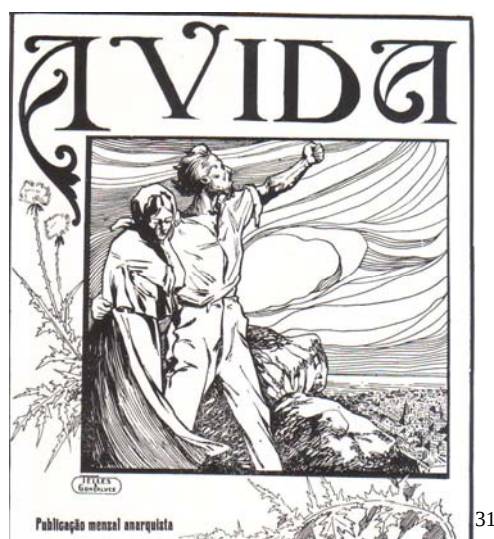
Os editores solicitavam a doação de periódicos e folhetos diversos, em qualquer idioma, a fim de compor uma “mesa de leituras”, disponibilizando o material na sede do jornal para quem tivesse interesse. O incentivo à leitura de obras libertárias foi um dos aspectos educativos dos jornais, que ainda publicavam comentários sobre novos livros e incentivava o envio de sugestões por parte dos leitores.

Os periódicos operários utilizaram as imagens como forma de discurso. As figuras, o letreiro e os textos constituíam-se em um conjunto de mensagens libertárias. As imagens que acompanham os textos trazem a possibilidade de compreensão do momento histórico e de seus desejos de mudança.

A primeira folha do jornal *A Vida* exibe a mesma imagem em todos os números, como um ícone da mensagem a que se destina. O punho cerrado do homem que ergue a fronte para o horizonte, indica a energia para a luta da transformação social. A segurança do homem vem do conhecimento que amplia sua visão e o fortalece. A

³⁰ Fábio Luz. Na Barricada. Agosto de 1915.

mulher, recostada em seu ombro, está junto na luta e garantida pela proteção de seu companheiro.



O papel da mulher na luta operária foi uma discussão estampada nos jornais, da qual Fábio Luz participou. Como escreve Rago (1997), várias vozes entre os anarquistas defenderam a emancipação feminina. Os libertários procuravam conscientizar as mulheres de seus direitos, ressaltando a possibilidade do amor livre e da maternidade voluntária.

A participação da mulher na vida política e eleitoral foi condenada pelos libertários, Fábio Luz considerava que a missão da mulher seria o cuidado com o lar, com o companheiro e com a educação dos filhos. A ilustração acima ajuda a difundir a imagem da mulher como coadjuvante ao homem, a mulher que mantém a frente baixa e que deixa ao seu companheiro o cargo de enfrentar o mundo. O lugar da mulher não seriam as ruas ou as fábricas, mas o lar, onde estaria protegida das agruras do mundo. Toda a sociedade seria beneficiada, pois a mulher estaria cuidando dos filhos e do lar, e participando, assim, da edificação de um novo mundo, como conclui Rago, (1997):

[...] a libertação da mulher está no domínio incontestável no lar, no preparo educacional dos filhos, na influência predominante que exercerá sempre sobre o homem, por seu carinho, por seu bom senso, por seus conselhos, por seu amor, por seu ascendente moral, pelo seu preparo intelectual e educacional, pela sua cultura, tornando-a juiz

³¹ Jornal *A Vida*, coleção fac-similar organizada pelo Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro (Milão).

das grandes causas econômicas, sentimentais e morais na família, com repercussão necessária no mundo: libertar-se dominando.³²

A educação destinada à mulher foi considerada por Fábio Luz como superficial. A missão feminina na sociedade estaria ligada à libertação, mas sua área de ação seria um lar harmonioso e não as fábricas ou as ruas. Utilizou o espaço do jornal para estabelecer tais críticas, sugerindo um modelo de educação pautado em uma ética libertária, na qual a intelectualidade da mulher estaria a serviço da edificação da nova sociedade.

Os jornais operários constroem, ainda segundo Rago (1997), duas imagens da mulher: uma mulher submissa que não sabe lutar e outra combativa, que participa das manifestações públicas. As mulheres participavam das manifestações de forma difusa e não-organizada, não aderindo à sindicalização, um movimento marcado por líderes masculinos.

Fábio Luz volta constantemente ao tema da educação feminina e da sua importância na constituição de uma nova sociedade. Nos seus romances, aborda detalhadamente como deve ser a educação feminina e sua importância para o desenvolvimento ético dos indivíduos. No periódico *Na barricada*, escreve um artigo defendendo o amor livre, ou seja, o direito que deve ser facultado à mulher de escolher seu parceiro livremente. Critica o casamento imposto ou por interesse, que dificulta o estabelecimento de laços harmônicos entre o casal.

No ano de 1919, o militante José Oiticica funda a Liga Anti-Clerical, na qual Fábio Luz colabora, publicando artigos na imprensa libertária. É deste mesmo ano o folheto de Fábio Luz *A Internacional Negra: o clero e a questão social*, no qual critica a Igreja como conservadora da divisão da humanidade entre ricos e pobres, exploradores e vítimas.

A diversidade de assuntos expressos nos jornais revela a constante crítica anarquista, que pretendia criar uma nova forma de estar no mundo. Para os libertários, seria necessário recriar as formas de constituição dos sujeitos, e não esperar pelo progresso das sociedades, isto é, as mudanças sociais dependeriam da criatividade dos sujeitos na criação de suas experiências. Assim, a educação anarquista ganha força e o desenvolvimento da intelectualidade é entendido com um papel transformador.

³² Fábio Luz. O Debate. 29 de julho de 1917.

O periódico *A Vida*, do qual Fábio Luz foi colaborador, trazia para os seus leitores, em todos os números, um “catecismo anarquista”, que se constituía de perguntas e respostas sobre o tema, explicadas didaticamente. Publicava também sugestões de leitura. Como era comum aos jornais libertários, cada número trazia uma bibliografia com indicações de autores nacionais e estrangeiros. Os editores salientavam que o estudo de livros e folhetos de autores nacionais oferecia maiores subsídios para a história do movimento socialista no Brasil. Entre tais indicações está o folheto escrito por Fábio Luz *A luta contra a tuberculose do ponto de vista social* e os romances *Ideólogo* e *Os emancipados*. Junto a este último, segue a seguinte nota:

Uma observação: este livro é editado em Portugal, mas o seu autor, bem conhecido, é brasileiro, como brasileiro é o meio em que se desenvolve a ação do romance e para leitores brasileiros é que ele preferencialmente se destina. Fica bem, pois, nesta bibliografia brasileira.³³

As obras de Fábio Luz estão inseridas em um contexto de desenvolvimento da palavra operária nacional. A preocupação com a caracterização de um movimento operário com raízes nacionais, ligados à especificidade do trabalhador brasileiro, foi uma característica de Fábio Luz. As matérias publicadas na imprensa mostravam sua ligação com o quadro político de sua época. O jornal foi apropriado pelo autor como um espaço de interlocução e debate.

Preocupado em consolidar uma imagem positiva do anarquismo e dos anarquistas, o autor refutava matérias jornalísticas, publicadas em jornais da época, que denegrissem a imagem dos libertários. A cada refutação, seguia um texto elucidando as questões libertárias envolvidas. O problema da organização social foi colocado como tema dos seus debates.

Não é como pensa o sr. Niemeyer, representando a maioria dos nossos jornalistas, uma doutrina que para ter seu surto, se baseia na miséria. Não. Ao contrário, é uma doutrina de reorganização social, que se baseia na riqueza distribuída, permitindo a cada um satisfazer-se conforme as suas necessidades.³⁴

³³ *A Vida*, 31 de dezembro de 1914.

³⁴ Fábio Luz. *O Debate*, 23 d agosto de 1917.

O problema da organização social para os anarquistas não foi definido com especificidade. A sociedade futura seria a comunhão de sujeitos conscientes e éticos. O esforço para a consolidação desta sociedade teve como pilar o sindicato. Este seria o espaço propício para a preparação de trabalhadores conscientes. Gomes (2005) escreve que os sindicatos surgiram como um efeito da mobilização dos trabalhadores, mas que estes tinham resistência em se sindicalizar. Quando os trabalhadores o faziam, buscavam uma instituição que os protegesse, mas que não exigisse participação constante. Era este o quadro que os anarquistas queriam mudar, incentivando a participação por meio da conscientização.

Os anarquistas freqüentavam os sindicatos com o objetivo de influenciar os trabalhadores, embora não os considerassem como núcleos anarquistas. Fábio Luz apoiava a organização sindicalista, mas não a considerava como o núcleo para a organização social futura, e sim para a transformação atual. O sindicato foi para os libertários um espaço de divulgação da doutrina e de mobilização, incentivando as experiências de participação social. Segundo Fábio Luz: “Não serão as leis desejadas pelos parlamentares que farão a transformação temida pelos plurocratas, mas a ação constante, eficiente, tenaz, e poderosa das associações sindicais.”³⁵

As palestras nos sindicatos foram acompanhadas por atividades de entretenimento, consideradas saudáveis e educativas. Organizavam bailes e apresentação de peças teatrais anarquistas. Tinham uma concepção de militância preocupada em cultivar atitudes positivas para a vida do trabalhador: o estudo, a convivência com os filhos e a participação nos sindicatos. A título de curiosidade, sobre a participação da família nos sindicatos, Zélia Gattai escreveu sobre as lembranças de sua infância:

A garotada transformava essas reuniões políticas em divertimentos. Ambiente festivo, todo mundo levava os filhos, costume — ou necessidade — das pessoas pobres que, em geral, não têm com quem deixá-los quando precisa sair. [...] As noites eram divididas em duas partes e, para mim, a primeira era a melhor: vendiam-se jornais — “A Lanterna”, jornalzinho anticlerical, e “La Difesa”, jornal socialista; [...] Um grupo de meninas “espanholas” fazia sucesso no palco, cantando uma velha canção anarquista [...] Elas cantavam e o público fazia coro no final, [...] Durante uma festa de 1ª de Maio (ah! Que

³⁵ Fábio Luz, *Na Barricada*, 19 de julho de 1919.

maravilha as festas de 1º de Maio, essas sim eram cutubas!) [...]. (GATTAI, 1985, p. 170-171).

As lembranças da escritora revelam um aspecto leve e divertido que as festas anarquistas podiam ter aos olhos infantis. O projeto educacional anarquista idealizou ações no âmbito familiar, considerando a politização do espaço doméstico como uma tarefa importante. Os laços entre o grupo de trabalhadores seriam fortalecidos por meio de uma convivência solidária, incluindo os momentos de lazer como importantes para a consolidação de uma imagem positiva do trabalhador.

Apesar da sua importância fundamental na reprodução da força de trabalho, o domínio doméstico é completamente ignorado, é relevado para a esfera da intimidade pessoal, insusceptível de ser politizado (fora de qualquer contrato social ou obrigação política) e as desigualdades que nele têm lugar, além de naturais, são irrelevantes ao nível da relação axial Estado-indivíduo. (SANTOS, 2005, p. 239.).

As atividades desenvolvidas nas associações de trabalhadores procuravam atender toda a família, e proporcionar momentos de convivência, lazer e aprendizagem para seus integrantes, valorizando todos os componentes.

Fábio Luz considerava que a educação dos trabalhadores deveria priorizar a discussão da questão social. Esta foi definida por ele como a questão central do comunismo libertário: a construção de uma sociedade igualitária. Os periódicos e sindicatos deveriam incentivar a mobilização dos trabalhadores, mas não poderiam estar presos às questões relativas aos salários. A discussão deveria ser ampliada, criando possibilidades de estudo sobre a doutrina anarquista, pois o estudo iluminaria as consciências.

Foi preocupado com o estudo sério e dirigido que escreveu para os jornais, divulgando a doutrina e combatendo o comunismo. Fábio Luz foi um militante que disponibilizou seu tempo para educar os trabalhadores por meio de conversas e leituras.

Como anarquista que sou, não pretendo com isso, colocar-me em posição acima dos camaradas. Sou um irmão mais velho que teve mais tempo e mais vagares e mais facilidades para aprender. Venho transmitir como posso e o que posso, aos que na conquista do pão não dispõem de tempo suficiente para estudar. Leio para eles e por eles; reúno-os em dias

determinados, com eles converso sobre coisas de ciência e em boa camaradagem passo algum tempo.³⁶

Neste pequeno texto, o autor expressa sua militância como educador, atuando junto aos trabalhadores naquilo que considerou mais importante: a educação intelectual à luz da doutrina anarquista. Os periódicos encontraram espaço para a divulgação da doutrina, mas a mobilização dos trabalhadores ocorria por conta das questões trabalhistas, enfatizando as situações de penúria da classe operária.

Os recursos que Fábio Luz lançou mão, para sua ação pedagógica nos sindicatos, foram desenvolvidos por meio de relações dialógicas. Como sugere a passagem de Fábio Luz, o diálogo que acompanha às leituras servia como um meio para suprir o analfabetismo entre os trabalhadores. Como enfatiza, “ler para eles”, significou para Fábio Luz, propiciar aos trabalhadores o acesso ao mundo da ciência, bem ao gosto da educação integral.

A referência de Fábio Luz às conversas com os trabalhadores sugere uma relação de igualdade na diferença. A igualdade que borda é a igualdade de inteligência entre eles e os trabalhadores, marcada pela questão social, que possibilita acesso à erudição a determinados indivíduos, quando dificulta à outros. Sugere também uma relação que não foi baseada na superioridade do educador sobre seus alunos, mas em uma conversa que presume a participação voluntária dos indivíduos.

O Debate ilustra, na figura da primeira folha, a tentativa dos anarquistas pela construção de imagem positiva, associando as idéias anárquicas ao combate dos problemas sociais. Os jornais utilizaram as ilustrações como uma forma de criticar e ironizar as autoridades, atraindo a atenção dos leitores.



³⁶ Fábio Luz. *Spartacus*, 4 de outubro de 1919.

Fábio Luz distinguiu a questão operária da questão social. Esta última foi considerada como uma questão dos anarquistas, pois envolvia a construção da justiça social e da igualdade. A questão operária referia-se à vida econômica da classe trabalhadora e sua reivindicação, as quais, embora importantes para os trabalhadores, não se constituíam, do ponto de vista de Fábio Luz, no problema fundamental.

“Se o anarquismo como meio de combate a discussão do laborismo em face do capitalismo tem seus intuitos moraes muito mais elevados e não de um paleativo temporário como o da melhoria de salário com a redução das horas de trabalho, senão como meio de propaganda e como manifestação de suas intenções humanitárias e de solidariedade perfeita. E isso prova que a anarchia não é só destruição mas sim uma doutrina constructiva de amor, de paz, de aspiração á felicidade perfeita para todos (...) é uma doutrina de reorganização social que se baseia na riqueza distribuída permitindo a cada um satisfazer conforme as suas necessidades.”³⁸

Entendia como questão ‘laborista’ a redução da jornada de trabalho e o aumento salarial. Tais problemas que se colocavam em face da exploração capitalista, deveriam ser vistos como temporários. Fábio Luz considerava que a propaganda anarquista envolvia questões morais muito mais elevadas, cuja intenção solidária e humanitária levaria à extinção da opressão e exploração, conforme escreveu:

[...] anarquia não só não é destruição, mas sim uma doutrina construtiva de amor, de paz, de aspiração à felicidade perfeita para todos. [...] Ao contrário é uma doutrina de reorganização social, que se baseia na riqueza distribuída, permitindo a cada um satisfazer-se conforme as suas necessidades. Todo erro dos que combatem o anarquismo está na ignorância de suas doutrinas e na confusão propositada que fazem dele com o dinamitismo e terrorismo russo.³⁹

O jornal pretendia atingir o maior número de trabalhadores possível, informar e politizar, não somente como um agente coletivo de propaganda, mas também como um organizador social.⁴⁰ O jornal mobilizava a reivindicação pela redução da jornada de trabalho, proibição do trabalho infantil e remuneração digna. Além de organizar as reivindicações, expressava as críticas contra a política governamental. Foi visto pelos militantes como um veículo destinado à conscientização e a mobilização dos leitores.

³⁷ Acervo da Biblioteca Nacional.

³⁸ O Debate, 23/10/1917.

³⁹ O Debate, 23/09/1917

⁴⁰ Ferreira, 1978, p.88.

O programa desta folha pode dizer-se está contido no seu próprio título – O DEBATE. Com efeito, o intuito que principalmente nos moveu a organizá-lo foi o de criar um órgão de debates, cujas colunas, libérrimas, se abram à discussão dos mais interessantes problemas da atualidade, na política, na economia, nas letras, nas artes... Abordando os mais variados assuntos, enfrentando rijamente as questões mais graves, sustentando campanhas ardorosas, - em suma, agitando a opinião pública e refletindo as suas ações e reações, O DEBATE, assim o desejamos, será uma folha ardente, cálida impetuosa. (...) Sem ligações políticas ou sociais de quaisquer espécies, O DEBATE, surgido dessa necessidade inadiável⁴¹ terá sempre as suas páginas inteiramente consagradas às grandes causas das liberdades coletivas e individuais.⁴²

Entre os colaboradores deste periódico estavam Fábio Luz, José Oiticica, Lima Barreto, Maurício de Lacerda, Agripino Nazaré. Os assuntos tratados neste jornal, que se declarava livre de quaisquer ligações políticas ou sociais, foram variados e obedeceram às inclinações dos autores dos artigos. Este periódico não foi declaradamente anarquista, embora seus colaboradores o fossem. Constituiu-se em um espaço de debate, no qual os autores pretenderam propagar sua doutrina.

Os anarquistas acreditaram que a revolução de outubro, na Rússia, foi o marco de novos tempos. As notícias de fuzilamento e expulsão de anarquistas russos foram entendidas como deturpações da imprensa burguesa. Poucos militantes perceberam o que se passava, provocando uma ruptura no interior do movimento militante. O termo comunista era utilizado de comum acordo por todos, mas, a partir da Revolução Russa, passou a ser propriedade do Partido Comunista. Segundo Salles (2005), poucos perceberam que a orientação predominante na revolução era a marxista. O movimento operário passou a ser dividido em anarquistas e comunistas, sendo que os primeiros tiveram paulatinamente a influência reduzida.

Na Rússia, o movimento anarquista se aliou ao líder bolchevique, mas as discordâncias e incompatibilidades com a ditadura do proletariado viriam a provocar uma série de perseguições e fuzilamentos. No Brasil, o clima era de fortalecimento e confiança no ideal revolucionário. Entretanto, nem todos os militantes estavam encantados com os ideais revolucionários vindos de Moscou. Fábio Luz foi um destes e sua atuação não deixou de estar vinculada aos ideais anarquistas, escrevendo artigos e defendendo a orientação libertária para a educação dos trabalhadores.

⁴¹ A de libertar as consciências

⁴² O Debate, de 12 de junho de 1917

O trabalho de Fábio Luz na imprensa operária, como observa Lima (1995), aparece depois de 1917, em um contexto de embates entre libertários e bolcheviques. O jornal *O Debate*, editado neste ano, trazia notícias da Revolução Russa. Os anarquistas acreditavam que a revolução libertária estaria em curso. Como escreve Salles (2005), o entusiasmo tomou conta de alguns libertários, o que culminou com a criação do Partido Comunista do Brasil, em 1922. A partir de então, o termo comunista foi associado à Revolução Russa.

Fábio Luz empenhou-se na educação pela propaganda, criando, em 1923, dois periódicos *A Luta Social* e *Revolução Social*. Os jornais foram um empreendimento do grupo “Os Emancipados”, formado por militantes preocupados em divulgar o anarquismo e combater as idéias comunistas.

O ano de 1917 foi marcado por um intenso movimento grevista. A greve deflagrada em julho, no Estado de São Paulo, motivou um movimento similar no Rio Janeiro. Os trabalhadores exigiam uma jornada de oito horas de trabalho e aumento de salarial. O movimento grevista foi fortemente combatido pela força policial. O jornal *O Correio da Manhã* noticiou que o Estado deveria tomar providências, a fim de canalizar as “energias que o proletariado brasileiro ora despende nas suas aventuras pelo terreno das miragens e das utopias”.⁴³

É possível que a leitura de panfletos e a presença da imprensa proletária incitasse os trabalhadores a aderir ao movimento grevista. A imprensa foi um lugar de debate coletivo, no qual a questão social e a propaganda doutrinária eram temas constantes. Foi um instrumento de educação política dos trabalhadores.

Os textos e as figuras procuravam discursar sobre a necessidade de mudanças e davam ao trabalhador um papel crucial na sociedade. Indicavam que ele deveria rebelar-se contra as precárias condições de trabalho e miséria, pois, unido, tinha força para isso. *O debate* de 26 de julho de 1917 ilustrou a figura⁴⁴ de um trabalhador proeminente e mais visível que seus opressores, contra os quais deveria impor-se. A legenda definiu “um povo cansado de esperar e que vai fazendo por si mesmo”. Incentivou a ação direta dos trabalhadores, um dos pressupostos da teoria libertária. A figura procurou mostrar uma idéia promissora das conquistas que os trabalhadores poderiam fazer.

⁴³ Dulles, 1977, p. 57.

⁴⁴ Figura retirada do Jornal o Debate, de 26 de julho de 1917. Acervo da Biblioteca Nacional



Esse jornal, porém, apresentou chamadas publicitárias: armazéns, alfaiates, gráficas, loterias. Noticiava greves, comentava a atitude de políticos, denunciava o problema dos transportes e transcrevia notícias do jornal *A Plebe* (periódico de orientação anarquista). A utilização do espaço do jornal para publicidade não foi uma constante nos jornais de orientação libertária, que noticiavam suas dificuldades financeiras em virtude da falta de pagamento das assinaturas. Para a sua promoção os jornais recorriam à divulgação de “festivals”, nos quais realizavam conferências.

O jornal *Spartacus* foi lançado no Festival Pró-Spartacus, no qual foram proferidas conferências de Fábio Luz e Octávio Brandão.⁴⁵ Octávio Brandão foi um militante que considerou a educação como um dos problemas básicos da humanidade. Defendia o ensino liberto, a educação dos trabalhadores - homens, mulheres e crianças - considerando o aspecto físico, moral, técnico e intelectual. Defendeu um ensino que prezasse o bem da liberdade, o horror à passividade, a grandeza da independência.⁴⁶

Na conferência de abertura do Festival Pró-Spartacus, Fábio Luz proferiu uma palestra intitulada *A imprensa e o Proletariado*, na qual fez uma relação entre a imprensa burguesa e a operária, enfatizando a importância desta última na educação do povo.

Acreditava que a imprensa burguesa induzia à concórdia e à submissão, deturpando a questão social. A imprensa operária deveria elucidar o povo sobre os problemas sociais. Considerou a imprensa “o invento mais poderoso que a bússola, mais conquistador que a pólvora, mais útil ao espírito humano do que o pão ao corpo”.

A imprensa operária deveria intervir, elucidando os problemas econômicos e os problemas morais, bem como apresentando soluções práticas. A imprensa foi entendida

⁴⁵ Dulles, 1973

⁴⁶ Brandão, Octávio. Educação. Rio de Janeiro: Typo e Arte, 1923.

como a principal arma para a conquista da organização social iluminada pela doutrina anarquista.

A imprensa diária, isto é o jornalismo burguês, incorporado ao capitalismo, como indústria e meio de exploração, tem sido um dos maiores obstáculos ao progresso de nossas idéias de liberdade; sempre em mãos de nossos adversários; mentindo ao seu público; deturpando teorias; falsificando verdades, educando seus leitores no fetichismo e na idolatria dos poderosos do dia; em constante adoração ao Deus do ouro, ao serviço sempre da tirania; distante sempre do povo, que somente se toma de amores quando chega a oportunidade de abrir espetaculosas subscrições para obras elegantes de caridade.⁴⁷

Fábio Luz escrevia para diferentes jornais, fazendo crítica literária, mas considerava privilegiado o espaço da imprensa operária. Participava de novas publicações de periódicos operários e investia na idéia de que a imprensa burguesa deveria ser combatida pela imprensa operária. Lamenta a necessidade que tem o escritor de participar da imprensa jornalística, tendo que escrever de acordo com os interesses desta. Para ele, toda a independência do artista fica submetida e sua capacidade estética limitada em troca de proventos pecuniários.

As cartas que compõem seu arquivo pessoal indicam que ele publicou artigos em diferentes revistas sobre temas variados, incluindo a ciência médica. Como, por exemplo, na revista *Época*, na qual o autor publica um estudo psicológico com o título *Da Neurastenia* (1923). Fábio Luz também, contribuiu com publicações na revista *América Brasileira*, dirigida por seu amigo Elísio de Carvalho.

A imprensa operária, ao contrário, foi idealizada de forma diversa. No primeiro número do jornal *Spartacus*, José Oiticica escreve, justificando aos leitores o nome do jornal. A educação esteve sempre presente nos periódicos, não apenas quando fala a respeito da escola especificamente, mas quando se refere a sua capacidade de opressora ou libertadora.

A maior figura da história foi SPARTACUS. Nossa educação aristocrática, de opressores, favorável sempre aos dominantes e aos governos constituídos, deixa na sombra esta alma extraordinária. [...] Spartacus participou de um plano de fuga e tornou-se líder, [...] juntava a grande força muscular e a coragem extraordinária, uma prudência e uma doçura muito superiores à sua sorte [...] Spartacus dissera aos seus companheiros: ‘Se temos de arrancar as nossas

⁴⁷ Fábio Luz. *Spartacus*, 2 de agosto de 1919.

espadas não seja contra nós mesmos: arranquemo-las contra os nossos opressores.⁴⁸

Segundo a idéia libertária, a educação aristocrática cultivava a erudição e as aparências, mas não valorizava a capacidade do homem de trabalhar com as próprias mãos. A figura de Spartacus foi revelada como um modelo de força e coragem, que valorizava o homem na sua capacidade transformadora, na sua capacidade de lutar contra a opressão e ser vitorioso.

O jornal *Spartacus* foi lançado no dia 2 de agosto de 1919. Logo após seu surgimento ocorreu um movimento grevista que interrompeu o movimento dos cinco estabelecimentos gráficos mais importantes do Rio de Janeiro. A campanha contra o comunismo e o anarquismo foi intensificada pelo Presidente Epitácio Pessoa. A polícia apreendeu os exemplares de *Spartacus*, acusando o jornal de sugerir a morte do Primeiro-Ministro da Inglaterra. Embora os editores negassem as acusações, o jornal teve sua circulação prejudicada.⁴⁹

Além de escrever para diferentes jornais operários, Fábio Luz procurava estar sempre em contato com os operários, com os quais lia os jornais e estabelecia conversas. Frequentava as casas de café, onde encontrava com escritores e intelectuais, mas nunca esteve distante dos espaços onde estivesse em contato com os proletários. Assim acreditava colaborar para o ideal que defendia e construir a sociedade de justiça e liberdade. Ideal que transparece em seus escritos e que permearam suas ações de educador e militante.

Não tenho outra preocupação, nem outra aspiração que não seja a vitória do ideal que me alentou a alma de moço e se cristalizou em prisma facetado, de onde a luz de um futuro de amor e felicidade tira chispas douradas que iluminam o caminho da velhice. Não desejo ser oráculo, guia, mestre ou dirigente, como supõem alguém. (...) É um alto sentimento de justiça que me impulsiona para convosco alcançar a realização de uma reforma social de igualdade absoluta.⁵⁰

⁴⁸ José Oiticica. *Spartacus*, 2 de agosto de 1919.

⁴⁹ Dulles, 1973.

⁵⁰ Fábio Luz *Spartacus*, Rio de Janeiro 04/10/1919.

2.4 A Universidade Popular

O projeto educativo anarquista envolveu diferentes espaços educativos, destinados à formação intelectual e política dos trabalhadores. A imprensa foi um espaço privilegiado para a realização da propaganda e educação anarquista. A *Universidade Popular* foi uma das experiências anarquistas mais marcantes. Preocupou-se com a educação científica, com o lazer e a com cultura, propondo atividades libertárias e artísticas. A Universidade pretendia ser um local de lazer e cultura, além de proporcionar uma instrução racionalista. Foi um empreendimento educativo para os adultos trabalhadores.

A Universidade Popular, que se dirige a todos os homens de boa vontade, sem distinção de crença ou de partido, tem por fim: fundar um ensino superior metódico para o povo, organizar conferências periódicas para todos os assuntos suscetíveis de interessar os trabalhadores, fundar um museu social e uma biblioteca, realizar representações de arte social, saraus musicais, festas literárias, excursões científicas, artísticas e expansivas, publicar um boletim que seja órgão da associação, estabelecendo, enfim, um centro popular tendo por fim às vezes o prazer e a instrução – e a união moral entre os cooperadores.⁵¹

Foi fundada em 1904 almejando oferecer ao proletariado uma educação intelectual e vivências artísticas. Deveria ministrar cursos em todas as áreas e contava com a adesão de vários intelectuais. Fábio Luz associou-se a Elysio de Carvalho, Tito de Miranda, Mota Assunção. Conforme escreve Ghiraldelli (1987), a iniciativa reuniu elementos que não eram ligados aos ideais libertários, como Rocha Pombo e Silvio Romero. Os cursos foram organizados de forma autônoma, caso o aluno faltasse a uma palestra, poderia continuar assistindo as aulas sem prejuízo para o seu entendimento.

A sua existência foi breve, de março a outubro de 1904, e sobre ela foi possível encontrar sucintas referências. O precursor desta idéia foi o tipógrafo francês Georges Deherme, em 1898. O modelo brasileiro assemelhava-se ao francês, sugerindo uma estreita ligação entre o anarquismo brasileiro e o internacional.

Os anarquistas acreditavam no papel transformador da educação e da ciência. Na data da sua inauguração, Fábio Luz proferiu o discurso de abertura e esclarece as ambições de tal Universidade:

⁵¹ O Amigo do Povo, São Paulo, 26-11-1904. In: GHIRALDELLI, 1987:123/124.

O povo precisa de número maior de tutores; a população e o proletariado aumentam, portanto deve haver um estoque maior de doutores e bacharéis, que se perceberão nas universidades oficiais dos elementos indispensáveis para a tarefa e o papel espinhoso e difícil de guias e orientadores privilegiados das multidões ignaras. E, demais, que será deles, da plutocracia e dos burocratas, com suas famílias dominantes, se a instrução integral chegar até o povo? Basta que o proletariado saiba assinar o nome no livro eleitoral; do mais cuidarão eles... É, portanto, uma grave ameaça ao bem estar do tutor esta coisa de Universidade Popular, que parece um começo de emancipação.⁵²

Segundo Rodrigues (1983), o objetivo da *Universidade Popular* foi o de, através da instrução, emancipar a classe trabalhadora. Ali colheria o operariado os elementos necessários para o seu aprimoramento moral e intelectual. A Universidade funcionou no Centro Internacional de Pintores, à Rua da Constituição, número 47. Foi uma das mais arrojadas iniciativas de educação popular para adultos no período. Oferecia aos trabalhadores acesso a uma biblioteca, curso de Filosofia, curso de Higiene, curso de História Natural, curso de História das Civilizações, curso de Geografia, cursos práticos de Línguas, Aritmética, Escrituração Mercantil, Desenho, Modelagem, Arte Decorativa, Mecânica e conferências sobre diversos temas de interesse social. Tudo isto por uma cota de inscrição de 1\$000 e a taxa mensal de 2\$000, sem exigir nenhuma formalidade de admissão.

Segundo HOUAISS (2001), a palavra universidade é utilizada para designar um conjunto de faculdades destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, realizando pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber, responsável também pela sua divulgação no meio científico. A *Universidade Popular* não foi uma universidade nos moldes do ensino superior, mas uma instituição relativa à universalização do ensino. Qualquer pessoa estaria apta a fazer parte deste empreendimento, sem vinculação com formações anteriores. Não se designava a uma comunidade científica, mas a qualquer um que desejasse freqüentá-la.

A Universidade Popular teve uma duração breve, assim como a militância de Elisio de Carvalho no movimento anarquista. Lima (1995) escreve que depois do fracasso da Universidade Popular, Elisio passou a ser redator do Jornal do Comércio e chegou a ser diretor do Instituto de Identificação Criminal do Rio de Janeiro.

Jomini (1989) escreveu que a convivência entre pessoas de convicções diferenciadas e o confronto de idéias e interesses pode ter contribuído para o fracasso do

⁵² Rodrigues, 1993.

empreendimento. Fábio Luz escreveu sobre o que motivou o fim da Universidade Popular:

Nós íamos fazer conferências nas portas das fábricas. Aos domingos reuníamos na sede da Universidade todos os camaradas. Depois os contribuintes para a manutenção das aulas incorreram em faltas graves de administração universitária, sendo responsabilizado por tudo isso o reitor, que era Elísio de Carvalho. Este se afastou totalmente e a Universidade teve de fechar suas portas. Elísio foi ocupar um cargo na política e chegou a ser diretor do instituto de identificação criminal, debaixo da proteção do atual diretor e redator do Jornal do Comercio, doutor Feliz Pacheco, ex-ministro de relações exteriores, deputado e senador. (LUZ apud RODRIGUES, 1993).

A *Universidade Popular* foi um evento breve, mas que suscitou um entusiasmo por parte de diferentes intelectuais e que teve um fim repentino, assim como a militância anarquista de Elísio de Carvalho.

2.5 Centro de Estudos Sociais

Segundo Edgard Leuenroth, um *Centro de Estudos Sociais* foi criado em 1914, o que coincidiu com um período de animadora atividade para os anarquistas. José Oiticica, companheiro de Fábio Luz neste empreendimento escreveu que “tão intensa foi a campanha que era rara a noite que não falávamos em algum sindicato”. O objetivo do Centro de Estudos foi a organização do movimento anarquista de educação dos trabalhadores.

Segundo Dulles (1973) os militantes encontravam-se em reuniões noturnas para discutir a direção do movimento e promover debates. Foram proferidas palestras sobre artes, saúde e temas sociais, sendo marcado pelas discussões entre anarquistas e socialistas. Os jornais *A Vida* e *Na Barricada* são o desdobramento das atividades e debates promovidos neste centro.

Saindo às sextas-feiras, a tempo para os debates das reuniões noturnas no Centro de Estudos Sociais, o periódico trazia a público as críticas e contracríticas trocadas entre Oiticica e Silva Marques, Fábio Luz e Pedro Couto. Na opinião de Pedro Couto, o erro dos anarquistas consistia em supor que a crise moral da sociedade seria resolvida com a eliminação de todas as instituições sociais, um ponto

de vista do caro amigo que o anarquista Fábio Luz se recusava a acatar. (DULLES, 1973, p. 36).

Pedro Couto entendia que Fábio Luz foi extremamente ingênuo na sua crença de transformação da sociedade. Acreditar na transformação social nos moldes anarquistas, negando qualquer instituição, foi uma tarefa árdua e que rendeu a Fábio Luz poucas conquistas efetivas. A insistência de Fábio Luz na teoria libertária foi uma característica de sua personalidade, contra a qual evidência alguma foi capaz de dissuadi-lo.

Neste centro, discutiu-se o direcionamento do movimento e questões políticas, visando ao esclarecimento dos trabalhadores e sua formação. O Congresso Anarquista Sul-Americano foi organizado no interior do Centro. Ainda segundo Dulles (1973), como só havia dois representantes argentinos, o congresso foi denominado de Congresso Anarquista Nacional do Rio de Janeiro, e realizado em 1915. Neste evento, foram examinados os princípios do anarquismo, o movimento pela paz, o significado do 1º de maio e a imprensa operária.

As atividades do centro incluíam a educação do trabalhador. Jomini (1989), comenta que os centros sociais não exigiam um alto investimento, e por isso foram numerosos no Brasil. Dispondo de apenas uma sala, alguns móveis e livros para a biblioteca, seria possível reunir um grupo interessado na causa social. Nestes centros, se formavam militantes e se organizavam jornais. O primeiro centro de estudos de que se tem notícia foi o Círculo Educativo Germinal de São Paulo, no ano de 1902.

Foi criado também o *Centro de Estudos Sociais Jovens Libertários*, em São Paulo. Em 1934, foi fundado, em São Paulo, o *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais*. No Rio de Janeiro, os jornais operários publicam chamadas sobre centros de estudo, como o jornal *A Guerra social*, de 16 de julho de 1911.

Grupo de Operários de Estudos Sociais Germinal
Em sua sede, na rua João Baptista, 19, Barreto, tem uma biblioteca a disposição de seus associados e de todos os operários que desejam estudar.
Reunião todos os domingos (?) da tarde.
Toda correspondência deve ser dirigida a Rafael [...] ao endereço acima.

Os centros sociais foram o empreendimento educativo mais comum para os adultos e consistiam no estímulo à leitura, estudos e debates. O centro de estudos

fundado por Fábio Luz ficou conhecido pela projeção que teve, associado à imprensa operária.

Os militantes se reuniam neste espaço para discutir os problemas sociais e as idéias anarquistas. O ensino mútuo possibilitava a formação dos trabalhadores, que eram incentivados a escrever artigos de jornais e proferir palestras. Os mais experientes orientavam as atividades.

A finalidade do *Centro de Estudos Sociais* foi o de promover a instrução e divulgar a doutrina anarquista. Organizavam palestras, conferências e folhetos. Sua programação pôde ser acompanhada nos jornais, como no caso do periódico anarquista *A Vida*, que noticiou:

A 18 de outubro corrente, o nosso camarada Orlando Correa Lopes realizou nesta capital, no Centro de Estudos Sociais, uma excelente conferência sobre o seguinte tema: A moral positiva e a moral anarquista; o problema social do ponto de vista positivista e do ponto de vista anarquista.⁵³

O *Centro de Estudos Sociais* promovia muitas atividades, as conferências eram comuns, abordando diferentes temas. A cultura operária também foi tratada, informando os trabalhadores sobre os eventos históricos importantes, como o 1º de maio. Rodrigues (1984), informa que estes espaços foram utilizados para abrigar cursos primários, profissionais ou artísticos.

Preocupavam-se com a produção de material para educação dos trabalhadores, como folhetos e jornais. O *Centro de Estudos Sociais* também foi responsável por publicações, como o folheto *As doutrinas libertárias*, de distribuição gratuita.

Os Centros de Estudo Sociais foram desaparecendo, conforme as mudanças no panorama político. Na década de 30, Edgard Leurenroth solicita ao amigo Fábio Luz as orientações para a fundação de um centro de estudos em São Paulo. Em 1933, este centro foi organizado, com a perspectiva de recuperação da projeção do anarquismo tanto no campo sindical como no educacional.

Amigo Fábio Luz

Cogitá-se aqui da fundação de um centro de estudos sociais. Há tempos existiu um ai, cujas bases de acordo, se não me engano, eram bem feitas e corresponderiam perfeitamente aos nossos intuitos. Julgava ter um exemplar em meu arquivo, mas não o consegui

⁵³ A vida, 31 de dezembro de 1914.

encontrar. Pos isso muito grato ficarei se puder arranjar um ai, com algum militante. É possível que o camarada o tenha. Temos necessidade disto com urgência. [...] Um abraço do camarada e amigo⁵⁴

Neste período, os centros de estudos visavam a recuperar a imagem do anarquismo, diante das transformações no Estado e no movimento sindical. Promoveram festivais e conferências de José Oiticica e Florentino de Carvalho sobre Arte Moderna e concepções de Estado. Porém, a partir de 1935, o centro não planejou e divulgou mais atividades, em virtude da repressão policial. Os Centros de Estudos voltam a realizar atividades após 1945.

As atividades neste centro trazem as intenções da educação anarquista desenvolvida para os trabalhadores. Foi um ensino marcado pela informalidade, mas que não dispensou uma organização e a produção de material escrito. Os livros sobre os temas sociais e os folhetos que os libertários produziram foram colocados à disposição dos trabalhadores, que poderiam utilizar este espaço para leitura ou comparecer para assistir palestras. A frequência de trabalhadores nestes espaços é uma informação difícil de averiguar, pois não foi possível encontrar registros de qualquer tipo.

A atividade educativa de Fábio Luz encontrou neles mais um espaço de atuação, que envolveu a intenção de estabelecer um laço mais próximo com o trabalhador divulgando e discutindo as causas libertárias.

⁵⁴ Carta de Edgard Leuenroth, 20 de junho de 1930. Arquivo Pessoal de Fábio Luz.

CAPÍTULO III – FÁBIO LUZ: O ESCRITOR LIBERTÁRIO

A literatura não é um passatempo inútil, mas representa a maior base para o estudo real das civilizações e dos progressos, retrocessos, quedas e vôos do espírito humano. [...] o estudo da literatura mundial nos porá em consoladora comunicação com os grandes pensadores e com os reais progressos do espírito na evolução contínua para a perfeição e para a beleza suprema. Sentiremos-nos felizes com o contacto desses espíritos que honram o gênero humano e o gênio das raças, para nosso eterno (?) e para nossa glória, quase todos revoltados e revolucionários. LUZ (1926).

Este capítulo trata da vivência de Fábio Luz como escritor de romances de fundo social e intenção pedagógica. Portanto, o autor propaga, em seus textos, uma ideologia igualitária, autônoma e solidária, visando a uma pedagogia libertária, no sentido de preparar os sujeitos para atuar, de forma positiva, na construção de uma nova sociedade justa, com indivíduos interagindo sob uma nova moral: a moral que une razão, independência e solidariedade. Desse modo, pode-se encontrar, neste capítulo, temas tais como: a militância anarquista do autor configurando-se através da literatura de cunho pedagógico; a idealização de uma nova sociedade por meio de romances; a valorização da literatura russa na pena de Kropotkin; a crítica à educação feminina de inícios do século XX, no Rio de Janeiro; e, finalmente, a preocupação com a escrita de livros escolares voltados para a infância.

3.1 Literatura e militância anarquista

O envolvimento com a questão social foi o que norteou a produção literária de Fábio Luz. O campo literário foi um espaço fundamental em sua trajetória. Seus romances marcam as idéias e intenções libertárias das quais compartilhou e se constituem em interessantes obras de caráter educativo, uma vez que divulgam os princípios da doutrina que defendeu.

A dimensão da sua militância anarquista envolveu a produção de romances que trazem a crítica social como inspiração. Os temas abordados em seus romances revelam uma preocupação em levar o leitor a refletir sobre sua época. Tais romances foram denominados como romances de fundo social, os quais associo aqui a romances pedagógicos, uma vez que as histórias são escritas com o objetivo de levar o leitor a uma reflexão. No caso de Fábio Luz, os romances caracterizam uma forma de

propaganda do anarquismo, uma propaganda da palavra, que pretende sensibilizar o indivíduo para a criação de uma nova realidade social.

Os romances de fundo social serão analisados, considerando a relação entre literatura, sociedade e educação. Para isso, análise a obra literária será considerada por seus condicionamentos sociais. Candido (2000), relaciona literatura e sociologia, considerando que em uma análise onde tais campos estejam associados, a questão colocada não é a do valor estético da obra. Assim o foco deste estudo não é o de uma crítica literária, mas sim da dimensão social que teve a obra literária produzida por Fábio Luz.

Ainda segundo Candido (2000), as pesquisas que pretendem analisar as obras com uma finalidade não-literária podem seguir diferentes caminhos. Podem verificar em que medida as obras refletem a sociedade; podem considerar a relação entre a obra e o público; podem investigar a função política das obras e de seus autores e podem relacionar a função e posição social do escritor.

Esta investigação pretende considerar o aspecto político da obra e do autor, sua posição social e sua relação com o conjunto da sociedade. Entendendo que o caráter educativo de sua obra literária envolve a posição social que o autor ocupou (um burguês militante), o aspecto político de sua obra (o anarquismo), e o conjunto da sociedade, ou seja, a quem se destina a sua obra.

Fábio Luz foi um intelectual que se envolveu com a causa operária. Manteve um contato com escritores e intelectuais do seu tempo, publicando críticas literárias em jornais diversos. Foi membro de uma família de funcionários públicos e não raro recebeu solicitações de amigos para colocação no jornalismo⁵⁵. Ocupava uma posição social privilegiada como médico e inspetor escolar, o que levantou suspeita sobre a sinceridade da sua militância. A esse respeito, falou Fábio Luz, no Festival *A Plebe*, de 12 de agosto de 1922:

Por esta incompreensão dos nossos intuitos revolucionários, um notável poeta, hoje redator de uma importante revista literária no Rio, um dia me disse que não acreditava na sinceridade de minhas idéias anarquistas, porque, se eu fosse sincero, já teria abandonado todo o relativo conforto de que gozo para viver pobremente, humildemente, em companhia dos miseráveis compartilhando das misérias, sofrimentos e da fome e dos desesperos deles. [...] Assim pensa um letrado, assim pensam os que da questão social têm apenas a noção fugidia da desigualdade em tudo, mas acham que é assim mesmo e

⁵⁵ Cartas do Arquivo Pessoal de Fábio Luz.

que sempre assim mesmo foi, uma fatalidade histórica irremediável. Pensava o letrado que nós anarquistas fazemos votos de pobreza, que somos Franciscanos, votados à humildade, à resignação, à pobreza, e que para ser solidário com a dor humana e para compartilhar com o proletariado dos desesperos e das revoltas que causam as injustiças e abominações dos regimes sociais vigentes, é preciso ser maltrapilho, sem lar e sem pão. (LUZ, 1922).

Suas palavras expressam que o autor escreve de uma posição social que lhe traz relativo conforto. Assim, produz seus romances para atingir os trabalhadores e para atingir o grupo social do qual fazia parte. Na década em que escreveu seus primeiros romances, 75% da população brasileira era analfabeta (Ribeiro, 1993). Seu público de leitores estaria entre uma pequena parcela da população. Desenvolveu sua arte literária para atingir todas as camadas sociais, afeitas a leitura de romances ou que comparecessem em um círculo de leituras desenvolvidas em alguma associação operária ou centro de estudo.

Mas a quem se destinavam seus romances? Os leitores de seus romances, em uma população composta pela maioria de analfabetos, seriam restritos a um público habituado à vida literária, como professores, jornalistas, lideranças operárias, funcionários públicos. Suas histórias retratando médicos, engenheiros, advogados, que mesmo desfrutando de boas condições de existência, preocupavam-se com as mazelas sociais, consolidam uma atitude de um romancista social. Sua intenção foi a de sensibilizar a população privilegiada, para que buscasse os ideais de uma sociedade justa.

Conhecido como um escritor de origem burguesa, filho de funcionários públicos desde o Império, gozou de uma situação financeira estável. Quando interpelado sobre sua condição de defensor dos ideais libertários, mas gozando de um relativo conforto material, respondeu que seu objetivo nunca foi o de tomar parte na miséria, mas de combatê-la.

A forte influência que o movimento anarquista exerceu sobre a obra de Fábio Luz, torna a dimensão política indissociável da posição educativa. Autor, obra e público serão os elementos norteadores do trabalho com os livros, considerando que:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos, de sublimação, e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento de valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe

do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CÂNDIDO, 2000, p. 21).

A obra literária de Fábio Luz não foge aos paradoxos de tal arte que, por vezes, reinventa o mundo a fim de expressá-lo. O quinhão de fantasia e sublimação não podem ser renegados como constituintes da obra, embora não sejam os objetos da investigação. Os romances são considerados como expressão do tempo e das idéias do autor. Sua posição política e militância marcaram a constituição de sua obra.

Qual é o caráter pedagógico da obra de Fábio Luz? Como é possível perceber a sua intenção educativa? As suas obras serão classificadas de forma que seja possível encontrar as respostas desejadas, observando as particularidades de cada texto. As obras analisadas neste capítulo são as seguintes:

Tese de Doutoramento	• Hipnotismo e livre arbítrio (1888)
Romances	• Ideólogo (1901) • Elias Barrão e Xica Maria (1906) • Manuscrito de Helena (1951)
Crítica Literária	• A paisagem no conto, na novela e no romance (1922) • Estudos de Literatura (1926) • Ensaio (1934) • Diomaras (1930)
Livros Escolares	• Leituras de Ilka e Alba • Memórias de Joãozinho
Folhetos	• A luta contra a tuberculose do ponto de vista social (1913) • Lua Nova e o Amor Livre (1922)

As suas obras de crítica literária e os seus folhetos trazem traços particulares da dimensão educativa do trabalho do autor. A produção dos folhetos corresponde a uma preocupação de informar o leitor, de forma rápida, refletindo sobre os aspectos urgentes e atuais de determinado assunto. A crítica literária não é uma atividade especificamente

militante, mas uma atividade na qual o autor propõe uma análise da arte literária. Para Fábio Luz, a literatura representava “a melhor base para o estudo real das civilizações e dos progressos, retrocessos, quedas e vôos do espírito humano”. (Luz, 1922, p. 224). Ele também realizou a tradução de algumas obras, entre elas, destaco o livro *Nicolai e a biologia da Guerra*, de Romain Rolland.

Em 17 de agosto 1888 Fábio Lopes dos Santos Luz defendeu a sua tese de doutoramento intitulada “*Hypnotismo e livre arbítrio*”, sendo aprovado na cadeira de “clínica psiquiátrica”, quando partilhava das idéias abolicionistas e republicanas. A tese mostra que o autor estava em consonância com os pensadores franceses, dos quais faz longas citações no decorrer do texto.

Sua dissertação aborda os seguintes assuntos: sono, sonho, sonambulismo, hypnotismo, sugestão, physiologia do hypnotismo, livre-arbítrio. Nesta tese analisa o processo de sugestão e hipnose, considerando o que é ser livre e o que é senso moral.

Ser livre é sujeitar as volições às solicitações do senso-moral, que é um obstáculo intelectual, e moral, imposto pela educação, como uma força coercitiva dos instintos egoístas de animalidade primitiva. Senso moral é a reunião de instintos sociais e altruístas, adquiridos pela necessidade de conservação e transmitidos pela hereditariedade, por meio dos quais julgamos as ações, pautando por ele os nossos atos. (LUZ, 1888, p. 38).

Três aspectos chamam atenção neste seu primeiro trabalho: o gosto pela liberdade, o interesse pelo tema educacional e o hypnotismo. Sua dissertação para o título de doutoramento aponta para a questão moral, presente na doutrina anarquista. Traça a importância da educação para a formação de um sujeito altruísta. Estes assuntos serão perseguidos em sua atividade de militante e educador e irão estar presentes no decorrer de sua obra literária, como a questão moral. Ainda que recorrentes estes assuntos apareceram em diferentes dimensões, durante sua vida, em decorrência da militância anarquista de Fábio Luz. O discurso médico foi ganhando contornos sociais mais amplos, assim como uma atitude contestadora e revolucionária.

Qual foi a relevância do tema hypnotismo e livre arbítrio para a formação do médico Fábio Luz? A primeira vez que se ouviu falar do uso da hipnose como terapia, no Brasil, foi no ano de 1887, na Academia Imperial de Medicina. Esta prática, difundida na França, foi introduzida no Brasil e ficou conhecida como método hipnótico-sugestivo.

Na Bahia, a prática da hipnose não foi bem vista entre os médicos e a população, especialmente devido à forte campanha da Igreja, contra este método de “dominação das almas” (CÂMARA, 2002). O hipnotismo se popularizou entre a classe média, especialmente no Rio de Janeiro. O tratamento destinado a senhoras, operários, professores, militares, médicos e sacerdotes, ganhou também as páginas dos jornais. Prometia amor, concórdia, amizade e preservar da loucura, tudo por práticas hipnóticas e de auto-sugestão. Fábio Luz, estudante dos autores franceses, considerava que muito do que estava sendo popularizado não passava de ilusão, como é possível observar na seguinte afirmação: “Fascinação, leitura do pensamento, dupla vista, cumberlandismo enfim, parecem contos de Edgar Poe, ou fantasias orientais.” (LUZ, 1888, p. 25).

Fábio Luz foi contra qualquer tipo de incentivo místico, oposto ao caráter científico com que tratou a questão. No Rio de Janeiro, os jornais exibiam propagandas, oferecendo conquistas milagrosas por meio da força do pensamento e da sugestão mental, incentivando a crença no poder mágico para curas e conquistas, como mostra a propaganda ilustrada no jornal *O Debate* de 1917:



Para Atrahir Facilmente Dinheiro-Saude-Felicidade. Uzae os Accumuladores Mentaes

Concedem, de um modo pratico e em pouco tempo, dons irrealizaveis para a cura de dores e doencas, desenvolvimeto do poder psychico ou magnetico, transmissao do pensamento a distancia, hypnotismo, auto-sugestao; inspirar amor, concordia ou amizade; desfazer influencias nocivas de inveja, odio ou quebranto; preservar de loucura, epilepsia, hysteria ou molestias nervozas; neutralizar os maus presagios; adivinhar; corrigir vicios; favorecer o sorte ou qualquer negocio; produzir, emfim, o bem-estar ou a felicidade em todos os sentidos. O medico, o sacerdote, o lavrador, o militar, o maritimo, o professor, o comediante, o jurista, o financeiro, o empregado, o operario, e mesmo qualquer senhora, lucrarão extraordinariamente com estes Accumuladores.

Um Accumulador sozinho dá resultado; mas os dois (Ns. 5 e 6), quando estão reunidos em poder de uma mesma pessoa, são muito mais efficazes para qualquer fim. Resultados garantidos por notabilidades. Preço de cada um, 33\$000 rs (dinheiro brasileiro), ou 55 francos. Faz-se pelo mesmo preço a remessa pelo correio, com todas as instruções em portuguez. Os pedidos de fóra devem ser enviados com as importancias em vale postal ou carta de valor registrado a

LAWRENCE & C.
45-Rua da Assembléa-43
RIO DE JANEIRO-BRAZIL

56

⁵⁶ Acervo do Arquivo Nacional.

Um espaço importante na formação do jovem médico foi a livraria Garnier, pois representou o início da sua carreira como escritor de romances. Nesta livraria conviviam autores e intelectuais, que a utilizavam como um lugar de debates. Fábio Luz considerou a livraria como um espaço de formação e rebeldia, como expressou a este respeito: “Fomos formando assim na Livraria Garnier um grupo de rebeldes, cada qual com sua tendência. Todos éramos contra o que se praticava em nome do povo, para a infelicidade do povo”. (LUZ apud RODRIGUES, 1993, p. 209).

O jovem médico estava em contato com escritores, como Machado de Assis e Ruy Barbosa, que formaram o grupo de imortais da Academia Brasileira de Letras. O espaço da livraria foi importante na vida de Fábio Luz, uma vez que lhe possibilitou estar em contato e participar de discussão com diferentes personalidades da literatura brasileira.

Garnier foi um livreiro-editor bem-sucedido, conhecido como o “Bom Ladrão”, que publicou a obra dos escritores e intelectuais da época e procurou formar um público de leitores. Foi um excelente investidor e publicou no Brasil obras de grandes autores internacionais, como Balzac, Alexandre Dumas e Oscar Wilde. Entre seus mais importantes escritores, esteve o nome de Machado de Assis.

Considerada a principal responsável pelo início do desenvolvimento editorial brasileiro, a livraria e editora tinha no andar térreo, um em frente ao outro, dois extensos balcões de madeira de lei polida separando as estantes de doze cadeiras que serviam de palco aos informais debates literários que se realizavam todas as tardes sob a liderança de Machado de Assis. Eram as ‘cadeiras dos doze apóstolos’. O mestre era Machado de Assis, o único a ter lugar cativo. [...] Por esse motivo, escritores que almejavam editar seus livros na Garnier disputavam a possibilidade de desfrutar das conversas de fim de tarde na editora e, na melhor das hipóteses, a condição de serem incluídos entre os apóstolos. (REIS, 2004, p. 6).

Em 1901, quando Fábio Luz publicou seu primeiro livro “*Novelas*”. A casa Garnier estava sob a administração de Hippolyte Garnier, que exigia dos escritores abdicassem do seu direito autoral, ou seja, a atividade literária não lhe renderia qualquer retorno financeiro.

O espaço da livraria foi importante para a formação de Fábio Luz como escritor, militante e educador. Foi neste espaço que ele teve contato com as obras literárias de autores anarquistas, especialmente de Kropotkin, com quem se identificou.

Este romance marca, na carreira de Fábio Luz, a forte influência que o anarquista Kropotkin exerceu sobre o seu trabalho. Kropotkin foi o defensor do comunismo libertário e pretendia mostrar que a anarquia não pregava a destruição da sociedade por meios violentos, conforme a idéia de Bakunin.

Defensor do comunismo libertário, Kropotkin associou darwinismo e sociologia para construir o princípio da ajuda mútua. Afirmava que o apoio mútuo era uma condição necessária para o desenvolvimento e o progresso da humanidade. Conforme explica Lima (1995):

Se o evolucionismo baseado na luta cruel e contínua entre as espécies, pela sobrevivência era o fundamento dos estudos de Darwin em *A origem das espécies*, Kropotkin encontrou em *A descendência do homem* argumentos completamente distintos, quando se tratava de uma espécie. Para Kropotkin, o naturalista inglês afirmava que dentro de uma espécie predomina o princípio da solidariedade. Este princípio é o que fortalece a luta pela sobrevivência entre as espécies diferentes. (LIMA, 1995, p. 26).

A identificação de Fábio Luz com Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), filho de aristocratas russos e fundador do comunismo anárquico, influenciou sua arte literária. Os seus romances trazem a influência do autor russo, assim como perpetua a forma como este divulgou o anarquismo, baseado na ciência e centrado na razão. Fábio Luz (1926) definiu a literatura russa como um conjunto de escritos preocupados com a renovação social, e não com a Ilustração, provenientes da Revolução Francesa. Segundo ele, na literatura russa, a erudição foi colocada a serviço de uma revolução social que não estava ligada aos burgueses, mas sim ao operariado.

Kropotkin desaconselhava a violência como meio de ação. Suas palavras “de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo os seus desejos” indicavam o rumo de suas ações em busca da livre distribuição da produção, da participação no trabalho como forma de colher os seus frutos.

Kropotkin acreditava que o homem, ao saber que nunca lhe faltará o essencial, retirará dos armazéns comunitários somente aquilo que lhe for necessário. A solidariedade e o respeito mútuo serão capazes de nortear a vida humana; o homem preguiçoso não devia ser obrigado por outros homens a trabalhar, pois isso violaria a liberdade individual. A coação moral o faria buscar o trabalho, a integração, deixando a inutilidade no passado.

A vida em sociedade foi vista como um fenômeno natural entre seres gregários, e essa necessidade de estar junto transcenderia, em resultados, qualquer lei imposta ao grupo. Os regulamentos seriam naturais de respeito e convivência. Sua atuação em prol da difusão dos ideais anarquistas se fez através da escrita.

Como concluiu Lima (1995), Fábio Luz admirou a erudição do pensamento de Kropotkin, sobre o qual escreveu uma pequena biografia e interpretou seus escritos. Para ele o escritor foi um venerável mestre, como escreveu no livro “Diomaras” (1934):

Quando nos Estudos de Literatura, a título de vulgarização, algo escrevi a respeito de autores da literatura russa, um distinto amigo, então residente em Londres, Vasco de Souza, esposo da notável romancista belga – Marie Joseph, [...] escreveu-me gentil carta, na qual manifestava estranheza por não ter dito eu alguma coisa da alta figura de Pedro Kropotkine. Justifiquei-me da falta apontada e delicadamente censurada pelo amigo, confessando que evitara macular o nome e a obra de tão alevantado vulto científico mundial e não simplesmente russo, pelo qual além de ilimitada admiração dediquei sempre verdadeira veneração. Ao sábio, e não ao literato, se dirigiam sempre minhas homenagens de discípulo. Nos livros dele completei minha formação moral, apurei minhas tendências sociais, intensifiquei minhas aptidões de revoltado.

As citações de Kropotkin ilustram a contra-capá de alguns de seus livros, inspiração constante de sua obra. Dedica um capítulo do seu livro “Diomaras” para a obra deste pensador anarquista, completando a análise sobre a literatura russa.

Kropotkin (1896) entendeu o anarquismo como uma tendência nova para a sua época, apoiada na filosofia e na ciência. Criticou as instituições sociais e defendeu a criação de uma nova ordem, eliminando o Estado e a Igreja. O anarquismo, em sua concepção, propõe a abolição das leis jurídicas, para concretizar entre os homens uma nova lei, fruto das relações éticas e solidárias.

O discurso de Kropotkin foi fundamentado no avanço da ciência de seu tempo. Considerou que, diante do avanço das ciências como a Astronomia, Matemática, Biologia, Física, História, seria necessária uma nova concepção de sociedade, no caso a anarquia.

As formas da concepção de uma sociedade anárquica foram diferenciadas, e pautadas em grandes figuras e pensadores. Bakunin acreditava que a revolução social se daria por meio de uma destruição da sociedade atual. Sua figura está relacionada com uma luta armada. Kropotkin, também pensador anarquista russo, desenvolveu uma ação

mais serena e intelectualizada. Como afirma Woodcock (2002), ele acreditava que o movimento revolucionário deveria ascender do meio do povo. Sua ênfase foi na propaganda e na disseminação do anarquismo por meio não-violento.

Kropotkin escreveu que os anarquistas foram assim denominados na Internacional, e que seus opositores os caracterizavam como aqueles que queriam criar o caos e a desordem, sem pensar nos resultados. A denominação foi aceita, com uma ressalva: a de associar a palavra a sua origem grega. Assim preferiam o prefixo grego *an* de anarquia, que “significava ausência de poder, e não desordem” (KROPOTKIN, 1868).

Os anarquistas questionavam a ordem estabelecida e as leis existentes, eles se revoltavam. E este sentimento de revolta apontava a destruição do já estabelecido para a criação de um mundo novo. Mundo este que só poderia se estabelecer por meio da transformação das consciências. A função da educação no movimento libertário seria a disseminação de uma nova forma de pensamento, capaz de construir um novo mundo, baseado nos preceitos de solidariedade e justiça.

Luizetto (1987) afirma que o anarquismo não se considerava um movimento de classes sociais, mas para todas as classes sociais. Kropotkin idealizou o movimento denominado de anarquismo literário,⁵⁷ a fim de atingir outras camadas da sociedade. Com o objetivo de fortalecer o movimento através da propaganda, foram planejadas ações educativas nos jornais, escolas e sindicatos.

Os anarquistas pretendiam revolucionar a sociedade, consolidando uma nova ética social libertária. Não previam a criação de etapas para a instauração de uma nova ordem social, nem tampouco a criação de um governo provisório, uma vez que a revolução social não necessitaria de uma revolução política, instituindo qualquer espécie de poder central. O processo educacional libertário teve como objetivo formar indivíduos singulares, capazes de viver em sociedade sem causar prejuízo e sem se deixar aniquilar por outrem.

Neste contexto, os agentes de transformação social deviam ser os próprios envolvidos. Para que esta ocorresse, seria necessária a conscientização dos indivíduos, que se concretizaria através do processo educacional. A educação, modificando a forma de pensar dos indivíduos, seria responsável pela revolução social.

⁵⁷ O anarquismo literário, segundo Luizetto (1987), foi um movimento criado por Kropotkin, no campo da literatura. Pretendia divulgar a doutrina anarquista elaborando material, como romances de fundo social, para atingir diferentes grupos sociais, e não apenas os operários.

3.2 O ideólogo da nova sociedade

Em 1903, Fábio Luz procura outra editora e publica seu romance *Ideólogo*. Este romance foi uma obra que o consagrou como um escritor anarquista. Marcado por um discurso de denúncia e crítica social, expressou as idéias do autor sobre a necessidade de construir uma sociedade diferente.

Neste romance, Fábio Luz retrata o cenário urbano do Rio de Janeiro, comparando as condições de vida da burguesia carioca e de uma parcela do operariado urbano. Trata das epidemias e da violência com que eram tratados os suspeitos de doenças contagiosas. Desenvolve sua história em dois cenários concomitantes: o lado rico e o lado pobre da cidade.



As palavras de Camões estampadas no início do livro, “*Metida tenho a mão na consciência / E não falo senão verdades puras*”, são utilizadas por Fábio Luz para conferir credibilidade às verdades da doutrina anarquista. Neste romance, Fábio Luz se empenha em tratar do tema libertário de uma forma didática, utilizando muitas vezes um discurso médico.

Em *Ideólogo*, o personagem Anselmo foi republicano e abolicionista e preocupava-se com a questão social. Anselmo é um homem de família rica que trabalha na divulgação da causa social entre os operários e entre as pessoas de seu meio social.

⁵⁸ Acervo da Biblioteca Social Fábio Luz.

Seus escritos defenderam calorosamente a doutrina anarquista, e podem ser traduzidas no anseio pela liberdade e solidariedade humanas. A militância de Fábio Luz destacou-se pela intensa luta que exerceu durante toda a sua vida, sempre de forma pacífica, fazendo da atividade escrita e da convivência com diferentes grupos uma forma de militância constante. Foi, segundo Edgar Rodrigues (1972), o primeiro escritor a introduzir temas libertários nos seus romances. Em seu livro *Ideólogo*, escreve: “Depois de homem ele recordava a organização de um povoado, e como a intervenção do governo pusera em desordem, com ódios e politicagem, aquela bela organização de paz e amor”.(LUZ, 1903, p. 40). No decorrer da obra, descreveu os pontos básicos do anarquismo, como neste trecho que apresenta o Estado como uma Instituição prejudicial à organização solidária. A apologia que faz do anarquismo deixa transparecer um caráter intencional de propaganda da doutrina. Associada a esta propaganda está o desejo de educar os leitores, proporcionando a reflexão sobre costumes da época.

O romance não foi visto por Fábio Luz como uma simples forma de entretenimento, mas como um meio de divulgar um ideal, de propagar uma doutrina. Sua intenção foi didaticamente estudada e os exemplos escolhidos de acordo com a moral anarquista defendida por ele, como na passagem abaixo:

No fim de algum tempo começou a organizar uma associação de auxílios mútuos, e daí o seu nome foi tomando vulto entre os operários, e ele já era apontado como chefe de propaganda nova. Nos últimos tempos estava muito ocupado com a montagem de um prelo donde sairia a sua Revista semanal. Ia entrar em cheio na atividade. Era preciso, agora que onhecia bem o meio, educá-lo. [...] Tudo concorria para torná-lo bom; o amor da mulher, o amor pela prole. Não há homem mau se ama o lar, e adora os filhos. (LUZ, 1903, p. 185).

O romance *Ideólogo* marca a oposição entre duas personalidades. Conta a história de um médico ‘impostor e degenerado’, que exemplifica a corrupção, a falta de solidariedade ao próximo e uma moral conturbada pelos interesses egoísticos. O seu oposto é representado por um advogado, trabalhador, honesto e solidário. Lima (1995) identifica o personagem Anselmo, jovem advogado sonhador, com Fábio Luz. Este personagem, que optou não acumular riquezas e viver entre os pobres, sem descuidar nunca do próprio lar.

Fábio Luz escreveu diálogos entre os personagens com a intenção de instruir o leitor, como em um jogo de perguntas e respostas. Tais diálogos perpassam todo o livro, abordando os assuntos referentes à moral anarquista.

— Mas tu queres fazer reformador? Queres emendar quanto vae de errado nessa sociedade? Deixa-te de utopias e enriquece. Dizem que a medicina é um sacerdócio. Idiotas! [...] Se houvesse a igualdade dos socialistas ou dos anarchistas para que serviria viver e trabalhar sem o gozo supremo da riqueza e do bem estar?

— Pode haver bem estar onde há sofrimento? [...] Essa dureza que blasonas não pode ser verdadeira; não chego à compreensão de uma tal insensibilidade moral. (LUZ, 1903).

No romance *Ideólogo*, é possível encontrar traços biográficos de Fábio Luz. A alusão constante a Bahia, sua terra natal, a questão republicana e escravocrata, a solidariedade para com o próximo, a formação médica, observa-se a questão da formação médica no trecho abaixo:

Pois Martha soube que era diplomado pela Academia da Bahia, e fez um escarcéu dos diabos, dizendo que os médicos formados por aquella Academia eram todos uns burros. Não queria. Chama-se um médico nortista embora, mas formado no Rio de Janeiro. (LUZ, 1903).

Trata, com humor, da questão relativa à sua formação de jovem médico que vem atuar na Capital. As reformas higienistas, propostas no período, a remodelização urbana também estão presentes no romance. O espaço urbano foi visto como um espaço de exclusão do pobre. Frisou uma oposição entre subúrbio e o Centro, a distância no transporte e os passeios na Rua do Ouvidor.

Seu romance é marcado por uma diferenciação entre o urbano e o rural. O espaço urbano é um espaço de perdição, de vícios, de sofrimento. Os menos privilegiados sofrem com as condições de moradia, dos hospitais públicos e das penitenciárias. Os mais abastados sofrem por uma imprudência moral que, como exemplifica, não traz felicidade, pois acabam ferindo-se nas mazelas causadas pela vaidade e por futilidades. Os espaços públicos e privados são considerados importantes para a saúde física e moral da população.

Associa a vida no campo como simples e livre e a vida na cidade como causticante. Por influência talvez dos filósofos russos do século XIX, que construíram

uma imagem da sociedade camponesa autônoma, como “o elo mágico entre uma sociedade perdida e um futuro cheio de promessas idílicas” (WOODCOCK, 2000, p. 204), Fábio Luz reforça essa idéia, conforme citação abaixo:

A vida livre num sítio no sertão quando sua mãe, tuberculosa, teve de deixar a Capital; a floresta virgem e imponente, e a ingenuidade são dos tabaréos, vinham se desenhando lá no fundo depois das muitas e apagadas sombras da meninice na sua Graça. Dali lhe viera também a tendência para os humildes. Depois de homem ele recordava a organização de um povoado, e como a intervenção do governo puzera em desordem, com ódios e politicagem, aquella bella organização de paz e amor. (LUZ, 1903).

Preocupou-se em convencer o público da alta sociedade da época de que o anarquismo era adequado para todas as pessoas da sociedade, e não só para os trabalhadores. Criticou os costumes da época, como os passeios furtivos pelos cafés do Centro, apenas para passar o tempo, desperdiçado em uma rotina nada construtiva.

O discurso médico está presente no livro, descrevendo as moléstias sofridas pelas personagens, especialmente Martha, esposa de Anselmo. Entretanto tal moléstia tem uma causa moral e educacional. Considerou que a educação feminina, repleta de futilidades, desconsiderava o papel que cabia à mulher na revolução social. A causa da doença desta personagem foi a degeneração social, isto é, a sociedade que torna os homens piores do que realmente são.

De mãe da família prometedora de uma prole sã fizeram uma histérica. Se fosse educada na liberdade fecunda dos campos, habituada ao trabalho e à fadiga, seria uma esposa exemplar. [...] Meteram-na num internato de irmãs de caridade, ensinando-lhe piano, canto, Francês, Italiano, Inglês, menteram-na nos misticismos da comunhão, [...] e ensinaram-lhe a ter os olhos baixos perante todos, enquanto ela se viciava nos dormitórios. [...] Não aprendera a ser esposa e mãe, não aprendera a lutar pela vida se não conseguisse casar. (LUZ, 1903, p. 76).

A cidade também é vista como um espaço de segregação, ilustrando a reforma de modernização e higienização pela qual o Rio de Janeiro passava. As doenças que se alastravam na cidade, especialmente a tuberculose e a febre amarela são ilustradas como uma situação social de opressão às classes trabalhadoras. Assim escreve Fábio Luz em uma das passagens do texto:

Sena de desolação e de desespero! O pobre enfermo foi transportado para um carro sem acomodações. A mulher e os filhos, em gritos, em lágrimas, metidos em outro, sentados em bancos soltos, que necessariamente no trajeto se deslocariam machucando os passageiros, aos solavancos pelas ruas, em um trajeto de quase duas léguas. As pobres crianças tiritando de frio e mal vestidas acordadas em sobressalto, vendo o pai levado como se fosse morto, por estranhos, choravam, e gritavam como posses. O pessoal da estalagem rugindo de indignação, assistia impotente a toda aquela sena. [...] — Eu, se fosse delegado de Higiene mandava fechar esta porcaria. (LUZ, 1903, p. 131).

No romance *Ideólogo*, Fábio Luz divulga o anarquismo procurando analisar diferentes situações sociais. Procurou convencer o leitor mostrando sutilezas de uma sociedade libertária em oposição à desigualdade vigente na sociedade de então. Colocou a situação da classe operária como uma situação de miséria e opressão que atingia toda a sociedade.

A atividade educativa de Fábio Luz esteve presente nos romances seguintes, de acordo com, o mesmo teor de uma ética do trabalho e consolidação de uma moral anarquista. Mas o romance *Ideólogo* apresentou um caráter ímpar por seu destaque dentre as obras de Fábio Luz.

Ideólogo abre um nuevo ciclo literário em el país, Del que surgieron nuevas corrientes literárias. En este libro perfílase el escritor de envidia com rasgos particularísimos. Han debido pasar cerca de veinte años para que esta novela adquiriera la importancia a que es acreedora dentro de las letras portuguesas [...] (CARPIO, 1945 apud LUZ, 1951).

O romance *Ideólogo* foi publicado no jornal anarquista *Na Barricada*, em folhetim a partir do dia 30 de setembro de 1915. O romance é reproduzido em duas ou quatro páginas por vez até novembro de 1915. O periódico reaparece em, 1ª de janeiro de 1916, quando continua a publicação do romance. Estampado no jornal anarquista, o romance muda seu suporte, com o objetivo de proliferar a propaganda do anarquismo.

3.3 Os *Emancipados* e outros escritos

Fábio Luz, além de escrever sobre a saúde da população e proferir palestras, dedicou cuidados especiais à população. Leôncio Correia (1951) conta que, durante uma epidemia de febre amarela, foi capaz de passar noites em um sofá de sua clínica no Méier, a fim de atender a população enferma que não tinha condições de custear o tratamento, fornecendo, em alguns casos, o remédio apropriado. Essa dedicação que fez com que seu nome fosse dado à rua onde atendia.

A presença do discurso médico em seus trabalhos se deu com o objetivo de esclarecimento e protesto. Sua formação científica se desmembrou nos romances que escreveu, na atividade médica filantrópica em panfletos divulgados entre a população, como este intitulado *A luta contra a tuberculose do ponto de vista social*, publicado pelo *Centro de Estudos Sociais*, uma entidade ligada à causa trabalhadora, também circulou em outros meios, como mostra este exemplar que pertenceu a Ruy Barbosa.



Neste trabalho, ele faz um estudo da tuberculose como uma doença causada pelo regime industrial capitalista e explorador. Considera as fábricas como um espaço de confinamento no qual o trabalhador não pode ser curado. Rago (1997) escreveu sobre a fábrica 'satânica', expressão utilizada para definir as condições insalubres do espaço físico das fábricas.

Nos anos de 1912 e 1913, quando este panfleto foi escrito, as fábricas eram espaços escuros e anti-higiênicos, no qual os trabalhadores se aglomeravam durante

⁵⁹ Acervo da Biblioteca da Casa de Leitura Rui Barbosa.

horas seguidas, permitindo a proliferação de doenças. A orientação de Fábio Luz no sentido de erradicar a tuberculose envolveu um projeto de transformação social em larga escala.

Sem que desapareça o regime industrial capitalista, explorador, absorvente desumano e cruel; sem que cada um consiga ter conforme as suas necessidades; sem que o capital passe a ter destino social; sem a revolução social enfim, que trará a igualdade econômica, o desaparecimento das fronteiras, o reinado da solidariedade perfeita e do auxílio mútuo e fraternal, com a república mundial, não se poderá dar combate eficaz ao terrível inimigo da humanidade – A Tuberculose. (LUZ, 1913).

As transformações urbanas no final do século XIX, no Rio de Janeiro e em São Paulo, refletem uma reorganização e modernização. A demolição de antigos quarteirões e a abertura de novas avenidas foram marcadas por uma política sanitária de higienização e purificação das cidades. A habitação do trabalhador tornou-se alvo de preocupação pública, como um espaço de proliferação de doenças contagiosas.

Rago (1997) escreve que a estratégia sanitária delimita a circulação dos corpos no espaço das cidades, vistoriando as residências dos trabalhadores, escuras e fétidas. Os antros de infecção são as casas de habitação coletiva, que passam a ser vistoriadas. A solução encontrada foi a desaglomeração dos pobres, erradicando o risco de contaminação e higienizando o espaço doméstico. Os médicos higienistas passaram a ser responsáveis pela vistoria das habitações, como escreveu Rago:

O controle global da população pobre da cidade seja nos lugares públicos, seja no espaço doméstico, por parte desses especialistas se funda na crença generalizada de que a “casa imunda”, o cortiço e a favela constituem focos onde se originam surtos epidêmicos, os vícios e os sentimentos de revolta. E o mal deve ser extirpado pela raiz. (RAGO, 1997, p.164).

Fábio Luz procurou mostrar a situação do ponto de vista dos trabalhadores, assolados pela miséria. Considerando a invasão do espaço privado do lar e o confinamento do doente como estratégias perversas de dominação dos corpos. Na sua concepção, a causa das doenças era gerada pela miséria. Não bastaria combater as doenças com medidas de higiene, mas combater as causas sociais que geravam um sistema desigual.

As estratégias de confinamento dos corpos em casas de detenção foram denunciadas por Fábio Luz. As condições pouco higiênicas do espaço físico, da saúde e de alimentação dos presos agravavam o crime, os vícios e a promiscuidade, tornando os homens piores do que eles são. Retoma mais uma vez as idéias de Kropotkin, quando este afirma que “a prisão mata no homem toda a vontade e a força de caráter, que encerra em suas paredes mais crimes do que em qualquer ponto do globo”. (KROPOTKIN, 1896).

Fábio Luz toma estas idéias argumentando que o Estado e a força policial são desnecessários na sociedade, pois o que estimula o crime é a desigualdade de oportunidades. Assim, o Estado e seus órgãos pervertem o homem, quando pretendem controlar e governar suas ações de forma injusta e opressora.

Fábio Luz recria em seus romances os ideais de uma sociedade anárquica. Os personagens são representantes da burguesia que acabam se envolvendo, de alguma forma, com a questão social. No livro *Os Emancipados*, os personagens conquistam a autonomia intelectual quando se libertam dos preconceitos sociais.

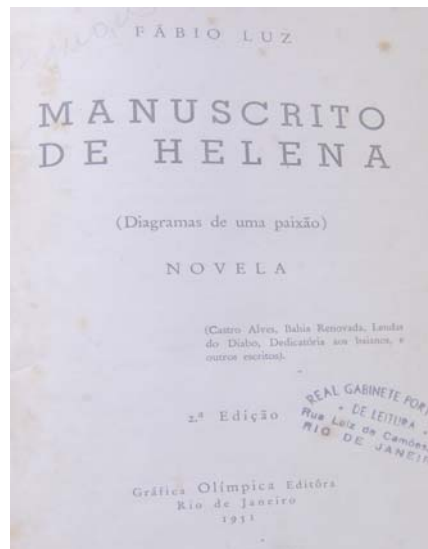


60

Fábio Luz propugnava, pelas páginas de seus romances, a educação política dos leitores. Uma forma contundente de expressar sua posição é a alusão constante a textos de Kropotkin estampados em seus livros. No livro *Os Emancipados*, narra a história de um grupo que se une para formar uma sociedade ideal, que conquista a liberdade através do desenvolvimento da intelectualidade. A cooperação entre os membros desta comunidade faz dela uma “Cidade Feliz”, denominação dessa comunidade ideal.

Mais uma vez Fábio Luz marcou seus princípios utópicos de construção de um mundo melhor na idealização de uma comunidade que vive sob os princípios libertários.

⁶⁰ Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.



61

Seu livro *Manuscritos de Helena*, surgiu como resultado de seu envolvimento com a questão feminina. Recebeu um diário com uma carta, pedindo sigilo sobre a identidade da autora, com os seguintes dizeres:

Tendo compreendido pelos vossos escritos que não sois adversários das mulheres literatas, ridicularizadas com o epíteto depreciativo de blue-stocking ou bas-bleu, remeto-vos o trabalho, de que tirei cópia, encontrado no acervo de minha tia Helena. Nele foram anotados, como em um diário, sua infeliz paixão e o caso da radiofonia bem caracterizado, tido, naqueles tempos, como loucura histérica [...]. Creio que prestareis bom serviço às letras, divulgando esta novela [...]. Epitáfia X

Nesta obra, encontrou também espaço para a abordagem psicológica, enfocando fenômenos como dupla visão, transmissão de pensamento e dupla personalidade, relacionando seu saber médico a seu ofício de escritor. Foi visto como um escritor e educador ligado à questão feminina, considerando-a como fundamental para a criação de uma sociedade libertária.

O pensamento de Fábio Luz apontou para a questão feminina tanto na imprensa como nos seus romances. No seu livro *Elias Barrão e Xica Maria*, contou duas histórias, nas quais a presença feminina esteve em destaque. *Xica Maria* é uma novela que conta as travessuras de uma mulher negra e envolvente no interior na Bahia.

⁶¹ Acervo do Real Gabinete Português de Leitura.



62

A história de *Elias Barrão* analisa as decepções amorosas de uma imigrante italiana, que abandona o marido em uma colônia rural, para viver com um homem rico e sordido. O desfecho mostra a vitória de um ideal de vida simples e honesto, quando a mulher retorna para o lar abandonado, reatando os laços afetivos com o marido, mantendo-se, assim, longe das decepções causadas por uma vida voltada para o luxo e a vulgaridade.

No romance, *Elias Barrão*, o personagem principal enlouqueceu devido aos desvios que cometeu durante a sua vida, mostrando que o excesso de egoísmo leva os indivíduos à degeneração da saúde, provocando danos ao sistema físico e mental. Neste romance fez uma apologia aos males causados pelo alcoolismo e por uma vida sem princípios ou ideais. Considerava que as classes privilegiadas eram vítimas da própria frivolidade, quando preocupavam-se apenas com as aparências e os prazeres perenes. Considera os laços de família fundamentais para uma organização social e educacional promissoras.

Nos livros de crítica literária, o autor comenta as obras de diferentes escritores nacionais e estrangeiros. Revela um interesse especial pela literatura russa, analisando a obra de Kropotkin. Realiza críticas literárias diversas e acrescenta, em seus livros, um tom de militante sonhador, quando acredita que o anarquismo pode inferir, até naqueles que dele não têm consciência, como escreveu:

Há passagens, idéias e teorias, no livro, de fundo verdadeiramente libertário, não só em referência à economia, como também a moral social. Isso indica que as idéias ácratas e a moral anarquista, sem que o queiram e muitas vezes, sem que o saibam, vai penetrando

⁶² Acervo da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa.

fundamente nos espíritos, fazendo adeptos até entre os escritores, políticos republicanos, que como Veiga Miranda, passando pelos cargos altos de secretário do Estado, saem desiludidos das bondades do regime, que se anunciou como único capaz de fazer a felicidade do povo. (LUZ, 19030, p. 46).

Acredita que o anarquismo se infiltraria no meio social como uma consequência de desilusões políticas, bem como na doutrina como uma verdade que, de tão óbvia, iria se proliferar, mas cuidava que não fosse por si mesma, quando fazia nos seus escritos uma propaganda contundente, procurando ensinar os leitores sobre as possibilidades de reabilitação social anárquicas.

3.4 Lua Nova e o amor livre: pensando o feminino



A socialização da mulher na Rússia foi o tema divulgado pela imprensa burguesa e também pelo filme “Lua Nova”. Estes episódios levaram os militantes a intensificar as discussões sobre o papel que a mulher ocupava até então na sociedade. O

⁶³ Acervo do Arquivo Nacional.

episódio a que o folheto dedicou-se foi um assunto relevante para o escritor Fábio Luz, que publicou o livro *Lua Nova e o Amor Livre*.

O que significava socializar as mulheres? O filme *Lua Nova*, exibido no “Éden Cinema”, provocou comoção entre os anarquistas e scandalizou os bons costumes da época. Na história narrada, as mulheres eram preparadas para serem socializadas como objetos sexuais pelos bolcheviques, tornando evidente que os preceitos de liberdade feminina não passavam de exploração e libertinagem.

A reação dos anarquistas e dos comunistas não tardou, consolidando um combate contra às idéias difundidas para a população. O papel que a mulher deveria ocupar na sociedade constituiu-se em uma prática pedagógica, que procurou difundir um conceito de independência da mulher e sua participação política, diferente daquele pregado no filme *Lua Nova*.

A Liga Feminista do Rio de Janeiro organizou um protesto contra a idéia da socialização feminina de *Lua Nova* (filme), tendo sido divulgado no panfleto com as seguintes palavras: “Os bolcheviques e os anarquistas longe de pensarem em “socializar as mulheres, o que desejam é tanto para elas, como para os homens haja inteira liberdade e independência.”

Nota-se que comunistas e anarquistas uniram-se para a defesa das idéias de liberdade feminina. Consideravam aviltantes e opressivas as condições de vida e educação de uma mulher na sociedade burguesa. O amor livre defendia uma união não-contratual, que só existiria enquanto desejo dos envolvidos. Homens e mulheres estariam livres para romper a relação a qualquer momento. Isso fica assim esclarecido no panfleto: “E se o amor que determinou a união vem a desaparecer e o convívio se transforma em opressão recíproca, dissolvendo-se a família, os filhos ficam amparados pela comunidade”.

O estabelecimento de uma nova forma de união, na qual o valor econômico não estivesse presente, uma vez que não haveria contrato ou bens para serem transmitidos, seria a base de uma sociedade na qual os direitos seriam iguais para homens e mulheres. Fábio Luz considera no livro *Lua Nova* que na sociedade libertária o amor seria a garantia das uniões felizes.

O livro *Lua Nova* conta a história de um marinheiro que viu, em Odessa, uma escola de amor livre, onde as mulheres seriam preparadas para a libertinagem. Fábio Luz ouviu a história de um bacharel, conhecido seu, sem tentar persuadi-lo do contrário.

Essa gente é irreductível; não quer ler, não quer aprender. Vendo-me sorridente, sem lhe contestar as patuscadas asserções, concluiu vitorioso, que me convencera, e disse, com ar protector: Bem razão tive de rir gostosamente da tola e infantil violência da Polícia, detendo um indivíduo cordato, como você é, incapaz de matar uma mosca impertinente. (LUZ, 1922, p. 4).

Fábio Luz, como uma pessoa cordata, que usou a escrita e a palavra como forma de disseminar a Pedagogia Libertária, propôs investigar no livro que história seria aquela de uma escola de amor livre. Seria necessário uma escola para ensinar a amar livremente? Analisando a questão do direito que tem a mulher de escolher livremente seu parceiro, sem interferências da família ou econômicas, descreve uma teoria libertária de educação feminina. Defendendo a idéia da escolha de parceiros livre de interesses econômicos e entendendo que a educação poderia influenciar positivamente na escolha de seu par ideal, escreveu:

Se tivesse eu levado a efeito uma propaganda que planejei, um dia, a respeito da educação sexual nas escolas, já que essa educação não se faz na família e no lar; se tivesse realizado as conferências que pretendi, à moda dos médicos franceses – Mathiev, Gillet, Mery, Regnier, Dufestel, Guinou e outros, - talvez fosse agora acusado de ter estabelecido uma Escola de Amor Livre. (LUZ, 1922, p. 11).

O interesse de Fábio Luz em discutir o papel da mulher em uma sociedade libertária faz com que ele comungue com a professora Maria Lacerda de Moura. A relação cordial entre ambos pode ser vislumbrada nas cartas que esta escreveu para Fábio Luz. Intuindo um amigo de ideais, travaram uma relação pautada em um singular ideal feminista, que se distinguiu do caminho tomado pelas associações feministas da época. Para exemplificar tal fato, observe-se o trecho a carta de Maria Lacerda de Moura, constante do arquivo pessoal de Fábio Luz:

Acabo de ler o seu magnífico folheto “Lua Nova” onde magistralmente narra o problema do amor livre e a situação da mulher no regime burguez-capitalista. Obrigadíssima pela parte que me toca em nome do meu sexo. Foi brilhante a defesa pela forma muito humana. (LUZ, [ca 1922]).

Maria Lacerda de Moura foi uma libertária por convicção. Nascida em Minas Gerais, atuou como professora, conferencista e jornalista. Autora de vários livros sobre a condição feminina, atuou junto aos anarquistas e comunistas (LEITE, 1984). Lutou

contra o facismo, a guerra e a condição subalterna da mulher. Sua personalidade audaciosa encontrou em Fábio Luz um apoio para suas idéias.

A militância de Fábio Luz e Maria Lacerda de Moura tinham pontos em comum. Defendiam a maternidade consciente, o direito ao amor e a educação como um instrumento de conscientização. Foi a crença na atividade educativa que ligou Maria Lacerda aos anarquistas. Consideravam a educação como um fator determinante na formação das consciências, e pregavam uma modificação no papel que a mulher ocupava na sociedade. Ainda segundo Leite (1984), a singularidade do pensamento de Fábio Luz e Maria Lacerda foi o de articular o problema da emancipação feminina com o problema do indivíduo no capitalismo. Pois a emancipação feminina só poderia ocorrer depois da emancipação humana.

Maria Lacerda de Moura se afastou da luta pelos direitos sufragistas femininos, considerando que o direito ao voto beneficiaria poucas mulheres. Concentrou seus esforços na luta contra a discriminação feminina, distanciando sua militância de questões ligadas à cidadania feminina. Tal posição aproximou sua posição do pensamento dos anarquistas e de Fábio Luz, que atacou, na imprensa, o esforço que as associações femininas realizavam para participar do pleito político.

A militância de Fábio Luz esteve associada ao movimento pacifista. Adepto da não-violência, concentrou, na educação, a crença para as modificações necessárias. Neste aspecto teve Maria Lacerda como aliada, considerando a educação como um processo de luta social.

Participar das eleições votando e candidatando-se não elevava, segundo eles, a posição da mulher, pois as instituições políticas eram utilizadas para a opressão e não para a conquista da autonomia.

Os anarquistas foram acusados de tentar destruir a família, criando o caos na vida social, o que expôs seus adeptos como pessoas que queriam destruir a vida social. A exposição social, ocasionava não só a repressão policial, mas também a ridicularização das personalidades envolvidas. Maria Lacerda e Fábio Luz sofreram essa discriminação, narradas em trechos de suas obras. A associação e o contato entre os pares davam a eles reconforto para seguir na sua investida.

A literatura médica e os estudos estatísticos, desenvolvidos no século XIX, constroem a idéia da mulher frágil, que, inferior ao homem, precisa estar reclusa ao espaço doméstico. As escolas deveriam formar “boas moças”, capazes de gerir a vida doméstica.

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais [...]. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentido de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize. (RAGO, 1997, p. 63).

Maria Lacerda considerou que a única emancipação possível para a mulher seria a do próprio corpo e de sua subsistência. A subjugação feminina subordinada à idéia do pecado circunscrevia a mulher ao espaço doméstico e sua educação tornava-se um excesso de futilidades, destinadas ao bom trato do lar e do marido. Sobre o mesmo assunto, Fábio Luz considerou que a “inferioridade da mulher não é physiologica nem psychological: é social. Sua escravização sexual determina sua vassalagem econômica” (LUZ, 1926).

Rago (1997), considera que o movimento operário também valorizou a mulher como guardiã do lar. Foi marcado por lideranças masculinas, enquanto as mulheres participavam de forma secundária, como mães e esposas. Embora a imprensa operária enfatizasse a importância da participação feminina, o número de mulheres sindicalizadas era pequeno.

Fábio Luz também trabalhou na tradução de algumas obras, como o livro de Romain Rolland (1866-1944), *Nicolai e a biologia da guerra* um autor francês. A proposta foi a de fazer guerra à guerra. A educação seria responsável também pela criação das mentalidades pacifistas, conforme define Maria Lacerda:

É a ação direta, é uma ação e a mais potente como a mais nova das ações, no dizer de Romain Rolland. Não é a resignação passiva., é justamente a atitude do verdadeiro combate, é o combate contra as tiranias interiores, e o combate das almas, a luta no campo mais alto das idéias e dos sentimentos humanos [...] (LACERDA apud LEITE, 1984).

A guerra foi abominada pelos anarquistas, que consideravam a defesa dos interesses da pátria um engodo, pois os interesses que deveriam prevalecer seriam os da humanidade. O combate à guerra foi uma constante na trajetória de Fábio Luz e Maria Lacerda de Moura foi uma convicta combatente do facismo. No livro traduzido por Fábio Luz, a análise o combate a guerra foi feito, segundo seu autor, para tranquilizar

sua consciência diante de tal atrocidade. As idéias contra a guerra foram vistas como antipatrióticas e seus correligionários vistos como cidadãos pouco confiáveis. As alianças efetivadas entre os anarquistas foram significativas para o apoio de suas idéias, como escreveu Maria Lacerda de Moura para Fábio Luz, a quem denominou seu irmão gêmeo de ideal: “*é por isso que a correspondência para nós é conforto é estímulo.*”

3.5 Livros escolares

Os livros escolares de Fábio Luz não foram encontrados nos arquivos pesquisados⁶⁴, apenas alguns vestígios de sua obra possibilitam vislumbrar as intenções educativas do autor nesta obra. Ele escreveu dois livros destinados à infância, ambos aprovados pela Diretoria Geral de Instrução Pública e adotados nas escolas oficiais.

Escreveu *Leituras de Ilka e Alba* (1912) e *Memórias de Joãozinho* (1917). O livro *Leituras de Ilka e Alba* foi dedicado às suas filhas. Chegou à quinta edição e, segundo as correspondências que guardou, foi muito elogiado no meio literário. A militante Maria Lacerda de Moura parabenizou o escritor pela excelente obra dedicada às inteligências infantis.

No arquivo pessoal de Fábio Luz, há uma poesia oferecida por Moacyr G. Almeida sobre o livro. Segue um trecho da mesma:

Verão rutila o sol nos verdejantes mares
Dos bosques, que se enrolam nas douradas gayas,
Ao fecundo clarão das radiações solares,
Descantam as cigarras de suntuosas asas

Cintilante manhã. Dos leques das palmeiras
Alçam vôos gentis, abrindo as leves asas
As ágeis andorinhas, — [?] dos ares —,
Em busca das beiras dos templos e das casas...

A poesia oferecida a Fábio Luz foi inspirada no livro *Leituras de Ilka e Alba* e falam de um tema ameno, contado para entreter as crianças cultivando a arte literária. Já a passagem do livro que Edgar Rodrigues traz, mostra um autor preocupado com uma escrita engajada para a infância, como é possível perceber no trecho abaixo:

⁶⁴ O Arquivo Edgar Leuenroth não foi consultado para este fim.

O auxílio – [assim pregava um dos muitos anarquistas da época] – não será deduzido da degradação da caridade, crismada laicamente com o nome de filantropia, humilhando brios, arrancando lágrimas de vergonha, aumentando aflições aos aflitos, consideração e pena do próximo; será, sim ato meritório de solidariedade humana, obrigação moral de consciência, dever do homem para o homem, que cada um se julgará no direito de exigir e na obrigação de prestar. (Do livro escolar *Leitura de Ilka e Alba*, do Dr. Fábio Luz – 5ª edição- Livraria Francisco Alves – Rio. In Rodrigues(1972)

Para o pesquisador que não teve acesso à obra do autor, resta a dúvida sobre o conteúdo das obras escritas por Fábio Luz para a infância. Obras que foram felicitadas tanto por militantes anarquistas, quanto por amigos escritores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os escritos de Fábio Luz, procurei o significado da sua prática educativa. Seus escritos revelam pistas da sua ação em diferentes espaços de formação e com diferentes interlocutores. Constroem uma idéia da formação de um educador anarquista brasileiro e seu campo de atuação, nas associações de trabalhadores, no *Centro de Estudos Sociais*, na *Universidade Popular*, nos jornais e nos romances.

A Pedagogia Libertária, operava em várias esferas sociais, procurou formar indivíduos capazes de gerir uma nova sociedade. Para os intelectuais como Fábio Luz, foi importante o desenvolvimento da intelectualidade aliado a uma ética solidária. A preocupação com o bem-estar social marcou o projeto educativo anarquista, voltado para a realização e bem-estar de todos.

Fábio Luz foi um militante, um intelectual e um educador, mas, acima de tudo, foi um utopista, um sujeito envolvido com a conquista de um ideal. A proposta anarquista valorizava o desenvolvimento da capacidade de cada sujeito dentro da sociedade.

Os educadores libertários foram militantes engajados com a causa social; ser educador era uma tarefa na emancipação do homem e um compromisso com a sociedade. Os libertários tinham uma concepção que ligava o magistério a uma missão de transformação social. Confeccionaram material específico para a propaganda educativa que produziram: jornais, romances, folhetos.

A fraternidade não se deu apenas para todos os homens, mas também para todas as mulheres. Fábio Luz escreveu sobre a identidade e sobre a educação feminina. Teceu, em seus escritos, inúmeras considerações sobre a vida feminina, questionando o papel destinado à mulher na sociedade, mas ligado à idéia da mulher confinada ao lar.

Fábio Luz foi um homem cheio de sonhos e procurou vivenciá-los, tornando-se um ícone na história do movimento libertário. Autor de vários romances, palestras, livros escolares de leitura, atuou junto aos trabalhadores nos sindicatos e junto aos professores, como Inspetor Escolar. Veio do interior da Bahia, para trabalhar no Rio de Janeiro e teve uma longa caminhada como uma pessoa solidária e que amava a liberdade.

Sua atividade médica foi filantrópica e ligada à causa operária. Seu interesse pela saúde da população aparece em palestras, proferidas nas associações de

trabalhadores e em seus romances. Estes últimos foram destinados a todos os grupos sociais, e não apenas aos trabalhadores, ampliando seu campo de atuação no movimento educacional libertário.

Fábio Luz preocupou-se com a educação dos trabalhadores, pois entendia que o movimento deveria estender-se para além da greve. Definia dois problemas: a questão social e a questão operária. Esta última referia-se aos salários e às horas de trabalho, enquanto a primeira referia-se ao anarquismo.

A imprensa, utilizada com função educativa, refletia a preocupação que tinham alguns anarquistas de construir uma imagem contrária a de terroristas e desordeiros. Foi o principal meio de divulgação da doutrina e educação dos trabalhadores.

Os anarquistas não puderam realizar atividades educativas de grande alcance, mas deram à educação uma dimensão grandiosa. A militância foi, especialmente no caso de Fábio Luz, José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, uma atividade letrada, marcada pelo desejo de novos paradigmas.

Fábio Luz foi um educador anarquista, um sujeito ligado à questão social que procurou, na educação, uma forma de emancipação da consciência, por meio da intelectualidade e da formação moral, baseada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. O indivíduo é valorizado no anarquismo como o foco de uma nova sociedade.

A formação de um educador anarquista se deu por meio de uma atividade dialógica, tanto nas rodas de intelectuais como nos sindicatos. Um educador anarquista envolvia-se com a questão social antes de envolver-se com a questão educacional.

A ética individual, preconizada pelos libertários, representou a crença na possibilidade dos indivíduos transformarem a si mesmos, e, assim, construir uma nova comunidade, como Fábio Luz sonhou nos seus romances. A ética pode ser entendida como um espaço de formação e de transformação do sujeito, através do qual o indivíduo faz da sua vida uma obra de arte.

FONTES DE PESQUISA

Arquivo

Arquivo Pessoal de Fábio Luz: Rio de Janeiro 1889/1933. Arquivo Nacional

Livros

LUZ, Fábio. *A paisagem no conto, na novela e no romance*. São Paulo, Monteiro Lobato e Cia, 1922.

_____. *Diomaras: aspectos literários (1908-1932)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ravaro, 1934.

_____. *Elias Barrão e Xica Maria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1915. Os Emancipados. Lisboa: Livraria Clássica Editora. A. M. Teixeira e Cia. 1906.

_____. *Ensaio*. Rio de Janeiro, Tip. Tipografia São Benedito, 1930.

_____. *Estudos de literatura*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Ginásio 28 de Setembro, 1926.

_____. *Hypnotismo e livre-arbítrio*. Dissertação apresentada para doutoramento. Faculdade de Medicina da Bahia, 1888.

_____. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Atina, 1903.

_____. *Lua Nova e o Amor Livre*. Rio de Janeiro, 1922.

Periódicos

AÇÃO DIRETA. Rio de Janeiro, 1947.

A GUERRA SOCIAL. Rio de Janeiro, 1911.

A LANTERNA. Rio de Janeiro, 1911.

A OBRA: semanário de cultura popular. Rio de Janeiro, 1920.

A PLEBE. São Paulo, 09 jun. 1917.

_____. São Paulo, 10 jun. 1917.

_____. São Paulo, 28 jul. 1917.

_____. São Paulo, 19 abr. 1919.

_____. São Paulo, 19 jul. 1919.

A REBELIÃO. Rio de Janeiro, 1914.

AURORA: revista mensal de crítica social e literatura, ano 01, n. 01, São Paulo, 01 fev. 1905.

A VIDA: periódico anarquista. Edição fac-similar. Centro de Memória Sindical (CMS); Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) (Org.). São Paulo: Ícone, 1988.

A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro: Confederação Operária Brasileira, ano 01, n. 04-08, ago./dez. 1908.

_____. Rio de Janeiro. Ano 01, n. 10-15, maio/jul. 1909.

_____. Rio de Janeiro. Ano 02, n. 16-21, ago./dez. 1909.

BOLETIM DA ESCOLA MODERNA. São Paulo, 1918.

NA BARRICADA: jornal de combate e crítica social. Rio de Janeiro, 1915/1916.

O AMIGO do Povo. Rio de Janeiro, 1904.

O DEBATE. Rio de Janeiro, 23 de ago.1917.

O ECHO DO MAR: propriedade das Associações de Marinheiros e Remadores e da União dos Fogueiros, ano 01, n. 01-10; 12-24, Rio de Janeiro, 1909.

O GRAPHICO. Rio de Janeiro, 1916.

SPARTACUS. Rio de Janeiro, 1919.

Artigos e Folhetos

AS DOUTRINAS libertárias. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Sociais, [ca. 1914].

CARPIO, Campio. Revista Hispánica Moderna, do Hispanic Institute, jan./abr. 1945. In: LUZ, Fábio. *Manuscritos de Helena*. Rio de Janeiro: Graf. Olímpico Editora, 1951.

CORREIA, Leôncio. Dados biográficos e bibliográficos do sr. Fábio Luz. In: LUZ, Fábio. *Manuscritos de Helena*. Rio de Janeiro: Graf. Olímpico Editora, 1951.

DIAS, Everardo. Jesus-Christo era anarquista! São Paulo, 1920.

GUARDYA, Francisco Ferrer. La escuela moderna. Barcelona, Tusquets, 1978.

KROPOTKIN, Piotr. O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos. São Paulo: Unitas, 1933. (Incompleto)

LUZ, Fábio. A Internacional Negra. Distribuição gratuita da Liga Anti-Clerical do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1919.

LUZ, Fábio. A luta contra a tuberculose do ponto de vista social. Rio de Janeiro, Centro de Estudos Sociais, 1913.

_____. Carta abertas aos camaradas. Spartacus, Rio de Janeiro, 1919.

_____. Nota à margem. Na Barricada, Rio de Janeiro, 1915.

_____. Pontos nos ii. Spartacus, Rio de Janeiro, 1919.

OITICICA, José. Princípios e fins do programa comunista-anarquista. Rio de Janeiro, [s.n.] 1919.

PINHO, Adelino de. Quem não trabalha não come. São Paulo, Cooperativa Graphica Popular, 1920.

Conferências e Palestras

DIAS, Everardo. A ação da mulher na revolução social. São Paulo: 1922.

LUZ, Fábio. A Imprensa e o Proletariado. Conferência lida no Festival Pró-Spartacus, Rio de Janeiro, ano 01, n. 02-04, 09 ago. 1919.

_____. Castro Alves. Mulher inspiradora e poeta anunciador. Palestra lida em sessão da Academia Carioca de Letras. In: *Manuscrito de Helena*. Rio de Janeiro: Graf. Olímpico Editora, 1951.

_____. Nós e os outros. Conferência lida no jornal A Plebe, São Paulo, 1922.

PINHO, Adelino de. Pela educação e pelo trabalho. Conferência lida na Liga Operária de Campinas, São Paulo, 13 dez. 1908.

Bibliografia

Livros

BAKUNIN, Mikhail. *A Instrução integral*. São Paulo: Imaginário, 2003.

_____. *O Socialismo libertário*. São Paulo: Global, 1979.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BELTRÃO, Ierecê. *Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios*. Didática: o discurso científico do disciplinamento. São Paulo: Imaginário, 2000.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARONE, Edgar. *Classes sociais e movimento operário*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Movimento operário no Brasil (1897-1914)*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

CARRERI, Marcio Luiz. *Agulha no palheiro*: reflexões sobre o anarquismo e sua presença nos livros didáticos. Londrina: UEL, 2001.

CAVALCANTI, Jardel. *Os anarquistas e a questão moral*. São Paulo: Cone Sul, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHOMSKY, Noam. Notas sobre o anarquismo. São Paulo: Imaginário, 2004.

CIMAZO, Jacinto. *Fernando Quesada*: un trozo de historia libertaria. Buenos Aires: Editorial Reconstruir, 1979.

COELHO, Plínio Augusto. *Mikhail Bakunin*: a instrução integral. São Paulo: Imaginário, 2003.

CUBERO, Jaime. *Anarco-sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Index Librorum Prohibitorum, 2004.

DIAS, José Maria Hernandes. Etnografia e história material de la escuela. In ESCOLANO BENITO, Agustín; DIAS, José Maria Hernandes (Coords.). *La memoria y el deseo*: cultura de la escuela y educación deseada. Valencia: Tirant lo Blanch, 2002. p. 225-246.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

ENRIQUEZ, Eugéne. *Da horda ao estado*: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social no Brasil. São Paulo: DIFEL, 1976.

FERREIRA, Maria Nazaré. *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.

GALLO, Silvio. *Pedagogia do risco*: experiências anarquistas em educação. Campinas: Papirus, 1995.

GHIRALDELLI, Paulo. Educação e movimento operário. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FVG, 2005.

_____. *Velhos militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GUÉRIN, Daniel. *El anarquismo*. Buenos Aires: Annares, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JEREMIAS, Marcolino et al. (Orgs.). *Três depoimentos libertários: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Gimenez Moreno*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.

KASSICK, Neiva Beron; KASSICK, Clovis Nicador. *A pedagogia libertária na história da educação brasileira*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2001.

_____. *O estado e seu papel histórico*. São Paulo: Imaginário, 2000.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LOPES, Milton. *Crônica dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

LUIZZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUZ, Fábio. *Manuscrito de Helena*. Rio de Janeiro: Graf. Olímpico Editora, 1951.

LUZ FILHO, Fábio. *Cooperativas escolares*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Economia Rural, 1960.

MALATESTA, Errico. *A Anarquia*. São Paulo: Imaginário, 2001.

MCLAREN, Peter. *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MENEZES, Maria Cristina de. (Org). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Floriano: memórias e documentos — biografia do Marechal Floriano Peixoto*. Ministério da Educação: Rio de Janeiro, Brasil, [1938?].

MORIYÓN, G. F. (Org.). *Educação Libertária: Bakunin, Kropotkin, Mella, Robin, Faure, Pelloutier*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

NÓVOA, Antônio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens desestabilizadoras na formação de subjetividades inconformistas: por um projeto emancipatório. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart (Orgs). *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PERES, Antônio Fernando. Estratégias de aproximação, sociedades de idéias e educação anarquista em São Paulo na Primeira República. In: Revista Brasileira de História da Educação. Campinas: SP, Autores Associados, n. 6, 2006. p.135-167

PIERROT, Marc. *Sobre o individualismo*. São Paulo: Index Librorum Prohibitorum, 2004.

PRADO, Antônio Arnoni. *Libertários no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante — cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Entre a história e a liberdade: Luci Fabri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *Foucault, história e anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

_____. *Narrar o passado, repensar a história*. São Paulo: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. São Paulo: Editores Associados, 1993.

RODRIGUES, Edgar. *Nacionalismo e cultura social: 1913-1922*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972.

- _____. *Os anarquistas e os sindicatos*. São Paulo: Sementeira, 1981.
- _____. *O anarquismo no teatro, na escola e na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- _____. *Os libertários*: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco e Fábio Luz. Rio de Janeiro: Editores Associados, 1993.
- _____. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas, SP:Unicamp, Cecult, 2001.
- ROLLAND, Romain. *Nicolas e a biologia da guerra*. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1928.
- SAFÓN, Ramón. *O racionalismo combatente*: Francisco Ferrer y Guardia. São Paulo: Imaginário, 2002.
- SALE, Kirkpatrick. *Inimigos do futuro: a guerra ludista contra a revolução industrial e o desemprego*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SALLES, Iza. *Um cadáver ao sol: a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance*. São Paulo: Ed 34, 2000.
- SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarco-sindicalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá (Org.). *Educação libertária: textos de um seminário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1996.
- SIMÃO, Aziz. *Sindicato e estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1981.
- STINER, Max. *O falso princípio da nossa educação*. São Paulo: Imaginário, 2001.
- VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de (Orgs.). *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento: as palavras sem centro. In: GONDRA, José Gonçalves; KOHAN, Walter (Orgs). *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 107-127.

WOODCOCK, George. *História das idéias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Revistas

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, CPDOC / FGV, p. 9-34, 1998.

CÂMARA, Fernando Portela. Instituição da psicoterapia na medicina brasileira: 1887-1889. **Psychiatry on line Brazil**. Disponível em: <<http://polbr.med.br/arquivo/wall1013.htm>>. Acesso em: dez. 2006.

GALLO, Silvio. Ética, ciência e educação na perspectiva anarquista. **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia: EDUF, n. 09 jul./dez. 1995. p. 07-29.

LUIZZETTO, Flávio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX. **Educação e Sociedade**, UNICAMP, Campinas, ano 04, n. 12, set. 1982.

MENEZES, Maria Cristina de. A escola e sua materialidade: o desafio do trabalho e a necessidade de interlocução. **Pro-posições** – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 16, n. 01, jan./abr. 2005. p. 13-18.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta. Historiografia da educação e fontes. Porto Alegre: **Cadernos ANPED**, n. 5, 1993.

Teses e dissertações

CAMACHO, Suzana Brunet. *Cadernos de segredos: marcas da educação católica na escrita íntima*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. (Dissertação de mestrado)

JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações anarquistas na República Velha*. São Paulo: UNICAMP, 1989. (Dissertação de mestrado)

KAMEL, Dilson José Nogueira. *José Otiticica: um anarquista brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. (Dissertação de mestrado)

LIMA, Josely Tostes de. *A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz (Rio, 1903/1938)*. São Paulo: PUC, 1995. (Dissertação de mestrado)

MORAES, José Damiro de. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos Centros de Cultura Social*. São Paulo: UNICAMP, 1999. (Dissertação de mestrado).

QUEIROZ, Cristina S. *A educação como estética da existência: uma crítica anarquista ao construtivismo*. São Paulo: UNICAMP, 2002. (Dissertação de mestrado)

SILVA, Rodrigo Rosa. *Imprimindo a resistência: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo*. UNICAMP, 2005 (Dissertação de mestrado)